

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS
(UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB)**

ELAINE MARIA FONSECA SIMÕES

ESCRITA ABREVIADA: DA INTERNET PARA A ESCOLA?

Rio de Janeiro
2018

ELAINE MARIA FONSECA SIMÕES

ESCRITA ABREVIADA: DA INTERNET PARA A ESCOLA?

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Professor Doutor Gean Nunes Damulakis

Rio de Janeiro
2018

ELAINE MARIA FONSECA SIMÕES

ESCRITA ABREVIADA: DA INTERNET PARA A ESCOLA?

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Professor Doutor Gean Nunes Damulakis (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Jaqueline dos Santos Peixoto (Membro da Banca)
Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROFLETRAS

Professora Doutora Deise Cristina de Moraes Pinto (Membro da Banca)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Patrícia Maria Campos de Almeida – (suplente interno)
Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROFLETRAS

Professora Doutora Naira de Almeida Velozo – (suplente externo)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, que são o ar que respiro, à minha mãe, minha fortaleza, e a todos os meus alunos, que me inspiram a ser melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo que me fez e por cada dia de vida e de luz.

Aos meus filhos, pelo amor, pelo que representam para mim, por suportarem meu estresse e ausência e, ainda assim, conseguirem retribuir a todo o amor que lhes tenho, amor maior, sobre todas as coisas do mundo.

À minha mãe, por ser meu exemplo, engrenagem e esteio, tornando minha vida possível há 45 anos, todos os dias.

À Neuma, pela ajuda com a bagunça em meio a tantos livros e papéis.

Aos meus familiares e amigos, que torceram por mim, entenderam meus não e me incentivaram dia a dia.

À Grazi, Beth, Monique, Wallace e outros queridos amigos que me socorreram quando precisei e me ajudaram simplesmente por serem especiais.

À Ana e ao Bruno, pela paciência e ajuda.

Ao Facebook e ao WhatsApp, que serviram de suporte para a pesquisa e para que eu pedisse socorro com as tecnologias.

Aos meus queridos companheiros da turma 3, em especial à Aninha, Dri, Quel e Lis pela união em forma de dicas, leituras, seminários e ações, mas a todos pela amizade e sintonia, parceria e confiança, pelos risos e desabafos, pelas festas e abraços, e até pelas piadas com a “Élaine”.

Ao meu afilhado Gabriel, pelo abstract, e à amiga Priscilla, pelo resumen, que, com carinho, atenderam ao meu pedido e a quem retribuo com amor.

Ao meu orientador Gean Nunes Damulakis, que, com esmero e paciência, ajudou-me a chegar aqui; que, com sabedoria admirável e senso de humor criativo, tornou cada orientação enriquecedora e prazerosa; e que, com seu jeito cativante e competente, plantou raízes no meu coração e será sempre referência para mim.

Aos membros da banca da qualificação, professoras Jaqueline dos Santos Peixoto e Deise Cristina de Moraes Pinto, pela generosidade das preciosas orientações e às professoras suplentes Patrícia Maria Campos de Almeida e Naira de Almeida Velozo pela disponibilidade e carinho .

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos professores do PROFLETRAS, por tudo o que aprendi e levarei comigo em sala de aula e fora dela.

Aos colegas professores, coordenação pedagógica, diretores e equipe de apoio das escolas, que me permitiram realizar a pesquisa confiando em mim e me acolhendo com todo o carinho.

Aos colegas professores que, gentilmente, responderam à pesquisa doando seu tempo e compartilhando sua experiência.

Aos meus queridos alunos, pela energia, alegria, participação, afeto na plenitude da palavra, pela troca e por tudo o que aprendi e aprendo com vocês.

À professora Marina Paranhos, à Reivani e à Naira por serem, mesmo de longe, referências para mim na vida acadêmica me incentivando a fazer a especialização mesmo depois de vinte anos de formada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu concluísse esta jornada, dando-me colo, paz, esclarecimentos, força, oração; aos que se orgulham de mim; aos que acreditam em mim; aos que lerão este trabalho; aos que farão diferença em suas salas de aula; aos que tentam, como eu, perseverar na educação plantando um pouquinho das sementes de que o mundo precisa para ser um lugar melhor.

Obrigada, Senhor, por tudo isso! Que a paz de Jesus e o amor de Maria estejam sempre conosco!

“Chega mais perto e contempla as palavras.

*Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?”*

(Carlos Drummond de Andrade em Procura da Poesia)

RESUMO

Este trabalho investiga o quanto a escrita abreviada (encurtamento ortográfico de palavras e expressões) utilizada pelos jovens na internet se estende para a escrita escolar e propõe uma abordagem do tema em sala de aula. Temos, como sujeitos, jovens de 11 a 17 anos e adultos, que são ou já foram alunos da pesquisadora, em diferentes séries de ensino: 6º, 7º, 8º, 9º anos do Ensino Fundamental - turmas regulares e de PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) - e 1º ano do Ensino Médio. Esta pesquisa se desenvolveu pautada em três dimensões: a primeira parte contém uma abordagem teórica; a segunda, uma abordagem empírica baseada na análise de dados; a terceira, uma abordagem do tema em sala de aula. Como referencial teórico, foram utilizadas gramáticas escolares, além de pesquisas e trabalhos recentes sobre fonologia e morfologia e sua interface com a escrita, livros sobre a história da escrita e livros sobre os usos da linguagem na tecnologia de informação. Depois, contamos com três objetos de estudo na coleta e análise de dados: entrevistas com professores, observação dos casos de encurtamento ortográfico extraídos da internet e uma redação aplicada nas turmas antes de qualquer comentário sobre o tema da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com professores de idade e tempo de experiência docente diferentes para que expressassem como estão vivenciando e percebendo as mudanças na transição de um “mundo analógico” para um “mundo digital” e a influência na escrita em outros gêneros. O segundo objeto foi a observação de casos extraídos da internet exemplificando a escrita abreviada usada pelos alunos da rede pública de ensino a fim de observarmos como se procedem tais reduções. O terceiro objeto foi a análise das redações aplicadas em sala de aula a fim de percebermos se, de fato, a escrita abreviada migraria para a escrita escolar. Diante dessas leituras e observações, foi sugerida uma forma de abordar o tema em sala de aula a fim de desmistificar o uso dessa escrita já tão difundida entre os jovens.

Palavras-chave: Escrita abreviada. Internet. Escola.

ABSTRACT

This work investigates how the abbreviated writing used by young people on the internet extends to school writing and proposes an approach to the theme in the classroom. We have, as subjects, 11 to 17 year olds and adults, who are or have already been students of the researcher, in different grades: 6th, 7th, 8th and 9th years of Elementary Education - regular and PEJA (Youth and Adult Education Program) and 1st year of high school. This research was developed based on three dimensions: the first part contains a theoretical approach; the second, an empirical approach based on data analysis; the third, an approach to the theme in the classroom. As a theoretical reference, we used school grammars, researches and recent works on phonology and morphology and its interface with writing, books on the history of writing and books on the uses of language in information technology. Then, we have three objects of study in the collection and analysis of data: interviews with teachers, observation of the abbreviations extracted from the internet and a writing assignment applied in the classes before any comment on the research theme. The interviews were conducted with teachers of different ages and backgrounds to express how they are experiencing and perceiving changes in the transition from an "analogue world" to a "digital world" and the influence on writing in other genres. The second object was the observation of cases extracted from the Internet, exemplifying the abbreviations used by the students of the public school system in order to observe how *such abbreviations and their suppressions tend to occur*. The third object was the analysis of the essays applied in the classroom in order to realize if, in fact, the abbreviated writing would migrate to the school writing. In light of these readings and observations, a way of approaching the subject in the classroom was suggested in order to demystify the use of this already widespread writing among the young people.

Keywords: Abbreviated writing. Internet. School.

RESUMEN

Este trabajo investiga cuánto la escritura abreviada utilizada por los jóvenes en Internet se extiende a la escritura escolar y propone un abordaje del tema en el aula. En el caso de los jóvenes de 11 a 17 años y adultos, que son o han sido alumnos de la investigadora, en diferentes series de enseñanza: 6, 7, 8, 9 años de la Enseñanza Fundamental - clases regulares y de PEJA Educación de Jóvenes y Adultos) - y 1º año de la Enseñanza Media. Esta investigación se desarrolló pautada en tres dimensiones: la primera parte contiene un enfoque teórico; la segunda, un enfoque empírico basado en el análisis de datos; la tercera, un enfoque del tema en el aula. Como referencial teórico, se utilizaron gramáticas escolares, además de investigaciones y trabajos recientes sobre fonología y morfología y su interfaz con la escritura, libros sobre la historia de la escritura y libros sobre los usos del lenguaje en la tecnología de información. Después, contamos con tres objetos de estudio en la recolección y análisis de datos: entrevistas con profesores, observación de los casos de acortamiento ortográfico extraídos de internet y una redacción aplicada en las clases antes de cualquier comentario sobre el tema de la investigación. Las entrevistas fueron realizadas con profesores de edad y tiempo de experiencia docente distintos para que expresaran cómo están vivenciando y percibiendo los cambios en la transición de un "mundo analógico" a un "mundo digital" y la influencia en la escritura en otros géneros. El segundo objeto fue la observación de casos sacados de internet ejemplificando la escritura abreviada usada por los alumnos de la red pública de enseñanza a fin de observar cómo ocurren tales reducciones. El tercer objeto fue el análisis de las redacciones aplicadas en el aula a fin de percibir si, de hecho, la escritura abreviada migraría a la escritura escolar. Ante estas lecturas y observaciones, se sugirió una forma de abordar el tema en el aula a fin de desmitificar el uso de esa escritura ya tan difundida entre los jóvenes.

Palabras clave: Escritura abreviada. Internet. Escuela.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Palavras abreviadas em marcas e programas.....	18
Figura 2	A Carta de Pero Vaz de Caminha – Leonardo Arroyo.....	40
Figura 3	Tabuleta encerada do século III d.C. com Notas Tironianas.....	42
Figura 4	Meme sobre siglas reversas.....	72
Figura 5	Notas Tironianas.....	97
Figura 6	Lista de Abreviaturas da Gramática.....	98
Figura 7	Abreviaturas usadas nos séculos VIII/XIX.....	99
Figura 8	Abreviaturas usadas nos séculos VIII/XIX.....	99
Figura 9	Abreviaturas usadas nos séculos VIII/XIX.....	100
Figura 10	Ocorrências de escrita abreviada nas redes sociais.....	102
Figura 11	Caneta entregue aos participantes.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Contagem de segmento.....	23
Gráfico 2	Respostas dos professores da Língua Portuguesa de escolas diversas do estado do RJ – usa a Internet para se comunicar com que frequência.....	60
Gráfico 3	Respostas dos professores da Língua Portuguesa – Contagem de “Você considera esse recurso de escrita digital, para o aluno”.....	61
Gráfico 4	Respostas dos professores de todas as matérias – Você considera esse recurso de escrita digital, para o aluno.....	62
Gráfico 5	Percepção do professor em relação ao uso de formas abreviadas em textos na escola.....	66
Gráfico 6	Transcrição de “fds”.....	71
Gráfico 7	Transcrição de “bff”.....	73
Gráfico 8	Transcrição de “pmd”.....	74
Gráfico 9	Transcrição de “tmj”.....	74
Gráfico 10	Percentual de alunos que entenderam o texto.....	77
Gráfico 11	Quantitativo de alunos por turma.....	84
Gráfico 12	Dez reduções ortográficas mais citadas no trabalho em sala...	109
Gráfico 13	Resposta dos alunos para as palavras descontextualizadas Questão 1 de 5.2 (seção).....	110
Gráfico 14	Resposta dos alunos para palavras abreviadas contextualizadas. Questão E da atividade (seção) 5.3.....	115
Gráfico 15	Resposta dos alunos para palavras contextualizadas – mais de uma interpretação.....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Crônica Siglas.....	29
Quadro 2	Taquigrafia Romana.....	41
Quadro 3	Abreviações Romanas.....	42
Quadro 4	Tipos de traços da CMC.....	48
Quadro 5	Entrevista com os professores – Justificativa.....	63
Quadro 6	Identificação de reduções ortográficas fora de contexto.....	70
Quadro 7	Texto Pneu furado.....	76
Quadro 8	Perguntas sobre o texto “Pneu furado”, Veríssimo, 1991.....	76
Quadro 9	Algumas respostas dos alunos para a questão B da atividade 5.3.....	78
Quadro 10	Algumas respostas dos alunos para a questão C da atividade 5.3.....	79
Quadro 11	Escrita de bilhete, atividade aplicada aos alunos.....	81
Quadro 12	Indicador de Alfabetismo.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Ocorrências nas redes sociais – vocábulos.....	55
Tabela 2	Ocorrências nas redes sociais – sintagmas.....	56
Tabela 3	Ocorrências nas redes sociais – sentenças.....	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	20
2.1	DOS SUJEITOS E CONTEXTO DA PESQUISA.....	22
2.2	COLETA DE DADOS.....	24
2.3	QUESTÕES E HIPÓTESES.....	24
3	REFERENCIAL TEÓRICO	26
3.1	SOBRE A ESCRITA ABREVIADA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	26
3.2	SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	34
3.3	DAS ORIGENS DA ESCRITA ABREVIADA.....	39
3.4	DA LINGUAGEM NA INTERNET.....	43
3.5	QUADRO EDUCACIONAL.....	48
4	ANÁLISE DE DADOS	54
4.1	OCORRÊNCIAS NA INTERNET.....	54
4.1.1	Escrita abreviada	54
4.1.1.1	<i>Vocábulos</i>	55
4.1.1.2	<i>Sintagmas</i>	56
4.1.1.3	<i>Sentenças</i>	57
4.2	PROPOSTA DE REDAÇÃO COMO SONDAÇÃO.....	58
4.3	ENTREVISTA COM PROFESSORES.....	60
5	APLICAÇÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	68
5.1	MOMENTO 1: INTRODUÇÃO AO ASSUNTO.....	68
5.2	MOMENTO 2: TRANSCRIÇÃO DE PALAVRAS ABREVIADAS DESCONTEXTUALIZADAS PARA PALAVRAS PLENAS.....	69
5.3	MOMENTO 3: LEITURA DE TEXTO COM PALAVRAS ABREVIADAS	75
5.4	MOMENTO 4: ESCREVER UM BILHETE SEGUINDO CONDIÇÕES ESPECÍFICAS.....	80
6	SINTETIZANDO ATIVIDADES, RESPONDENDO QUESTÕES	84
6.1	DAS TURMAS.....	86

6.2	COMENTÁRIOS DE PROFESSORES.....	87
6.3	SOBRE QUESTÕES E HIPÓTESES.....	87
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	94
	ANEXOS	96
	ANEXO A - LOCUÇÕES EM NOTAS TIRONIANAS.....	97
	ANEXO B - ABREVIATURAS - GRAMÁTICA ORTOGRAFIA OFICIAL REDAÇÃO LITERATURA TEXTO E TESTES.....	98
	ANEXO C - EXEMPLOS DA ESCRITA E ABREVIATURA BRASILEIRA ATRAVÉS DOS SÉCULOS– SÉCULOS XVIII/XIX.....	99
	ANEXO D - QUADRO SOBRE ÍNDICES DE ALFABETISMO.....	101
	ANEXO E - IMAGENS EXTRAÍDAS DAS REDES SOCIAIS COM EXEMPLOS DE ESCRITA ABREVIADA.....	102
	ANEXO F - RESPOSTA NA ÍNTEGRA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS.....	106
	ANEXO G - REDUÇÕES ORTOGRÁFICAS EXEMPLIFICADAS PELOS ALUNOS EM SALA DE AULA.....	108
	ANEXO H - GRÁFICO COM AS DEZ REDUÇÕES ORTOGRÁFICAS MAIS CITADAS NO TRABALHO EM SALA	109
	ANEXO I - GRÁFICOS DA PESQUISA.....	110
	ANEXO J - LEMBRANÇA DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E DAS ATIVIDADES AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	120
	ANEXO K (PEQUENO) GLOSSÁRIO DE ESCRITA ABREVIADA DA INTERNET NO BRASIL.....	121

1 INTRODUÇÃO

O panorama educacional e econômico na sociedade brasileira hoje vem sendo moldado por diversas perspectivas, inclusive pela inserção da tecnologia da informação. Essa revolução tecnológica adentrou quase todos os aspectos da vida diária alterando, fundamentalmente, não só nossos conceitos, como também nossa organização de espaço, tempo e forma com que nos comunicamos.

Mensagens podem ser enviadas e recebidas simultaneamente, reuniões de trabalho podem ser feitas por pessoas que estão em espaços geograficamente diferentes, bibliotecas e revistas podem ser visitadas em questão de segundos. Tais expressões digitais exigem da sociedade não apenas infraestrutura material, mas também uma evolução nos conceitos humanos e de ensino-aprendizagem. É preciso, a partir dessa análise, rever nossos paradigmas e analisar as transformações a que estamos sujeitos. Diante disso, esta pesquisa visa contribuir com a integração da comunicação on-line e off-line através de uma análise mais pormenorizada da escrita abreviada na Internet e sua influência na escrita escolar e de uma proposta de abordagem do tema em sala de aula.

Por exemplo, a seleção das letras nos encurtamentos ortográficos não é aleatória, segue padrões suficientes que garantam a compreensão do vocábulo e, justamente por haver sistematização, há usos admissíveis e outros que desconfigurariam o entendimento; como prática de uso, demonstra habilidade dos usuários para escrever de maneira abreviada. Por isso, tal processo de escolha também será observado ao longo da pesquisa.

São muitas as questões que povoam a mente dos professores ao longo de sua carreira. Recém-formados ou já com aposentadoria iminente, de um modo geral, questionam conteúdos, métodos e sua própria prática além de indagarem sobre a utilidade disso tudo na formação dos alunos. Dentre esses questionamentos, paira a busca da melhor forma de se ensinar língua portuguesa na escola. Não há uma regra absoluta e nem pretendemos responder a todas essas questões. O que torna esta pesquisa relevante é o fato de refletirmos sobre a comunicação dos jovens, suas formas legítimas, e até mesmo ancestrais, de criar códigos, e também a tentativa de entender como o corpo docente vê a transformação tecnológica na prática, como lida

com as inovações e, a partir de tudo isso, propor um modo de abrir portas para um ensino moderno mais envolvente no que tange às novidades desse mundo vivido por eles, e por que não dizer, por todos nós. Conhecer a língua e se valer dos seus mais variados recursos é tarefa importante não só no âmbito escolar, mas também na comunicação diária confirmando-se, por tudo isso, a relevância deste estudo.

Segundo Vieira e Brandão (2007), trabalhar com o ensino de língua portuguesa é despertar no aluno a capacidade para decodificar sentidos nas mais diversas estruturas e gêneros textuais, do mais erudito ao mais simples e, ainda, promover o seu próprio estilo de escrever nas mais diversas situações de comunicação. Sinaliza-se ainda que o problema não é ensinar língua padrão, mas ensinar exclusivamente as variantes artificiais da escola ou não ter consciência dos objetivos de seu ensino. Afirma-se ainda que, entre as metas da educação e a sua prática, tem havido um quadro de fracassos que exige uma reflexão maior sobre certos aspectos ideológicos e acerca das crises que rondam o nosso próprio fazer metodológico. Bagno (2012) cita os índices de analfabetismo, o que mantém estreita relação com o fracasso mencionado por Vieira e Brandão (2007). Por isso, no capítulo de referencial teórico, abordamos o assunto a fim de ratificar a necessidade de investir em uma prática pedagógica mais próxima à realidade dos alunos.

Combater a rejeição às formas alternativas de expressão sem deixar de ensinar a variedade culta é um desafio; o que, de fato, implica fuga à norma dita padrão – considerada culta pelos segmentos mais escolarizados- e o que é alvo de uma correção inflexível à variação natural da língua? Por isso, perceber os usos desses vocábulos abreviados como criatividade ortográfica com suas supressões na Internet e trazê-los para a sala de aula como forma de comunicação fazem parte integrante deste estudo e deste novo olhar que a prática docente exige.

Boa parte dos estudos que relacionam variação e escrita se debruçam nos reflexos da fala na escrita. O fenômeno de que tratamos neste estudo não tem repercussão na fala, é estritamente da escrita uma vez que não pronunciamos o que lemos abreviado, mas a forma plena que aquela forma abreviada representa: vc = você, por exemplo. No entanto, usaremos os termos variação e variantes no sentido de formas alternativas de expressão. Há uma competição entre grafia abreviada e plena das palavras no momento da escrita. Utilizarão a norma culta, no momento da escrita, escrevendo vocábulos plenos em situações formais de comunicação, ou uma

linguagem coloquial, nas situações de maior informalidade, escrevendo de forma abreviada. A escolha da terminologia “linguagem formal e informal”, no presente trabalho, deve-se apenas à demanda da sala de aula visto que os alunos já conhecem tais termos e os aprendem, inclusive, como conteúdo programático nas séries iniciais do 1º e do 2º segmentos.

Ao perceber a relação de professores e alunos com a Internet, vale registrar algumas visões:

Professores e alunos se relacionam com a Internet como se relacionam com todas as outras tecnologias. Se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nelas como em outras mídias. Se são acomodados, só falam dos problemas, da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda (MORAN, 1997).

Negroponte (1995, p. 12) enfatiza que “a informática não tem mais nada a ver com computadores. Tem a ver com a vida das pessoas”.

Assim, ao analisarmos o impacto da Internet na vida das pessoas, podemos avaliar que as mudanças sempre fizeram parte da história da sociedade. Com maior ou menor impacto, toda mudança sempre repercutirá, direta ou indiretamente, na forma como as pessoas pensam, sentem e se expressam. “Nada é permanente, exceto a mudança”, já afirmava Heráclito¹, pensador e filósofo considerado o “pai da dialética”. Nesse ínterim, é preciso, diante da mudança para um mundo digital, perceber os usos criativos dos padrões linguísticos, mesmo na Internet, porque não é o “vale tudo”, mas o que conscientemente se presta à comunicação sem prejuízo. Quando alguém comete desvios ortográficos na Internet com frequência, quase sempre vira alvo de críticas, logo tal suporte não é um espaço totalmente livre de julgamentos. Em textos formais, como jornais e revistas digitais, mantém-se o padrão da língua com escrita plena das palavras e evita-se a escrita abreviada; no entanto, em comentários, postagens, mensagens do dia a dia, esse recurso ortográfico atende ao propósito da comunicação nos suportes em que ele aparece e não é visto como desvio, mas como natural e próprio da Internet. Seu uso hoje está disseminado. Aplicativos de busca e de teclado reconhecem e sugerem formas abreviadas de palavras, programas de TV utilizam formas abreviadas das palavras nas chamadas, marcas já adotam a forma abreviada da palavra, como exemplificados nas imagens a seguir:

¹ Heraclito de Éfeso (500 a.C.)

Figura 1: Palavras abreviadas em marcas e programas



Fonte: Google imagens, 2017.

Se, pois, a escrita abreviada se difundiu, nessa perspectiva se insere e se justifica nossa pesquisa. Sendo um recurso tão presente no cotidiano dos alunos, não poderia a escola ficar alheia a ele. Ademais, através da análise dos dados, pudemos confirmar as hipóteses de que o uso de abreviaturas na Internet não migra para a escrita em sala de aula e a de que professores, aos poucos, começam a lidar melhor com o uso da escrita abreviada pelos alunos na Internet. O presente trabalho investigou também se, de fato, o uso dessa escrita abreviada migraria para a escrita formal em outros gêneros discursivos ao observarmos se os mesmos usuários da

escrita abreviada em contextos de maior informalidade adequam sua forma de expressão usando a forma plena das palavras em contextos mais formais.

Neste novo contexto digital e informatizado, portanto, cada pessoa percebe as inovações linguísticas de forma diferenciada. A partir do relato de professores, da análise da escrita de alunos, e da proposta, em sala de aula, de se trabalhar com esse tema, pudemos aprender a lidar melhor com esse processo dinâmico de escrita, capacitando inclusive os alunos, para que sejam capazes de produzir e interpretar os mais diversos textos. Afinal, notar as práticas ortográficas utilizadas dentro e fora de sala, com maior ou menor enfoque pelos usuários, indiscutivelmente trará – e já trouxe – uma nova forma de ver, de escrever e de viver a vida, observando a prática da escrita com todo o cuidado, atenção e respeito que a vida em si merece.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa assume caráter de pesquisa-ação, pois pesquisou e sugeriu a prática pedagógica em relação ao tema estudado; possui natureza crítica, porque visou à mudança de atitude/prática; faz uso de instrumentos etnográficos, pois houve anotações ao longo da pesquisa, questionários, entrevistas com professores e atividades com alunos. A pesquisa-ação possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. Através dela, o docente adquire condições de refletir criticamente sobre suas ações e auxiliar na promoção do bem social. Diante do exposto, nossa pesquisa cumpre todos esses papéis, pois propõe uma intervenção diante da problemática social que é a discriminação da escrita abreviada, mobiliza os participantes a refletirem sobre o tema, leva os docentes a refletirem criticamente sobre suas ações auxiliando-os a promover novos saberes e o bem social.

A revisão bibliográfica contou com a busca de referencial teórico com que pudéssemos estabelecer um paralelo visto o reduzido número de trabalhos que se debruçam sobre o assunto. Foram usados livros sobre a história da escrita, sobre os usos da linguagem na tecnologia da informação, gramáticas e recentes abordagens sobre os processos de formação de palavras, o que não corresponde exatamente ao fenômeno que observamos na pesquisa, mas que atendeu ao propósito de estabelecer uma observação e alguns paralelos do processo aqui analisado. Tal material nos deu suporte para analisar sincrônica e diacronicamente os casos de encurtamento ortográfico, levando-nos a perceber que o uso de uma escrita abreviada não nasceu com o advento da Internet, mas com ela se estendeu, e que nosso estudo se pauta em reduções que constituem apenas um recurso ortográfico sem se estender para a fala.

A análise de dados nos possibilitou compreender os casos do cotidiano docente e discente relativos ao uso dessa escrita abreviada e muito do que ela envolve. Foram meses de observação dos casos de escrita abreviada nas redes sociais utilizados pelos alunos sem que eles soubessem do foco dessa observação, pois a pesquisadora estabeleceu contato pessoal e informal com eles por meio do Facebook

e do WhatsApp, com a autorização dos sujeitos, para fins pedagógicos, mas sem alertar especificamente sobre o objeto de análise da pesquisa. Foi também realizada uma pesquisa com 21 docentes de Língua Portuguesa e com 20 professores de matérias variadas das turmas em que estavam matriculados os sujeitos. A partir da análise das respostas, pudemos chegar a algumas respostas sobre algumas questões levantadas nesta pesquisa e que sinalizaremos ainda neste capítulo.

De modo geral, primeiramente, então, buscamos perceber, através de postagens no Facebook e de mensagens pelo WhatsApp, se o uso de abreviaturas era, de fato, corrente. Para isso, selecionamos alunos de todas as turmas com as quais trabalhamos em sala de aula para percebermos essa realidade. Registramos vários exemplos de palavras abreviadas selecionando as mais recorrentes e algumas surpreendentes para analisarmos a sistematização das reduções. Num segundo momento, pedimos aos alunos que escrevessem uma redação – atividade comum em sala de aula- para que observássemos se a escrita abreviada migrava para a escrita escolar. Pretendíamos, no início da pesquisa, observar as supressões e alternâncias na construção da escrita abreviada para verificarmos sua sistematização. Houve uma tentativa preliminar de fazer a tipologia, e boa parte das observações tipológicas foi confirmada pelos alunos, mas, como esse não era o foco, decidimos nos ater mais ao que seria relevante nessas construções para os alunos. Procuramos, a partir dos dados obtidos, investigar se a escrita abreviada usada pelos jovens na Internet era discriminada e se de fato interferia na escrita formal no ambiente escolar e qual a consciência sobre esse recurso ortográfico. Essa pesquisa nos permitiu comparar a sensação dos professores sobre a frequência da migração e sua frequência real; além de nos permitir perceber conflitos dos sujeitos sobre a migração da escrita abreviada, e também constituir base para nossas conclusões acerca dos usos feitos pelos jovens hoje diante desta ferramenta tão utilizada por eles: a Internet.

Paralelamente à análise de casos, propusemos uma breve entrevista com os professores, de diferentes perfis, de Língua Portuguesa da rede pública de ensino e também com professores de outras disciplinas que trabalhassem com os alunos sujeitos da presente pesquisa. Depois da análise, propusemos uma atividade em sala de aula abordando o tema desta pesquisa, como sugestão de intervenção futura para os docentes de Língua Portuguesa. Foram apresentados alguns exercícios e abriu-se

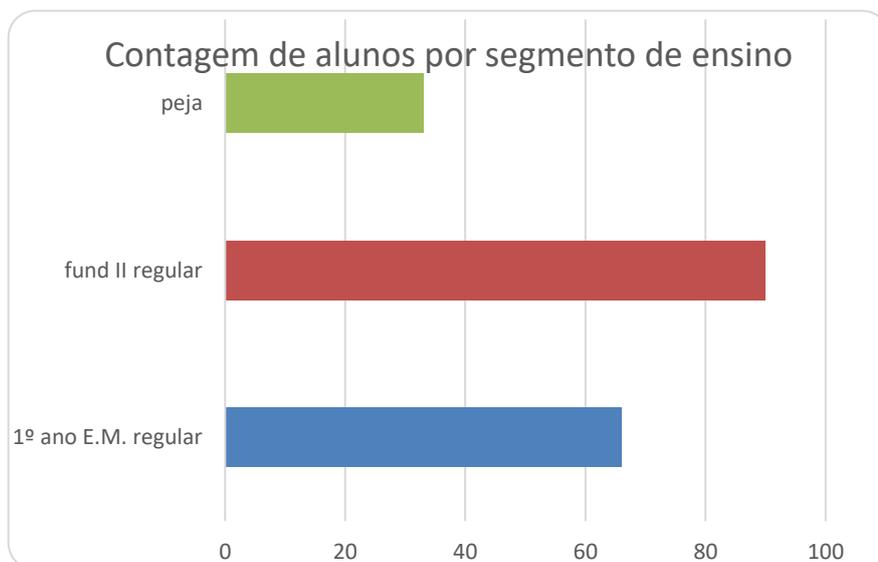
espaço para discussão sobre o assunto ao longo da atividade, o que ratificou a relevância do tema da pesquisa.

Pensamos, de início, em utilizar slides que despertassem a atenção para o fenômeno utilizado por eles mesmos na Internet e também atividades online. Devido à falta de recursos audiovisuais em algumas escolas, fato, inclusive, muito comum na rede pública de ensino, decidimos por utilizar materiais de fácil elaboração, que não dependessem da escola, mas apenas do professor para realizar a atividade. Desse modo, nossa proposta de intervenção pedagógica se torna viável a qualquer segmento e em qualquer tempo.

Dentre as atividades propostas, pedimos, por exemplo, para que os alunos fizessem uma transcrição ortográfica das palavras abreviadas para palavras plenas - isoladamente ou dentro de textos para não só verificar, mas também reforçar a importância do contexto na interpretação e identificação de vocábulos. Intencionamos também, com isso, avaliar o grau de previsibilidade na redução vocabular diante de uma palavra nova, e o quanto e que palavras abreviadas eles reconheciam para verificar se seguiriam uma sistematização. Todos esses artifícios foram usados para promover questionamentos críticos, reflexões a respeito dos temas abordados bem como sua adequação aos gêneros textuais e também a transformação ortográfica na atualidade.

2.1 DOS SUJEITOS E CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada com alunos do ensino fundamental do ensino regular e do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), ambos da rede municipal do Rio de Janeiro. Para aprofundar a pesquisa, realizamos atividades também com três turmas do primeiro ano do ensino médio da rede estadual a fim de avaliar se a prática percebida nas turmas de fundamental se estendia para o ensino médio, assim distribuídos:

Gráfico 1: Contagem de alunos por segmento de ensino

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

De um total de 189 alunos, 33 são do ensino fundamental II do PEJA, 90 são alunos do ensino fundamental II do ensino regular, e 66 alunos são do 1º ano do ensino médio regular.

As três escolas se localizam em bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: em Coelho Neto, Rocha Miranda e Vista Alegre. Nessas escolas, conta-se com um público misto, muitos oriundos de comunidades próximas e com níveis diferentes de compreensão e de desenvolvimento escolar – alguns com nítidas falhas na fase de alfabetização. Alguns são repetentes e outros cursam pela primeira vez aquela série. Alguns são oriundos de escolas particulares, número que aumentou diante do quadro econômico dos últimos anos, mas continuam sendo minoria, a maioria é oriunda da própria rede pública.

As turmas do PEJA frequentam o turno da noite, enquanto as turmas regulares do fundamental e do médio são diurnas. As escolas possuem equipe diretiva e quadro docente completos e demonstram interesse e comprometimento no desenvolvimento dos seus alunos promovendo, sempre que possível, atividades que enriqueçam o cabedal de conhecimentos dos alunos. Por isso mesmo, abriram as portas para a presente pesquisa e julgaram interessante o tema.

Os professores entrevistados possuem tempo diferente de experiência no magistério, formações diferentes e perfis diferentes. Separamos em dois grupos para melhor analisar as respostas: professores de Português de várias regiões do

município e mesmo estado do Rio de Janeiro e professores de matérias diferentes que trabalhassem com as turmas envolvidas na pesquisa. Dessa forma, pudemos perceber melhor como o corpo docente se sente e se posiciona diante dessa escrita abreviada.

2.2 COLETA DE DADOS

Iniciada a pesquisa, buscamos coletar dados em três pontos: pesquisa de palavras com escrita abreviada nas redes sociais dos alunos, mais especificamente, Facebook e WhatsApp; redação em sala de aula de tipo narrativa para verificar a escrita dos mesmos alunos em sala de aula; e entrevistas com professores de português e outras matérias a fim de verificar a percepção do corpo docente acerca do tema da pesquisa.

Concomitantemente à pesquisa nas redes sociais, pedimos aos alunos, como atividade normal de sala de aula, que escrevessem uma redação de tipo narrativa. A escolha textual, para a qual se solicitava, explicitamente, a construção de diálogos, permitia uma linguagem mais informal nos casos, sobretudo, de discurso direto e poderiam os alunos ficar mais à vontade durante a escrita.

2.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

Por muitos anos, ouvimos comentários negativos acerca da forma que os internautas usam para se comunicar. Era como se a Língua estivesse fadada ao extermínio e devêssemos defendê-la das transgressões. Sendo assim sempre valorizamos a correção gramatical inclusive em discursos menos cuidados, mas, já no princípio da vida “digital”, adotamos a escrita abreviada e outros recursos como forma de expressão. Misturava rigor na regência e na colocação pronominal, por exemplo, ao uso de reduções ortográficas. Logo, como professora de Língua Portuguesa, ainda mais depois de ingressar no mestrado profissional e de, com isso, adquirir uma postura mais embasada na linguística, a questão-tema da presente pesquisa fez deveras sentido. Diante das reflexões sobre o uso da Língua, a escrita abreviada

surge como ponto necessário de estudo. Para isso, procuramos responder às seguintes questões:

I. O uso da escrita abreviada está disseminado e quais são as reduções mais comuns?

II. Há certo grau de previsibilidade e sistematização na forma como os jovens abreviam palavras na internet?

III. Como os professores afirmam considerar a escrita abreviada na Internet?

De antemão formulamos as hipóteses:

I. A escrita abreviada na Internet migra para a escrita escolar;

II. Há prejuízo da compreensão e da prática do uso da norma culta (das palavras desenvolvidas) devido ao hábito da escrita abreviada na Internet.

III. Professores, em sua maioria, consideram haver migração da escrita abreviada da Internet para a escrita escolar.

Depois de respondidas as perguntas e confirmadas/refutadas as hipóteses, sugerimos atividades buscando sempre aprender com o que o aluno traz e também ampliar seu leque de conhecimento acerca da própria língua numa atividade pedagógica sobre o tema desta pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos o suporte teórico sobre a escrita abreviada dividindo-se em: paralelo com os processos de formação de palavras por haver certos correlatos na representação do vocábulo, embora nossa pesquisa não trate de formação de palavras, mas de um fenômeno da escrita apenas; preconceito linguístico; análise de parte da história da escrita a fim de observar a existência do fenômeno em outras épocas, anteriores à Internet; e análise da linguagem da Internet. Ainda neste capítulo, faremos uma breve observação do quadro educacional no que tange à lectografia a fim de percebermos o quão pertinente é o tema da pesquisa.

3.1 SOBRE A ESCRITA ABREVIADA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Alguns tipos de processos de formação de palavras oferecem um paralelo com a escrita abreviada como veremos a seguir.

Dentre os processos de formação de palavras mais conhecidos, estão a abreviação e a siglagem. Bechara (2009) cita, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, a abreviação como o emprego de uma parte da palavra pelo todo, comum não apenas na coloquialidade, mas em discursos mais cuidados também. Essa afirmação pode ser ratificada se observarmos as primeiras páginas de várias obras - teses, dissertações, dicionários, gramáticas, e tantas outras, onde encontramos uma lista das abreviaturas e siglas que serão utilizadas ao longo da obra. Bechara (2009) nos dá alguns exemplos de palavras abreviadas: extra, no lugar de extraordinário ou extrafino, foto em vez de fotografia. Segundo ele, a forma abreviada, às vezes, passa a ter variação de sentido e ganha, por isso, lugar nos dicionários. No caso de foto, por exemplo, pode designar nome de um estabelecimento do ramo, além de serem, as formas abreviada e plena, sinônimos. O autor inclui ainda, como um caso especial de abreviação, o processo de se criarem palavras pela junção das letras de palavras formando uma sigla. ONU (Organização das Nações Unidas), PUC (Pontifícia Universidade Católica) e PT (Partido dos Trabalhadores) são alguns dos exemplos

mencionados por ele, que acrescenta como informação suas derivadas por acréscimo de sufixos como em *petista*. Vale reafirmar que o fenômeno do qual trataremos nesta pesquisa não será estudado sob a ótica da formação de palavras e sim como um recurso ortográfico amplamente utilizado. No entanto, entender como a gramática trata do assunto torna-se pertinente na análise das criações.

Cunha e Cintra (1985) dizem que o ritmo acelerado da vida, nos nossos intensos cotidianos, obriga-nos a uma “elocução mais rápida”. Considera que economizar tempo e palavras é uma tendência geral e que podemos observar, a todo instante, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. Como exemplo, os autores mencionam os casos de vocábulos longos, em particular, de origem greco-latina como *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *quilo* (por *quilograma*) e outros, tendo ambas as formas, abreviada e plena, o mesmo sentido. Quanto às siglas, os gramáticos Cunha e Cintra (1985, p. 114) chamam de “moderno e cada vez mais generalizado processo de criação vocabular”, que consiste em “reduzir longos títulos a meras siglas constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem”. Nesse caso, incluem-se, no conteúdo de sua gramática, os nomes de instituições diversas: organizações internacionais, partidos políticos e associações, que, muitas vezes, são mais conhecidas pelas siglas do que pelas denominações completas, como *ONU* e *PT*, já mencionadas na referência a Bechara (2009).

Quanto a ser um fenômeno moderno, a visão de Cunha e Cintra (1985) não parece ser de todo adequada se pararmos para analisar a história da escrita. Já nas notas Tironianas, vemos sinais de uma linguagem taquigráfica, baseada num processo de encurtamento ortográfico, como pode ser visto em anexo². Logo, a escrita abreviada não é recurso recente ou moderno. Nem mesmo a pressa da vida é a razão exclusiva para tal prática. Há múltiplas razões para abreviarmos um texto ou somente palavras: pressa, sim, mas também espaço, tinta, preço, característica do gênero textual ou do seu suporte, necessidade de sigilo, concisão como qualidade textual, eufemismo e outras.

Gonçalves (2016) traz uma visão mais atualizada sobre novos e antigos fenômenos envolvidos na formação de palavras no português do Brasil que se tornaram rotineiros nos últimos anos. Logo de início de sua obra, o autor questiona

² Vide Anexo A

por que criamos palavras e nos fornece as seguintes opções de resposta: para nomear novas experiências, para expressar uma ideia numa classe de palavras diferentes, para fazer o texto progredir, para expressar ponto de vista e para se identificar com um grupo. Tal visão já corrobora a conclusão de que não apenas a modernidade e a pressa se relacionam à abreviação, muito embora o autor não esteja se referindo à escrita abreviada, o que nos leva a crer que o recurso ortográfico utilizado pelos jovens faz sentido.

Aprofundando a última razão, Gonçalves (2016) menciona a função indexical, propriedade também dos processos de formação de palavras e nela cita os casos de *truncamento (ou clipping)*, em que *churras* é usado no lugar de *churrasco* e *profissa*, no lugar de *profissional*, por pessoas vinculadas às faixas etárias mais jovens. Este processo é classificado como *não concatenativo*, pois “a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que a outra termina.”

Ainda nos processos não concatenativos, o autor cita processos de afixação não linear (reduplicação); processos de encurtamento (truncamentos, como já citado, e hipocorização); e processos de fusão (cruzamento vocabular e siglagem) (GONÇALVES, 2016).

Hipocorização, segundo ele, é o processo morfológico pelo qual encurtamos um nome próprio devido à intimidade ou afetividade com as pessoas. Tal recurso é utilizado especialmente em momentos e textos de menor formalidade; logo, nas redes sociais, por exemplo. Desse modo, Laine é fenômeno de hipocorização e forma, portanto, um hipocorístico de Elaine, o que pode ser considerado também um apelido, mas nem todo apelido constitui um hipocorístico, visto que a base para um apelido nem sempre é a redução de um nome próprio.

A siglagem é vista, pelo mesmo autor, como processo não concatenativo e compreende dois tipos: acrônimos (em que siglas formam uma nova palavra lida como tal – exemplo UPA, Unidade de Pronto Atendimento) e alfabetismos (siglas pronunciadas letra a letra – exemplo UPP, Unidade de Polícia Pacificadora).

Lima (2014) cita também, dentre outros tipos de formação de palavras: abreviação (*auto* – por automóvel, *moto* – por motocicleta), siglas (a que explica como

“redução de títulos longos às suas letras iniciais”: *ONU, PDT, PSD*, por exemplo), hipocorísticos (a que ele atribui o sentido de “alteração, nascida em âmbito familiar, do prenome ou nome próprio individual”, como Fafá- Fabiana e Filó - Filomena”).

Todos esses exemplos, constantes em sua obra, unem-se a vários outros comumente usados no cotidiano brasileiro. Vivemos num mundo de siglas e abreviações; a todo tempo nos solicitam CEP, CPF, vamos ao DETRAN tirar nosso RG ou CNH, viajamos para Floripa ou para Sampa³, gritamos Mengo, Nense e Fogo nos momentos de euforia futebolística, e tantos outros casos. A crônica “Siglas” que apresentaremos a seguir, de Luís Fernando Veríssimo, aborda a criação de siglas com humor, mostrando o cuidado que se deve ter ao produzirmos algumas delas:

Quadro 1: Crônica SIGLAS

SIGLAS - Luís Fernando Veríssimo

- Bota aí: “P”
- “P”?
- De “Partido”.
- Ah.
- Nossa proposta qual é? De união, certo? Acho que a palavra “União” deve constar do nome.
- Certo. Partido de União...
- Mobilizadora!
- Boa! Dá a ideia de ação, de conagraçamento dinâmico. Partido da União Mobilizadora. Como é que fica a sigla?
- PUM.
- Não sei não...
- É. Vamos tentar outro. Deixa ver. “P”...
- “P” é tranquilo.
- Acho que “Social” tem que constar.
- Claro. Partido Social...
- Trabalhista?
- Fica PST. Não dá.
- É. Iam acabar nos chamando de “Ei, você”.
- E mesmo “trabalhista”, não sei. Alguém aqui é trabalhista?
- Isso é o de menos. Vamos ver. “P”...
- Quem sabe a gente esquece o “P”?
- É. O “P” atrapalha. Bota “A”, de Aliança. Aliança Inovadora...
- AI.

³CEP - Código de Endereçamento Postal; CPF – Cadastro de Pessoa Física; RG – Registro Geral; CNH – Carteira Nacional de Habilitação; Floripa – Florianópolis; Sampa – São Paulo.

- Que foi?
- Não. A sigla. Fica AI.
- Espera. Eu ainda não terminei. Aliança Inovadora... de Arregimentação Institucional.
- AIAI... Sei não.
- É. Pode ser mal interpretado.
- Vanguarda Conservadora?
- Você enlouqueceu? Fica VC.
- Aliança Republicana de Renovação do Estado.
- ARRE!
- O quê?
- Calma.
- Espera aí, pessoal. Quem sabe a gente define a posição ideológica do partido antes de pensar na sigla? Qual é, exatamente, a nossa posição?
- Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.
- Então é no centro.
- Também não vamos ser radicais...
- Nós somos a favor da reforma agrária?
- Somos, desde que não toquem na terra.
- Aceitaremos qualquer coalizão partidária para impedir a propagação do comunismo no Brasil.
- Inclusive com o PCB e o PC do B?
- Claro.
- Não devemos ter medo de acordos e alianças. Afinal, um partido faz pactos políticos por uma razão mais alta.
- Exato. A de chegar ao poder e esquecer os pactos que fez.
- Partido Ecumênico Republicano Unido.
- PERU?
- Movimento Institucionalista Alerta e Unido.
- MIAU?
- Que tal KIM?
- O que significa?
- Nada, eu só acho o nome bonito.
- MUMU. Movimento Ufanista Mobilização e União.
- MMM... Movimento Moderador Monarquista.
- Mas nós somos republicanos.
- Eu sei. Mas por uma boa sigla a gente muda.
- TCHAU.
- Hum, boa. Trabalho e Capital em Harmonia com Amor e União?
- Não, é tchau mesmo.
- Aonde é que você vai?
- Abrir uma dissidência.

Como podemos refletir, a partir do humor de Veríssimo, criar siglas não é tão simples assim. Há, se não analisarmos a junção das letras, a possibilidade de construir um nome de baixo calão ou palavra que já exista e tenha sentido completamente diferente. Partidos políticos, por exemplo, formam siglas. A ideologia da entidade ou instituição é fundamental, mas não garante uma boa escolha. No primeiro exemplo, já percebemos a dificuldade: Partido de União Mobilizadora seria um nome adequado ao que pretendiam defender. No entanto, a sigla PUM teria repercussão jocosa e desagradável, o que inviabilizou sua formação.

O humor encontrado em algumas ressignificações de siglas⁴ é mencionado em Lima (2014) e em Gonçalves (2016). Para este, as siglas são criadas também com intenção eufêmica, como nos casos de palavras de baixo calão (*pqp*, por exemplo), e intenção irônica, como “nas interpretações jocosas” (exemplo: VASP, usado pelos jovens no Facebook para se referir à sua profissão, – Vagabundos Anônimos Sustentados pelos Pais). Nota-se que Gonçalves (2016) não menciona o fator pressão da vida moderna como razão para esse fenômeno, diferindo-se do texto de Cunha e Cintra (1985), o que corrobora a ideia de que vários fatores levam o homem a utilizar uma linguagem abreviada.

Vale reforçar que, nos processos de abreviação e siglagem (siglas), há formação de uma nova palavra, porque se estende para a pronúncia (como os casos já citados, entre eles, *pneu*, *ONU*, *UFRJ*), o que se difere dos casos que analisamos nesta pesquisa, uma vez que, ao nos depararmos com a escrita reduzida “vc”, leremos a palavra de forma plena, como a pronúncia original “você”, limitando-se, então, o ato de abreviar abordado nesta pesquisa, a um recurso de encurtamento ortográfico.

O livro adotado pela rede pública estadual de ensino nos últimos três anos, “Português, Linguagens em Conexão”, de Graça Sette, Marcia Travalha e Rozário Starling, traz também a Redução como processo de formação de palavras: “É uma forma de simplificação, com o objetivo de economizar espaço e facilitar a leitura, na comunicação escrita, e de economizar tempo, na comunicação falada” (SETTE; TRAVALHA; STARLING, 2013, p. 330) As autoras, conforme a explicação dada,

⁴Lima (2014) e Gonçalves (2016) mencionam o fenômeno de “siglas reversas”, em que os criadores da sigla partem de uma já consagrada que desejam reanalisar e usam as letras para representar a ideia que querem veicular.

afirmam que a simplificação tem objetivos diversos para fala e escrita, mas ambos voltados para a economia. Apresentam ainda, como formas de redução, os seguintes tipos: abreviações, abreviaturas, siglas. Empréstimos e gírias aparecem na mesma formatação de tópicos, mas acreditamos se tratar de falha na diagramação da página pela natureza distinta na formação de palavras. Assim, vemos:

Abreviações - consistem na redução das palavras sem se alterar a compreensão. Foto (fotografia), cine (cinema), TV (televisão), pólio (poliomielite), metrô (Metropolitano), fax (fac símile), extra (extraordinário), pneu (pneumático), agito (agitação).

Abreviaturas - consistem na representação contraída de nomes de estados, territórios, profissões e pronomes de tratamento e etc.

Dr. (doutor), Ltda. (limitada), al.(alameda), ilmo. (ilustríssimo),

MG (Minas Gerais), gen. (General).

Siglas - consistem na redução do nome de entidade, país, empresa, partidos políticos, instituições estudantis e recreativas, etc. ONU - Organização das Nações Unidas, IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano, UNE - União Nacional dos Estudantes (SETTE; TRAVALHA; STARLING, 2013, p. 330, *grifo nosso*).

Luft (1990), por sua vez, traz também o conceito de “redução gráfica”, que subdivide em: abreviaturas, siglas e símbolos. Segundo ele, abreviatura é a escrita reduzida de uma palavra ou locução a fim de ganhar espaço e tempo⁵. O autor explica que tal processo consiste em eliminar uma ou mais letras quando as palavras ou expressões têm repetição forçada nos textos. Ele afirma que esse recurso convencional da escrita (tem “a sua sistemática - tradicional ou oficializada -” e lembra algumas normas:

1- Geralmente as letras suprimidas substituem-se por um ponto (ponto abreviativo). Este, de regra, se coloca depois de consoante e depois da última consoante dos encontros: f.(feminino), al.(alemão), adj.(adjetivo), compl.(complemento), constr.(construção), etc.

Certas abreviaturas técnicas modernas têm ponto depois de vogal ou depois da primeira consoante de encontro. Assim, ago. (agosto), Anu. (Anuário), Anún. (Anúncio), Ci. (Ciência), ci. (científico), Fáb. (Fábrica), Téc. (Técnica), etc. - são abreviaturas fixadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - (ABNT, 1983 apud LUFT, 1990, p. 401)

De acordo com a explicação, o autor supracitado (1990, p. 401) usa a mesma terminologia que nós: “escrita abreviada”, mas esclarece a pontuação e, pelo que vemos, mantêm-se os acentos. Nisto o recurso ortográfico que pesquisamos se difere, pois não foram encontrados pontos nem acentos nos casos observados. As regras da

⁵ Vide Anexo B

Internet não se baseiam em leis ou normas, são consagradas e negociadas pelo uso, mas ainda assim mantêm certa relação com os recursos convencionais.

Ainda em suas explicações, o autor menciona os casos das abreviaturas como am^o. (amigo) e C^{el}. (coronel), com as últimas letras sobrescritas. Esclarece ainda que a prática oficial (PVOLP)⁶ permitiu que se seguisse o exemplo amplamente conhecido “Cia” (companhia). Assim, em vez de Sr^a., escreve-se Sra.

Luft (1990) menciona ainda o “s” como marca de plural (o que se mantém no fenômeno que ora pesquisamos), ou letras duplicadas. Sinaliza também que algumas abreviaturas podem representar mais de um vocábulo, como ‘v.’ para ‘vapor’, ‘veja’, ‘verbo’, ‘verbal’, ‘verso’ e ‘você’.

Desse modo, vemos que o vocábulo ‘você’ já teria uma abreviatura normatizada; no entanto, a que se tornou padrão no internetês⁷ é a escrita reduzida ‘vc’. Isso nos leva a crer que o internetês não surgiu de estudos oficiais, mas atendeu a uma demanda, criando suas próprias regras, que mantêm correlação com os estudos tradicionais sim, mas que não se inspiraram na ABNT ou gramáticas, por exemplo, para suas sistematizações.

O assunto encurtamento vocabular não é um consenso entre autores, cada um expõe uma visão, classificações, justificativas e explicações, mas o que podemos apreender de todas as colocações é que existe uma razão para abreviarmos palavras e isto ocorre não é de hoje, nem mesmo com o advento da Internet. Logo, estudar a escrita abreviada na Internet é pertinente ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS e mantém correlação com os processos formais já conhecidos pelo sentido e essência no propósito de abreviar. Em todos os exemplos citados neste capítulo, há supressão de letras ou de uma sequência delas como parte da palavra, o que nos leva a correlacionar ao fenômeno de que tratamos neste trabalho.

Nesta pesquisa, analisamos as frequentes supressões da escrita abreviada feitas pelos alunos em suas redes sociais como forma ágil de comunicação. O principal objetivo do trabalho é verificar se a redução ortográfica a que os jovens aderem na sua escrita – ainda que não formem palavras novas e se limitem a um

⁶Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

⁷ Termo criado por Crystal (2006) para se referir à linguagem utilizada na internet, que envolve, dentre outras possibilidades, a escrita abreviada.

fenômeno da escrita - deva, portanto, ser trabalhada em sala de aula como forma legítima e produtiva, sistematizável inclusive, e não de caráter aleatório.

Komesu e Tenani (2015) também lançaram um olhar sobre a questão desta pesquisa com o livro “O Internetês na Escola”, que pode servir como aprofundamento do tema. Nele as autoras abordam questões como o internetês e suas abreviaturas digitais. Internetês, para as autoras, pode ser definido como “forma grafolinguística que se difundiu em bate-papos virtuais e comunicadores instantâneos de forma geral também em blogs e microblogs e demais redes sociais” (p.15). Abreviaturas digitais são as abreviaturas usadas no internetês e, como as convencionais, são “resultado de um processo de redução da grafia da palavra matriz, com objetivo explícito de reduzir espaço ocupado pela palavra e tempo usado para seu registro” (KOMESU; TENANI, 2015, p.39). As autoras mencionam ainda que “abreviar” é necessário àquele que deseja fazer parte do mundo digital e que a discussão metalinguística pode ser muito útil para aproximar práticas letradas em diferentes contextos, na escola e no mundo digital. Elas sinalizam ainda que não se trata de pensar sobre a possibilidade de o aluno ter contato com as tecnologias da informação, mas sim no quando eles terão tal contato e passarão a produzir textos “verbo-visuais, sonoros, multimodais” (KOMESU; TENANI, 2015, p.11).

As autoras defendem ainda a relevância deste estudo como prática letrada porque permite a investigação das transformações linguísticas e permite também ao professor-pesquisador a reflexão sobre escrita e linguagem. Apesar de muitos considerarem o internetês um problema na produção textual dos jovens desqualificando-o, é preciso vê-lo como objeto por meio do qual o aluno trabalhará questões relativas não só à forma, mas também à produção de sentido, especialmente na relação entre linguagem e vida social.

3.2 SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Ao falarmos sobre linguagem e comunicação, acabamos por tratar também de um tema que, há tempos, vem sendo discutido no âmbito escolar: o conceito de norma e a relação estabelecida entre a norma “cultura” da língua portuguesa e suas variações, sejam elas, sociais ou regionais. Dentro desse contexto, usar frases

descontextualizadas ou distantes da realidade do aluno só faz com que o aluno se afaste do estudo da língua materna. Diante dessa reflexão, trazer a escrita abreviada usada por eles na internet para análise em sala de aula é incluir e ampliar possibilidades na prática comunicativa do aluno. A questão do distanciamento em maior ou menor grau da norma-padrão e da rejeição que as variáveis sofrem são abordadas no livro “Por que a escola não ensina a gramática assim?”, publicado em 2014 organizado por Bortoni-Ricardo entre outros colaboradores. Como a escola tem explicado essas atitudes, em que elas interferem no aprendizado da língua são algumas das perguntas a que a obra tenta responder. E embora não fale exatamente sobre a escrita abreviada, suas considerações são muito pertinentes no que tange ao ensino de língua portuguesa como um todo.

Destacamos trecho do capítulo “Como a escola pode explicar erros gramaticais e inovações” de Mollica e Roncarati (2014, p. 218):

Os fenômenos variáveis focalizados neste livro, ao se distanciarem em maior ou menor grau da norma-padrão, costumam suscitar rejeição, realimentando o binômio certo X errado, ou legitimando o ‘tudo vale’(...)

Os enfoques funcionalistas, segundo tais autoras (2014), partem do pressuposto de que “a linguagem é um instrumento de comunicação e de interação social” e deve prover informações para a situação comunicativa, atender aos propósitos comunicativos, adequando-se também a regras e normas nas mais diversas “interações interpessoais e sociais” e adaptando a linguagem ao contexto interacional, o que é sempre muito relevante no estudo de língua portuguesa.

Os enfoques funcionalistas associam estreitamente a estrutura linguística aos contextos de uso e às escolhas que os falantes fazem para satisfazer propósitos e necessidades discursivo-interacionais. As formas que a linguagem assume levam em conta a eficiência comunicativa entre o falante e seu interlocutor. (...) por isso é importante compreender que a especificação do conhecimento linguístico e da competência comunicativa envolve muito mais do que o domínio de regras sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas - envolve também o domínio adequado de fatores contextuais, pragmáticos e sociocognitivos (MOLLICA; RONCARATI, 2014, p.218).

Ainda segundo as autoras, a linguagem desempenha funções e é um sistema funcional adaptativo que relaciona a necessidade de eficiência na comunicação à escolha feita devido aos múltiplos contextos de uso.

Sendo assim, percebemos a relatividade do conceito de certo X errado – ou mesmo de “vale-tudo” - ao pensarmos sobre a escrita abreviada tão difundida na atualidade.

Diante disso, se os interlocutores conhecem o mesmo código linguístico e associa sua necessidade ao interlocutor e ao contexto, haverá comunicação; basta que os aspectos de textualidade estejam presentes e que as relações de sentido sejam estabelecidas. A Comunicação Mediada por Computador (doravante CMC)⁸ é texto, detém textualidade, merece nossa atenção. Muitas vezes, a escola acaba por privilegiar, no ensino da língua portuguesa, a “correção gramatical” em detrimento da compreensão do sentido de texto e as nuances provocadas por ele ou usadas nele desconsiderando exemplos e momentos preciosos, verdadeiros achados como os do internetês.

Neste trecho dos PCNs, aborda-se a produção e compreensão de textos orais e escritos. A CMC integra o rol de textos escritos e por isso se inclui nos objetivos transcritos a seguir. Nele percebemos também a importância de saber adequar os registros às situações comunicativas, conhecendo e respeitando as variedades linguísticas e sem qualquer preconceito:

- Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
- utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;
- compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;
- valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;
- utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros;

⁸ Expressão usada por (SHEPHERD; SALIES, 2012) e (BARTON; LEE, 2015).

compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.;

- valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia (BRASIL, 1997, p. 31).

Percebemos, nesse ponto, a importância de se adequar o discurso a todos os elementos da comunicação coordenando inclusive o código e também a relevância da reflexão e análise críticas acerca da língua e seus mais variados usos. A escola deve, então, oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos, sabendo, dentre outros pontos, refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variação linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. Torna-se evidente, a partir da leitura e da análise crítica da realidade, a necessidade de se abordarem as novas formas de se expressar e suas influências para que o aluno não se desestime de participar das atividades propostas em aula. Sabemos que a sala de aula de muitos alunos privilegia a norma culta e desconsidera as formas alternativas como legítimos modos de expressão receando, por exemplo, estimular o “desvio” pelo hábito de abreviar. É preciso que o próprio educando, juntamente com o professor, reflita sobre a língua e seus usos, como letramento crítico, a fim de relativizar o conceito de errado (conforme mencionam os autores a seguir) respeitando as tendências que nascem dia a dia genuinamente.

Em Gorski e Coelho (2009, p. 74), menciona-se essa postura excludente de muitas escolas até hoje:

Em termos de ensino, no que diz respeito a uma concepção de língua e de gramática, a língua, em geral, é vista como um sistema homogêneo, portanto histórica e socialmente descontextualizada já que desvinculada de seus usuários; e a gramática é tida como um repositório de regras de bem escrever e falar, organizadas de forma compartimentada em níveis estanques: fonológico, morfológico, sintático e semântico. As atividades didáticas, nesse tipo de abordagem, costumam ser basicamente classificatórias, desvinculadas do uso real da língua, regidas pelas noções de “certo” e de “errado”, em que certo é o que está de acordo com as regras de tais gramáticas, ao passo que tudo o que não se conformar a essas regras é taxado de erro e deve ser corrigido. Tal quadro, embora identificado como “tradicional”, é ainda encontrado nos dias de hoje em muitas escolas.

Nesse contexto, é preciso buscar um equilíbrio entre o falar/escrever e a concepção de norma, visto que os dois conceitos podem, sim, caminhar juntos sem privilegiar ou discriminar uma ou outra norma, e para que o aluno se sinta estimulado a fazer parte do processo de comunicação e compreensão integrando seus gostos, prática e aspectos formais da educação. Natural e proveitoso seria o professor se inspirar na paleografia para propor aulas interativas e atraentes sobre a linguagem ao longo da história até os dias de hoje desmistificando o conceito de erro mencionado por Gorski e Coelho (2009).

Outros autores também já se pronunciaram a respeito do preconceito linguístico e sobre a prática educativa. Marcos Bagno (2009), por exemplo, diz que as pessoas seguem um hábito tradicional da nossa cultura de se queixar. Queixam-se dos erros cometidos por outros usuários da língua e apresentam supostas explicações para o surgimento desses erros⁹: “[...] o descaso das pessoas pela própria língua, a corrupção moral da Juventude, a falta de gosto pela leitura, a incompetência dos professores, os modismos criados pelos meios de comunicação e pela publicidade, a invasão das palavras estrangeiras, e por aí vai” (BAGNO, 2009, p.15). Ele afirma que essas acusações tradicionais são quase sempre irracionais e se baseiam numa série de preconceitos, sem se basearem em nenhuma explicação científica, sem investigação ou teorização consistente, baseando-se apenas no senso comum. Desse modo, o autor compara tal postura a superstições. Entretanto, essas superstições linguísticas permanecem “vivas e fortes em nossa cultura” e são muito antigas. Ainda segundo Bagno (2009), a língua sempre esteve prestes a arruinar-se, se analisarmos o que já foi escrito sobre ela nos últimos 300 anos. E até hoje não houve colapso nem desapareceu. À pergunta se determinado uso é certo ou errado, ele responde “tanto faz!”. E afirma ainda que podemos escolher usar as “formas tradicionais prescritas pelas normas conservadoras”, mas devemos, ao menos, respeitar o uso de outras formas, considerando-as também “boas, justas e corretas”.

Faraco (2008) completa o raciocínio de Bagno:

Obviamente, ninguém é obrigado a adotar as inovações. Qualquer um de nós pode perfeitamente ser mais conservador em matéria de língua. Mas o fato de ter uma atitude mais conservadora não lhe dá o direito de condenar os que usam formas inovadoras, em especial se elas são já correntes entre os

⁹ Termo utilizado pelo próprio autor para fazer a abordagem do assunto preconceito linguístico.

falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. E mais ainda, se elas já foram acolhidas pelos bons instrumentos normativos. O falante mais conservador pode perfeitamente aconselhar, sugerir, recomendar o uso mais clássico. Está no seu direito. Mas, se na norma culta/comum/standard já circulam outras formas, esse falante não tem o direito de condenar os que as usam. Antes cabe maravilhar-se com a beleza da dinâmica e da riqueza da língua que muda continuamente sem jamais perder a sua plenitude estrutural e seu potencial semiótico (FARACO, 2008, p. 98-99).

Ainda Faraco (2008) aponta que não existe uma autoridade, como o Papa para a Igreja Católica, ou uma instituição, como o Supremo Tribunal Federal (STF) que arbitra sobre a Constituição Brasileira, que seja fonte indiscutível da verdade. Como os antigos já diziam, a única autoridade em língua é o uso, ou seja, o hábito com que se fala ou se escreve. Diante dessas observações, portanto, fica claro para nós que a escrita abreviada não constitui erro e não deve ser vista com preconceito, uma vez que o seu uso está cada vez mais disseminado entre os usuários da língua escrita.

3.3 DAS ORIGENS DA ESCRITA ABREVIADA

Como vimos na referência a Cunha e Cintra (1985), atribui-se à pressa da vida moderna a necessidade de abreviar. No entanto, se analisarmos ao menos parte da história da escrita, veremos que o recurso - tema desta pesquisa - já aparecia em documentos formais há séculos. Para isso, veremos a seguir um pouco sobre o que envolve o estudo da escrita. A Paleografia teve sua origem no final do século XVII, junto com a Diplomática. Dessa forma, a Paleografia é considerada uma disciplina auxiliar para a História e:

Estuda apenas os caracteres extrínsecos dos documentos: as letras com que são escritos. A Diplomática estuda o conteúdo. A Paleografia lê, decifra o documento; a Diplomática interpreta-o e julga sobre a sua autenticidade e veracidade. Chega-se a dizer que “a paleografia estuda o corpo do documento e a diplomática a alma”.

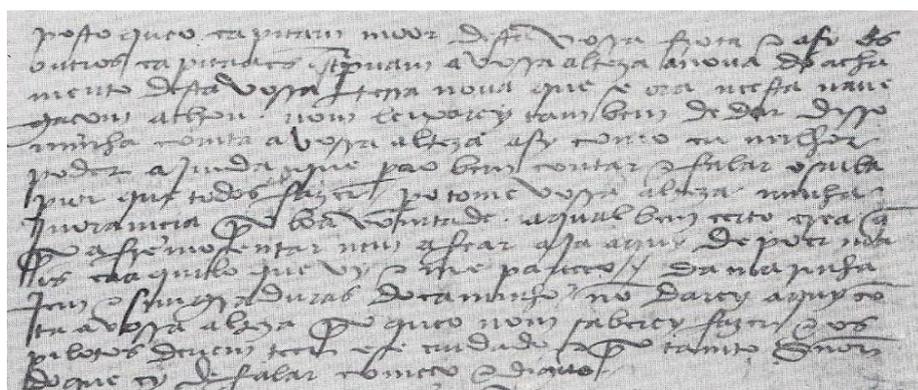
Entendemos que isso não passa de exagero da especialização. Não é possível, lendo um documento, separar-se sua parte extrínseca, as letras com o que foi escrito, do seu teor intrínseco: a ideia (MENDES, 1953, p. 13)

A partir desse entendimento, percebemos a importância dessas transcrições paleográficas a fim de restaurar a memória presente nos mais diversos textos. Por exemplo, o livro “Noções de Paleografia”, de Mendes (1953), traz as características da escrita ao longo dos séculos; dentre elas, no século XVI, constam letras invertidas,

til substituindo a sequência *ue* de “que” e outras; nos séculos XVIII e XIX, consta presença significativa de abreviaturas, principalmente em documentos pessoais, além de outras características gerais.

Na ilustração a seguir, vemos, como exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha transcrita.

Figura 2: A Carta de Pero Vaz de Caminha – Leonardo Arroyo



posto queo capitam moor desta vossa frota e asy os
outros capitaães screpuam avossa alteza anoua do acha
mento desta vossa terra noua que se ora neesta naue
gaçam achou. nom leixarey tam bem de dar disso
minha comta avossa alteza asy como eu melhor
poder ajnda que perao bem contar e falar o saiba
pior que todos fazer./pero tome vossa alteza minha
jnorançia por boa vomtade. aqual bem çerto crea q̃
por afremosentar nem afeaz aja aquy de poer ma
is caaquilo que vy e me pareceo./da marinha
jem e simgraduras do caminho nõ darey aquy cõ
ta avossa alteza por queo nom saberey fazer e os
pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Snõr
do que ey de falar começo e diguo./

Fonte: FAGUNDES, 2011.

No trecho da carta reproduzido acima, vemos a sequência ‘*ue*’ mencionada anteriormente sendo substituída pelo ~ acima do ‘*q*’, exemplificando a redução ortográfica já no início da história do nosso país.

Fagundes (2011) traz ainda o registro de algumas abreviaturas usadas nos séculos XVIII/XIX, que, por sinal, são usadas até hoje, inclusive em textos formais, o que desconfigura a ideia comum de que as reduções ortográficas são inovações da Internet e que são marcas de textos coloquiais apenas: *V.A* (Vossa Alteza) do ano de 1806, *Illmo* (Ilustríssimo) e *Exmo.Sr.* (Excelentíssimo Senhor) do ano de 1778, retirados os exemplos do Conselho Ultramarino. Esses e outros exemplos podem ser vistos no Anexo C.

Uma fonte rica para estudarmos a escrita abreviada são as notas tironianas, de onde surgiu o que conhecemos até hoje como taquigrafia (estenografia), ou escrita taquigráfica. Com base nas “*Notas Tironianas*”, Cury (s.d.), o primeiro sinal da existência do uso da taquigrafia na Grécia pode ser a Carta de Dionísio (27 d.C.), em que se queixa à irmã por não ter recebido nenhuma carta dela nem em caracteres comuns, nem na escrita estenográfica. Nas palavras do autor, vejamos um pequeno resumo sobre a trajetória da taquigrafia romana:

Quadro 2: Taquigrafia Romana

UM PEQUENO
RESUMO

Resumindo a trajetória da taquigrafia romana, podemos dizer que no século 2º a.C., Ênio reuniu e ordenou as abreviações comuns, ou “*notae vulgares*”, possibilitando uma estenografia *coletiva*. Em 70 a.C., Marco Túlio Tiro, inspirando-se nas abreviaturas gregas e com o auxílio de Cícero, simplificou as Notas Enianas, idealizou novos expedientes abreviativos, de modo a criar um método que possibilitava taquigrafar *individualmente*, e que foi posto em prática publicamente pela primeira vez em 63 a.C., no Senado.

Depois dele, outros estudiosos e peritos na matéria (entre os quais Vipsânio liberto de Agripa, e Áquila liberto de Mecenas), estabeleceram as abreviações por elementos agregados, especialmente desinências das flexões nominais e verbais.

Em seguida, Sêneca fez outros acréscimos e deu um ordenamento definitivo a toda prática taquigráfica.

Fonte: CURY, [s.d.]

Segundo o autor, os romanos tinham o hábito de usar siglas e Ênio as recolheu ordenando-as com fim taquigráfico.

Vale registrar que as abreviações de Quinto Ênio eram chamadas de “*vulgares notae*”, ou seja, “abreviações da escrita comum”, enquanto que os signos especiais de abreviações estenográficas eram chamados de “*notae compendiariae*” – em que entende-se a palavra latina “*compendarius*” como “sumário, breve, o caminho mais curto, o atalho”.

Quadro 3: Abreviações Romanas

Os romanos costumavam fazer abreviações e usar siglas. Por exemplo: “C.” = César,

I.N.R.I. = Iesus Nazarenus Rex Iudeorum

I.P.S. = In pace sepultus

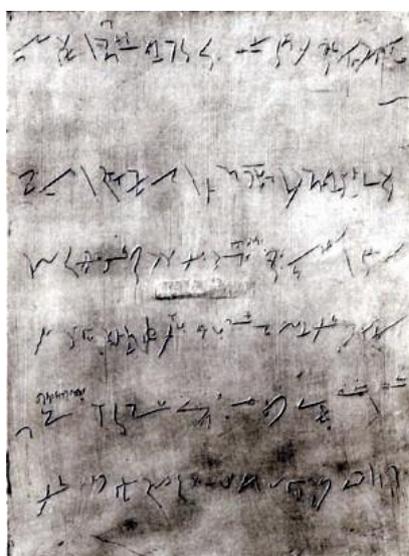
MuM = Monumentum

N.L. = Non licet; Non liquet; Non longe; Numerii Libertus.

Fonte: CURY, [s.d.]

Ao coletar e dar uso prático às abreviações vulgares, Quinto Ênio iniciou a trajetória estimulando a criatividade de outros, “no sentido de idealizarem um sistema mais organizado, mais amplo, com abreviaturas mais concisas, que fossem mais eficientes no apanhamento dos discursos” (CURY,s.d.),. Neste sentido, percebe-se a contribuição dessas abreviaturas para o que veio a se tornar um verdadeiro sistema organizado de taquigrafia: as Notas Tironianas, como podemos observar abaixo:

Figura 3: Tabuleta encerada do século III d.C. com Notas Tironianas



Fonte: Cury, [s.d.]

Segundo o registro de Cury, na tradução do texto de Thomas Anderson, a estenografia romana fora fruto mais da prática do que da teoria, concebida de maneira improvisada, gradual e coletiva e, já naquela época, sentia-se a necessidade

de uma escrita mais veloz para acompanhar o discurso dos oradores (ANDERSON, 1882 apud CURY, [s.d]). Isso tudo muito se assemelha com os processos atuais de redução ortográfica na Internet, uma vez que, também de maneira improvisada, gradual e coletiva, surgem as marcas fortemente já reconhecidas da CMC, principalmente pelos jovens, que tanto as usam.

Dando um salto na história, a estenografia foi usada com frequência no século passado para reproduzir textos orais, discursos. Cursos de taquigrafia eram oferecidos a secretárias que agilizavam suas cópias e anotações utilizando os sinais taquigráficos.

Analisando ainda a história da linguagem abreviada, podemos citar o telegrama como mais um meio de comunicação abreviado de escrita e muito utilizado em todo o mundo. Mensagens curtas e abreviadas, simplificando ao máximo os textos para diminuir o número de caracteres, eram escritas a fim de se comunicar com pessoas a qualquer distância. Do mesmo modo, chegamos à linguagem de hoje, na Internet, meio de comunicação que também encurta distâncias, com a diferença de não usar símbolos – conforme escrita taquigráfica -, mas apenas as letras mais importantes, como veremos adiante, para a compreensão do vocábulo. Ressalta-se, oportunamente, que a seleção das letras não é aleatória, é um processo que segue padrões suficientes que garantam a compreensão do vocábulo e, justamente por haver sistematização, há usos admissíveis e outros que desconfigurariam o entendimento. Por isso, tal processo de escolha também será observado ao longo da pesquisa na análise de dados e na análise da atividade pedagógica.

3.4 DA LINGUAGEM NA INTERNET

O livro *Linguística na Internet* organizado por Shepherd e Saliès (2012) traz grandes contribuições para a análise do tema. Comenta-se, nele, que a história já demonstrou o quanto a sociedade muda quando novas invenções são introduzidas no nosso dia a dia. Antes de entrarem despercebidas em nossas vidas, tecnologias como a TV, o celular e o computador causaram um imenso impacto. O que era previsível e estável tornou-se instável e imprevisível. Hodiernamente, esses veículos de

informação fazem parte da nossa rotina e, só notamos o quanto dependemos deles quando falta luz, por exemplo, e ficamos impossibilitados de utilizá-los.

Se pensarmos na quantidade de línguas e nos milhões de internautas ao redor do mundo, entenderemos por que a linguística não pode ignorar esse espaço uma vez que é ela quem pode analisar os discursos presentes.

Na entrevista feita pelas organizadoras do livro a David Crystal, um dos primeiros a estudar a Internet examinando as variações linguísticas e estilísticas da linguagem na rede e transformando seus achados em glossários, livros e artigos que marcaram o início do que hoje chamamos de linguística da Internet, percebe-se o desafio ímpar do qual não podemos nos abster: obrigação de encarar o fenômeno e rever a própria noção de língua (SHEPHERD, SALIÉS; 2012).

Indagado sobre como a Comunicação Mediada pelo Meio Digital (doravante CMD) Crystal muda nossa noção de texto, e responde:

Há algumas continuidades em relação aos discursos tradicionalmente reconhecidos como oral e escrito, mas também há importantes descontinuidades. As diferenças em comparação à linguagem oral incluem novos padrões de troca de turnos, o uso dos emoticons e novos ritmos conversacionais. As diferenças em comparação ao discurso escrito incluem questões relacionadas à persistência, animação, presença de hipertextos e enquadre. Uma perspectiva pragmática traz à baila novos tipos de texto, tais como aqueles que têm características que desabilitam os filtros de spam ou asseguram um alto número de ocorrências nas ferramentas de busca ou ainda características que suscitem questões ergonômicas ou éticas. A comunicação mediada pelo meio digital (CMD) também suscita outros questionamentos como gerenciamento de textos cujas fronteiras mudam continuamente, o caso dos fóruns de discussão e as postagens de comentários. Questões envolvendo responsabilidade autoral ou autoria, especialmente em contextos em que há moderação ou interatividade também são comuns (CRYSTAL entrevistado por SHEPHERD, SALIÉS; 2012).

Apesar de o internetês causar desconfiança das gerações mais velhas, é usado com familiaridade pelos mais jovens e o linguajar de postagens torna-se um desafio para a linguística: “fla aí, blz, bjaol!”.

O autor do capítulo ‘*Como o internetês desafia a Linguística*’, ainda no livro citado, Kanavillil Rajagopalan, (2012) diz que, em meio a controvérsias que ainda pairam sobre o assunto, sempre haverá “porta-vozes de visões apocalípticas”, pessimistas quanto ao uso dessa linguagem, e pessoas menos pessimistas que lidam melhor com a novidade. Segundo ele, “é muito mais sensato compreender o internetês como algo sintomático dos tempos em que vivemos marcados por uma série de

características como a facilidade e rapidez de comunicação” (RAJAGOPALAN, 2012, p. 37).

O autor cita ainda um dos maiores entusiastas da nova invenção, Thomas Carlyle (1795-1881): "aquele que encurtou o trabalho dos copistas pela invenção dos tipos móveis estava, na verdade dispensando exércitos de aluguel e despedindo monarcas e senados; inventaram a arte de imprimir (CARLYLE, 1833 apud RAJAGOPALAN, 2012).

Rajagopalan comenta ainda que, se a passagem da escrita do manuscrito para o texto impresso despertou incômodo na época, era de se esperar que a utilização do internetês hoje causasse o mesmo impacto. Segundo o autor, “o internetês nada mais é do que uma síntese de tudo aquilo que acontece na esfera de comunicação”; a objeção ao novo motiva-se pelo medo do novo e das mudanças iminentes que este provoca.

No caso do surgimento da Imprensa quem teve toda razão para se sentir acuado foram os copistas, no caso da Internet, do avanço do internetês, quem vê sua razão ser ameaçada são os autoproclamados guardiões da língua, e os gramáticos, os arautos da correção gramatical. Muitas das reclamações contra o internetês vêm precisamente daqueles que se sentem encarregados de salvaguardar a integridade da língua, em nosso caso, o português (RAJAGOPALAN, 2012, p. 39).

A reação dos adultos reflete-se na objeção que professores fazem do uso de computadores em sala de aula, por exemplo, e a rejeição ao internetês por privilegiar a escrita convencional de uma língua padrão e não a ideia ou mensagem ou mesmo o código criativo que inventaram. O internetês traz não apenas reduções gráficas como característica da linguagem, há outros aspectos como duplicação, emoticons, etc. O uso exacerbado desses recursos sem que se avalie sua medida e adequação é que gera polêmica e represália. Por isso, mais uma vez, torna-se importante valorizar a criatividade unindo-a ao que é adequado e pertinente.

Ainda durante a leitura do livro, percebemos diante de algumas analogias interessantes. Comparando a linguagem usada na Internet ao telegrafês, temos a rapidez da comunicação e o limite, muitas vezes, de tamanho do texto, seja pela questão financeira ou do próprio gênero que traz limitações (o Twitter, como

microblog, por exemplo, caracteriza-se pelo uso máximo de 140 caracteres)¹⁰. O uso da telegrafia era restrito aos Correios, responsável pela transmissão de mensagens a longas distâncias; hoje, a partir do advento da Internet, o acesso de qualquer pessoa à rede dando-lhe a chance de se comunicar com qualquer um a milhares de quilômetros tornou-se possível. Logo, “o uso do internetês trata-se de uma oportunidade, não ameaça, para o ensino de línguas” (CRYSTAL, 2001, p. 128 apud RAJAGOPALAN, 2012, p. 45).

É importante lembrar, como salientado na obra, que as inovações no linguajar do internetês não são supervisionadas ou controladas por algum órgão fiscalizador e sim motivadas pelo que é conveniente no momento da comunicação e o único limite à criatividade é a capacidade de o receptor da mensagem decifrá-la; afinal de contas, para que haja compreensão de uma mensagem, emissor e receptor devem compartilhar do mesmo código, base dos estudos sobre elementos de comunicação.

Ainda no livro “Linguística na Internet”, outro texto aborda a questão da escrita abreviada. Nelly Carvalho e Rita Kramer (2012), no capítulo *A linguagem no Facebook*, vão ao encontro do que já defendemos até aqui: afirmam que há visões apocalípticas, que a escrita abreviada não começou recentemente e que deve haver adequação ao suporte. Elas afirmam que a “aparente falta de respeito pelos padrões da escrita está preocupando muitos, prevendo-se que as crianças não saberão escrever no futuro, pela quantidade de abreviações usadas”. Em seguida, as autoras dizem que devemos lembrar que abreviações sempre foram usadas sem que interferissem ou dificultassem a comunicação. Elas sinalizam ainda que o cuidado deve ser manter esse tipo de linguagem na CMC sem adotá-la na escola uma vez que a língua tem registros que devem ser respeitados. Ainda segundo Carvalho e Kramer (2012):

Os possíveis erros de digitação não levam a concluir, como na escrita convencional, que houve erro e desconhecimento de regras da ortografia. Os textos são produtos da pressa e logo deletados: são passageiros e voláteis. Os efeitos, na língua, desse novo meio são duplos: ele inicia uma mudança no caráter formal da língua e possibilita maior utilização da escrita. São inúmeras abreviações usadas (“tb”, “vc”) e reduções (“facu”). A falta de maiúsculas e de acentos surpreende o falante de português. A ortografia fora do padrão, condenada na escrita convencional, é usada sem sanções em ambientes de conversa (CARVALHO; KRAMER, 2012, p. 79).

¹⁰Em novembro de 2017, o Twitter aumentou oficialmente o limite de 140 caracteres para 280. Fonte: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/twitter-aumenta-limite-para-280-caracteres.ghtml>>.

Esta análise nos mostra que o ambiente da Internet traz outras questões, além do encurtamento vocabular, como os chamados erros de ortografia, que chamam a atenção dos falantes de língua portuguesa; no entanto, segundo as autoras, não há com o que se preocupar vista a natureza volátil dos textos na Internet. Ainda nessa perspectiva, Carvalho e Kramer (2012) afirmam que as abreviações são encontradas em diversas postagens do Facebook e do Twitter, por usuários de idades diferentes, classes sociais distintas e regiões diferentes do país, o que nos reafirma o aspecto de que a escrita abreviada está disseminada.

Barton e Lee (2015), em seu livro *Linguagem online*, abordam as mudanças sofridas com o passar do tempo com os adventos tecnológicos. Em tais mudanças se incluem mudanças sociais mais amplas e, por isso mesmo, geram polêmica e necessitam de investigação e estudo. Atualmente a vida sofre essas transformações e, naturalmente, a linguagem e as práticas comunicativas também sofrem impacto. Além disso, a comunicação tem papel fundamental nesse processo. Há um ciclo entre linguagem e mudança, pois uma influencia outra sucessivamente. Desse modo, há vários estudos sobre como a linguagem vem se modificando à medida que as pessoas participam de atividades online nos mais diversos sites, aplicativos ou ferramentas digitais. Essas tecnologias, no entanto, não são mais novas. Jovens crescem já acostumados a elas. E é justamente esse contato estreito da juventude com a tecnologia que gera um conjunto de “pânicos morais” que acompanham a discussão das novas mídias: “esses tecnopânicos giram em torno da incerteza e dos receios diante da novidade e da mudança constantes, junto aos temores com a decadência dos padrões de linguagem e letramento” (BARTON; LEE, 2015).

Como decorrência dessa nova linguagem, surgiram denominações variadas para descrever esse fenômeno, como destacam Barton e Lee (2015) ao citar os seguintes autores: e-mailismo (PETRIE, 1999 apud BARTON; LEE, 2015), Internetês (CRYSTAL, 2006, apud BARTON; LEE, 2015), Discurso escrito interativo (FERRARA ET AL., 1991 apud BARTON; LEE, 2015) e outros.

Um dos estudos e vertentes concentra-se no âmbito de saber se a CMC baseada em texto deveria ser tratada como fala, escrita ou híbrido dos dois. Outra direção tentou descrever a CMC como uma variedade nova da linguagem caracterizada por traços como mostrado a seguir:

Quadro 4: Tipos de traços da CMC

- *Acrônimos e siglas (ex: PFV para “por favor”, “RS” para “risos”)
- *Reduções de palavras (ex: “blz” para “beleza”)
- *Homófonos letra/número (ex: “U” para “you”, 2 para “to”)
- *Grafia estilizada (ex: “muuuuuito”)
- *Emoticons (ex: “☺”)
- *Pontuação expressiva (ex: “!!!!!!!!!!”)

Fonte: Barton e Lee (2015)

Não focalizamos todos os traços do internetês, apenas os dois primeiros tipos do quadro acima, a que estamos chamando de escrita abreviada, como recurso ortográfico. O que podemos perceber também é que o internetês é utilizado em momentos de menor monitoramento, e não em todos os gêneros textuais da Internet. O presente trabalho investigou se, de fato, o uso do internetês tem atrapalhado a escrita formal em outros gêneros discursivos observando se os mesmos usuários da escrita abreviada em contextos informais adequam sua forma de expressão e usam a forma plena das palavras em contextos de mais formalidade.

3.5 QUADRO EDUCACIONAL

“Poxa, finalmente falaram a minha língua!”
(Comentário de um aluno de primeiro ano do Ensino Médio durante a realização da proposta didática).

Ao longo dos anos, muito se tem discutido sobre o papel da escola na formação do indivíduo. Tudo aponta para uma atualização do corpo docente, para uma revisão do conteúdo proposto, como se isso fosse tudo o que promove o fracasso escolar. Sugere-se que o professor dê aulas mais atrativas pois, de modo tradicional, estaria a sala de aula fadada ao insucesso. Cremos que a verdade – como diz a velha máxima- nunca está de um lado só. Preocupamo-nos com a aprendizagem dos nossos alunos e queremos que a evasão diminua. Olhamos para a sociedade que nos

rodeia e questionamos nossa prática, o quanto podemos trazer de sintaxe ou morfologia para alunos que caminham para a escola sob intenso tiroteio, por exemplo. Não há respostas e um consenso ainda para o quadro educacional, tamanha a gravidade de tudo o que nos rodeia; mas, de fato, precisamos repensar o letramento dos nossos jovens, principalmente na escola. Vemos jovens e adultos com grande dificuldade de compreender textos dos mais diversos e com graus básicos de inferência; vemos jovens e adultos, no segundo segmento do ensino fundamental e ainda no ensino médio, com notórios déficits na alfabetização e este processo precisa, portanto, estender-se durante todas as séries.

Ao refletirmos sobre os processos e condições que levaram ao que temos hoje como linguagem, vale atentar para a fala de Bagno (2012). Segundo ele, ao pensarmos nossa prática comunicativa, devemos levar em consideração o fato de a população brasileira apresentar níveis baixíssimos de letramento. As pesquisas realizadas para o estabelecimento do INAF (Índice Nacional de Alfabetismo Funcional) revelam números alarmantes, que reproduziremos aqui.

- 75% da população entre 15 e 64 anos de idade são incapazes de ler e compreender um texto de dificuldade mediana¹¹;
- Entre os brasileiros que nunca foram à escola ou não chegaram a completar a primeira série, 66% são analfabetos absolutos e 95% analfabetos funcionais;
- A maioria, 54%, dos brasileiros entre 15 e 64 anos que estudaram até a quarta série atingiram, no máximo, grau rudimentar de alfabetismo, ou seja, possuem, no máximo, a habilidade de localizar informações explícitas em textos curtos ou efetuar operações matemáticas simples, mas não são capazes de compreender textos mais longos, de localizar informações que exijam alguma referência, ou mesmo de definir uma estratégia de cálculo para resolução dos problemas;
- 10% desses indivíduos podem ser considerados analfabetos absolutos em termos de habilidades de leitura e escrita, não conseguindo nem mesmo decodificar palavras e frases ainda que em texto simples, ou apresentam grandes dificuldades em lidar com números em situações do cotidiano apesar de terem cursado de um a quatro anos de Ensino Fundamental;

¹¹ Vide Anexo D

- Dentro dos que cursaram da quinta a oitava série, apenas 15% podem ser considerados plenamente alfabetizados;
- 24% dos que completaram entre 5ª e 8ª série do Ensino Fundamental ainda permanecem no nível rudimentar com graves limitações tanto em termos de suas habilidades de leitura e escrita, quanto em matemática;
- Somente 38% dos que cursaram alguma série ou completaram ensino médio atingem um nível pleno de alfabetismo, esperado para 100%;
- Deste grupo, somente entre os que chegaram ao ensino superior é que prevalecem 68% dos indivíduos com pleno domínio das habilidades de leitura/ escrita e das habilidades Matemáticas.

(INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2009 apud BAGNO, 2012).

Diante desse baixíssimo grau de letramento, percebe-se que a tarefa primordial da escola fundamental é promover a educação linguística ininterrupta dos aprendizes para que atinjam um nível pleno de alfabetismo. E essa educação linguística ininterrupta deve aproximar saberes (e isso inclui as inovações da língua) avaliando os conteúdos e os métodos propostos em sala de aula a fim de promover o domínio das habilidades de leitura e escrita indo muito além de conceitos e classificações gramaticais:

Não é possível acreditar que o que leva uma pessoa a dominar plenamente as habilidades de leitura e escrita seja decorar a suposta diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal, ou mesmo fazer uma criança de sexto ano reconhecer e rotular uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo, ou mesmo querer que essa criança aprenda o que é um fonema segundo a errônea definição do ponto de vista da linguística científica de fonema como 'som da língua' (BAGNO, 2012).

Magda Soares (2015) afirma que o fracasso escolar em alfabetização se relaciona à distância entre a variedade escrita do "dialeto padrão e os dialetos não padrão" das crianças pertencentes às camadas populares. Desse modo, vemos que o problema da aquisição da língua escrita vai muito além do que podemos discutir numa pesquisa apenas, envolve questões de ordem, inclusive, socioeconômica.

Assim, tanto no Brasil quanto em outros países, os estudos linguísticos sobre alfabetização, partindo do pressuposto de que há relação entre língua e estratificação social, vêm tentando descrever os dialetos de comunidades de fala, correlacionando-os com variáveis sociais, particularmente com a variável nível socioeconômico e contrastando-os com a língua escrita, para encontrar, nesse contraste, explicações das dificuldades que falantes pertencentes a

determinados grupos sociais enfrentam no processo de aquisição da língua escrita (SOARES, 2015, p. 64).

Apesar de - e com- toda a problemática sociocultural e socioeconômica, há o desafio de trabalharmos, de certo modo, com alfabetização em todos os anos do período escolar, uma vez que os alunos continuam com dificuldades de lectografia durante todo o curso. Nesse contexto, a escola tem de cumprir com a função de ensinar; e o conteúdo deve abranger aquilo que as pessoas ainda não sabem ou pouco sabem, pois por isso buscam conhecimento. Para isso, é preciso levar em conta também que não podemos descartar o conhecimento que as crianças já possuem e trazem, pois a educação se constrói alicerçada nos *frames*, modelos já conhecidos pelo educando como verificamos na explicação e citação feita por Morato (2010).

No terreno da Linguística Cognitiva, Lakoff (1987) chama de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) as estruturas por meio das quais organizamos nosso conhecimento e criamos categorias com as quais fazemos relações, entre nós e o mundo social e também entre nossas variadas formas de conhecimento; os MCIs, em suma, são estruturas conceptuais de ordem sócio-cognitiva que permitem a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento humano. Metodologicamente, tais modelos cognitivos, ancorados nas experiências cotidianas, permitem a organização seletiva e não exaustiva do conhecimento sob a forma de categorias cujos limites são associados em rede (“networks”).

Em outras palavras, como consta em Gerhardt (2016, p. 18):

O processo de aprendizado de novos conceitos, ideias e significados se baseia na integração entre o que já sabemos e o que existe para ser apreendido; daí sempre temos a sensação de que, ao empregarmos alguma coisa nova, estamos nos recordando de algo que já sabemos, mas que agora estamos observando de uma nova maneira. Os componentes dessa integração se articulam em dois movimentos contrários e complementares entre si que se denominam, de um lado, ascendente, relacionada às informações do mundo (denominado aqui universo cognoscente) que são detectadas pelas pessoas, e, de outro lado, descendente, associado aos conhecimentos prévios das pessoas que, no contato com o universo cognoscente, contribui como fundamento para o aprendizado de novas informações.

Desse modo, constrói-se um conceito a partir dos conceitos pré-existentes, de acordo com seus aspectos relevantes, combinando os elementos num determinado processo. Assim, segundo a autora, se faz necessário incluir, nas reflexões acerca do ensino de língua materna, o desenvolvimento metacognitivo e metalinguístico, abordando os saberes linguísticos prévios dos alunos.

Assim, para se ensinar a norma padrão de forma mais atrativa para o aluno motivando-lhe o apreço pela Língua e a sua permanência na escola, podemos partir da escrita que eles já trazem, e o internetês - com suas reduções - faz parte dela.

Sabemos que o letramento não ocorre somente na escola, mas, como ambiente formal de educação, o acesso aos discursos sociais - e o ensino da leitura e da escrita para entender tais discursos - deve ser promovido no ambiente educacional levando aos aprendizes o maior número de modalidades da língua, falada ou escrita:

Educar em língua materna é permitir o acesso dos aprendizes ao maior número possível de modalidades faladas e escritas de sua língua, modalidades que só se realizam empiricamente, concretamente, na forma de gêneros textuais (BAGNO, 2012, p.31).

Ainda Bagno (2012, p. 32) alerta que:

Não se trata de restringir o acesso à norma padrão veiculada pela TGP (tradição gramatical do português) até porque ela surgiria inevitavelmente nos textos que ele viverá em seu processo de escolarização, mas postulamos que a gramática não seja usada como mecanismo didático de negação do VGB (vernáculo geral brasileiro) nem como instrumento para depreciar nossa língua materna. Não há porque negar legitimidade ao que já está legitimado por todos os falantes, inclusive pelos urbanos e altamente letrados inclusive pela nossa melhor literatura dos últimos 100 anos.

Pode parecer contraditório: a escola ter como função ensinar o que os alunos não sabem e, ao mesmo tempo, trabalhar com a linguagem que eles já trazem. Não se trata de privilegiar uma ou outra, mas somar conhecimentos ampliando o aprendizado e domínio da língua. Identificar as novas formas de expressão, como o internetês, sinalizar uma possível transcrição e adequação, são atividades, pois, proeminentes na prática docente e não devem ser vistas com reserva. Percebemos que a escrita abreviada usada hoje pelos jovens não altera a fala; é fenômeno estritamente ortográfico, reconhecido pelos próprios falantes e leitores, por isso recomendamos as duas abordagens, simultaneamente, para que o aluno amplie, inclusive, sua visão de mundo através da linguagem.

A língua é nossa faculdade mais poderosa, nosso principal modo de apreensão da realidade, de intervenção nessa mesma realidade; palco de conflitos sociais, de disputas políticas, de propaganda ideológica, de manipulação de consciência, entre muitas e muitas outras. Portanto, comunicar-se não é somente transmitir uma mensagem mas comunicar quem somos, de onde viemos, a que comunidade pertencemos, o quanto estamos ou não inseridos nos modos de ver, pensar e agir do nosso interlocutor. Assim, numa sociedade como a nossa, tradicionalmente excludente e discriminadora, é fundamental que a escola possibilite a seus aprendizes o acesso ao espectro mais amplo possível de modo de expressão a começar

pelo domínio da escrita e da Leitura, direito inalienável de qualquer pessoa que viva no país republicano e democrático (BAGNO, 2012).

A leitura e a escrita facilitam o acesso a incontáveis mundos discursivos percebidos pelo aluno por meio da escolarização institucionalizada. É preciso, pois, saber usar os múltiplos recursos que a língua oferece para promover essa interação social e sua cidadania. Visto isso, tratar da redução ortográfica, uma das faces do internetês, e sua alternância com as formas ortográficas padronizadas é também atividade de letramento adequada ao ambiente escolar. Além disso, a escola não negar a existência e uso, pelos alunos, de competências linguísticas fora dela (e inseri-las em sala de aula) é um dos recursos a serem explorados, e, mais que uma possibilidade, é uma necessidade diante da vida hoje e do quadro educacional brasileiro.

4. ANÁLISE DE DADOS

No decorrer da pesquisa, concentramos nossa coleta de dados em três pontos: pesquisa de palavras com escrita abreviada nas redes sociais dos alunos, mais especificamente, Facebook e WhatsApp; redação em sala de aula de tipo narrativa para verificar a escrita dos mesmos alunos em sala de aula; e entrevistas com professores de português e outras matérias a fim de verificar a percepção do corpo docente acerca do tema da pesquisa. Explanaremos os três pontos a seguir.

4.1 OCORRÊNCIAS NA INTERNET

Os jovens, de modo geral, com frequência, utilizam uma escrita abreviada como recurso mais ágil ou prático de comunicação. Escolhemos o Facebook (postagens, comentários e mensagens “inbox” através do Messenger) e o WhatsApp como suportes para a pesquisa; não tivemos acesso a todos os perfis ou conversas, mas selecionamos algumas páginas e contatos das turmas envolvidas para que, depois, traçassemos um comparativo entre a escrita na Internet e a escrita escolar. Abaixo transcrevemos alguns dos casos mais encontrados ou mais interessantes. Nos anexos¹², há algumas das imagens de postagens e mensagens dos alunos em suas redes sociais para ilustrar a pesquisa, e, a seguir, evidenciamos, em tabela algumas dessas escritas abreviadas encontradas.

4.1.1 Escrita abreviada

A fim de melhor observarmos os casos, dividimos as ocorrências em três blocos: vocábulos, sintagmas e sentenças. Dos três grupos, são os vocábulos que mais aparecem abreviados. Não repetimos as ocorrências, mas vale registrar que os encurtamentos mencionados, em sua maioria, apareceram mais de uma vez ao longo das buscas nas redes sociais dos sujeitos. Indicamos também, na tabela a seguir, a idade dos sujeitos, as séries em que estão inseridos, a rede e o contexto em que ocorreram as reduções ortográficas.

¹² Vide Anexo E

4.1.1.1 *Vocábulos***Tabela 1:** Ocorrências nas redes sociais - vocábulos

ITEM	GLOSA	SUJEITO	IDADE	NÍVEL	REDE	CONTEXTO
amgo	amigo	A. P.	13	7º ano	Facebook	Comentário
amr	amor	Mo. P.	13	8º ano	Facebook	comentário
bjs	beijos	N. B.	15	9º ano	Facebook	postagem
bjinho	beijinho	M.I.	33	PEJA	WhatsApp	mensagem
blz	beleza	I.C.	17	1º ano E.M.	Facebook	Messenger
cmg	comigo	A. P.	13	8º ano	Facebook	Comentário
crl	caralho	A. B.	14	9º ano	Facebook	Postagem
dxo	deixo	A. P.	13	8º ano	Facebook	Comentário
fl	falar	N.F.	17	EJA	WhatsApp	Mensagem
ft	foto	R.B.	21	EJA	WhatsApp	Mensagem
hj	hoje	M.S.	42	EJA	WhatsApp	Mensagem
mn	mano	J. P.	13	7º ano	Facebook	Comentário
msm	mesmo	A.O.	18	EJA	WhatsApp	mensagem
mt	muito	R. B.	12	7º ano	Facebook	Comentário
obgd	obrigado	Y.R.	16	1º ano E.M.	Facebook	Messenger
pq	porque	M. B.	12	7º ano	Facebook	Postagem
q	que	A. A.	16	1º ano E.M.	Facebook	Postagem
qd	quando	T. P.	12	6º ano	Facebook	Comentário

sb	sabe	A. P.	13	8º ano	Facebook	Comentário
sdd	saudade	K. P.	13	8º ano	Facebook	Comentário
tbm	também	A. P.	13	7º ano	Facebook	Comentário
tdo	todo	M.M.	18	1ºano E.M.	WhatsApp	mensagem
vc	você	C.O	17	1º ano E.M.	Facebook	postagem
vdd	verdade	J.S.	38	EJA	WhatsApp	mensagem

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Observamos que o padrão geral mostra a permanência das consoantes (sobretudo nos onsets) e ausência das vogais. Estas, entretanto, permanecem se estiverem à margem esquerda da palavra (*obgd*, *amr*, *amgo*). Em alguns casos, as vogais também sobrevivem à margem direita, sobretudo se tiverem valor de (desambiguação de) gênero (*amgo*) – embora, algumas vezes, a desinência possa ser dispensada pelo contexto-, desinência número-pessoal nos verbos (*dxo*) e sufixos de grau (*pprtão*, *bjinho*).

4.1.1.2 Sintagmas

Tabela 2: Ocorrências nas redes sociais - sintagmas

ITEM	GLOSA	SUJEITO	IDADE	NÍVEL	REDE	CONTEXTO
m ds	meu deus	Y.R.	16	1º ano E.M.	Facebook	messenger.
nmrl	na moral	L.M.	14	8º ano	WhatsApp	mensagem
pfv	por favor	M.S.	17	1º ano E.M.	WhatsApp	mensagem
Plmd ~ pmd	pelo amor de deus	V. Bt.	15	1º ano E.M.	Facebook	postagem

Pprt	papo reto	V. Bt.	15	1° ano	Facebook	Postagem
pprtão	papo retão	L.A.	21	E.M.	WhatsApp	mensagem
PEJA						

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Podemos observar, através do recurso de encurtamento ortográfico utilizado pelos alunos, que a redução segue a regra de omissão de vogais, mas no caso de “pelo amor de deus” (*plmd*), o “a” da margem esquerda de “amor” não permaneceu. Isso nos leva a pensar que, de fato, a escrita reflete a oralidade unindo palavras como se fossem uma só (*pelamor*).

4.1.1.3 Sentenças

Tabela 3: Ocorrências nas redes sociais - sentenças

ITEM	GLOSA	SUJEITO	IDADE	NÍVEL	REDE	CONTEXTO
slc	cê é louco	Y. B.	16	1° ano E.M.	WhatsApp	conversa
Tlg ~ tlgd	tá ligado	Y.P.	16	9° ano	WhatsApp	mensagem
tmj	tamo junto	L. P.	13	7° ano	Facebook	comentário

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

As sentenças acima são expressões comuns na oralidade; na escrita digital encontram-se com frequência nos comentários e mensagens dos jovens na forma abreviada.

A partir da análise dos casos extraídos da Internet, percebemos que a grande maioria da escrita abreviada se dá em vocábulos, seguindo o padrão de “abreviaturas digitais - omitindo o registro da vogal de núcleo da sílaba da palavra”, conforme esclarece ser a regra geral as autoras Komesu e Tenani (2015); há também reduções em sintagmas e, em menor número, em sentenças, que seguem semelhanças à

siglagem, embora não sejam exatamente iguais. As siglas se formam pela combinação das letras iniciais das palavras, mas a escrita abreviada dos sintagmas e das sentenças não segue exatamente essa regra, pois *plmd* não corresponde às primeiras letras da expressão *pelo amor de deus*, por exemplo, baseia-se na ausência de vogais, regra geral das abreviaturas mencionada por Komesu e Tenani (2015).

Foram muitas as ocorrências de escrita abreviada em todas as páginas que visitamos. Em todos os grupos do WhatsApp, em todas as conversas pelo Messenger (mensagem privada do Facebook) ou nas conversas individuais no WhatsApp, identificamos reduções ortográficas, ou seja, em 100% das páginas visitadas, houve ocorrência de escrita abreviada. Isso nos leva a crer e a confirmar a primeira questão da pesquisa, de que a escrita abreviada está, de fato, difundida entre os usuários da Internet (sobretudo nas redes sociais, sejam eles jovens ou adultos).

4.2 PROPOSTA DE REDAÇÃO COMO SONDAÇÃO

Enquanto a pesquisa nas redes sociais acontecia, solicitamos aos alunos, como uma atividade normal de sala de aula, que fizessem uma redação de tipo narrativa. A escolha deu-se por permitir uma linguagem menos formal nos casos, sobretudo, de discurso direto.

Proposta de Texto Narrativo/ Projeto Criando histórias...

Nome: _____ Turma: _____
 Escola: _____

Te Esperando (Luan Santana)



Te esperando...



<p>Mesmo que você não caia na minha cantada Mesmo que você conheça outro cara Na fila de um banco Um tal de Fernando Um lance, assim Sem graça</p> <p>Mesmo que vocês fiquem sem se gostar Mesmo que vocês casem sem se amar E depois de seis meses Um olhe pro outro E aí, pois é Sei lá Mesmo que você suporte este casamento Por causa dos filhos, por muito tempo Dez, vinte, trinta anos Até se assustar com os seus cabelos brancos</p>	<p>Um dia vai sentar numa cadeira de balanço Vai lembrar do tempo em que tinha vinte anos Vai lembrar de mim e se perguntar Por onde esse cara deve estar?</p> <p>E eu vou estar Te esperando Nem que já esteja velhinha gagá Com noventa, viúva, sozinha Não vou me importar Vou ligar, te chamar pra sair Namorar no sofá Nem que seja além dessa vida Eu vou estar Te esperando</p>
---	--

As histórias de amor são as mais presentes em nossa lista de músicas, poemas e romances. Às vezes, com final feliz; às vezes, com um desfecho diferente..., mas sempre foram as campeãs! Torcemos juntos pelos casais nas novelas, filmes, seriados, textos dos mais diversos.

Agora é a sua vez de criar uma história sobre esse tema. Invente os personagens, o cenário, a época...
Tome a canção reproduzida acima como ponto de partida para sua criatividade e use **diálogo** em alguma parte do seu texto para dar mais vida à narrativa. Capriche!

Propusemos, como tema, o amor/ relacionamento a fim de alcançar o interesse de jovens de todas as faixas etárias: jovens de 11 anos do sexto ano regular, a adultos na educação de jovens e adultos. Utilizamos como recursos, na proposta, uma canção e imagens para motivar a contextualização do tema, que foi bem aceito, apesar de reclamarem do fato de terem de escrever uma redação, como é de costume na prática pedagógica cotidiana.

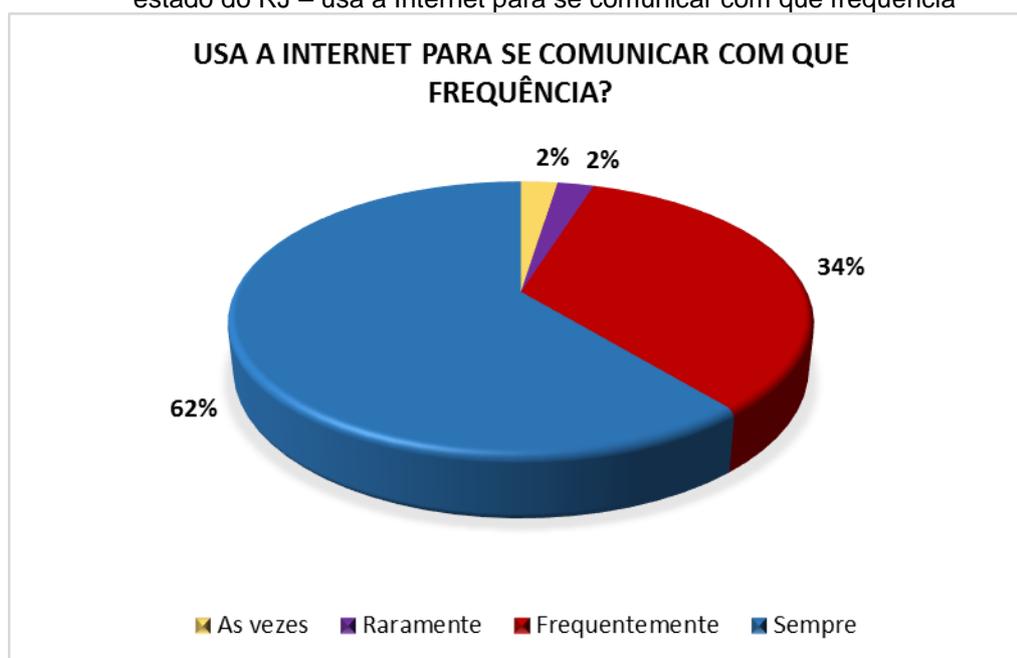
Os textos narrativos produzidos pelos alunos foram lidos e não foram encontrados registros significativos de reduções ortográficas. Diante disso, foi possível perceber que, mesmo em casos de uma linguagem mais informal, os alunos não utilizaram nos textos escolares o recurso de redução vocabular tão comum da Internet, o que refuta a hipótese de que a escrita abreviada na Internet migra para a escrita escolar. Vale salientar que, até o momento da produção textual, nada havia sido falado sobre o fenômeno da escrita abreviada para garantir um resultado isento de interferência.

4.3 ENTREVISTA COM PROFESSORES

Utilizamos a plataforma *Google Forms* para entrevistar professores de português de áreas distintas da cidade do Rio de Janeiro. Perfis diferentes em tempo de serviço, idade e acesso a cursos de pós-graduação. Entrevistamos também, em forma de questionário impresso e distribuído, professores de disciplinas diferentes que lecionam para as turmas dos sujeitos da pesquisa.

Perguntamos aos professores, após saber sobre tempo de profissão e dados de identificação, se eles habitualmente mantêm alguma comunicação pela Internet, ao que responderam quase que unanimemente que sim (96% dos entrevistados disseram que sempre ou frequentemente), conforme podemos ver no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Respostas dos professores da Língua Portuguesa de escolas diversas do estado do RJ – usa a Internet para se comunicar com que frequência



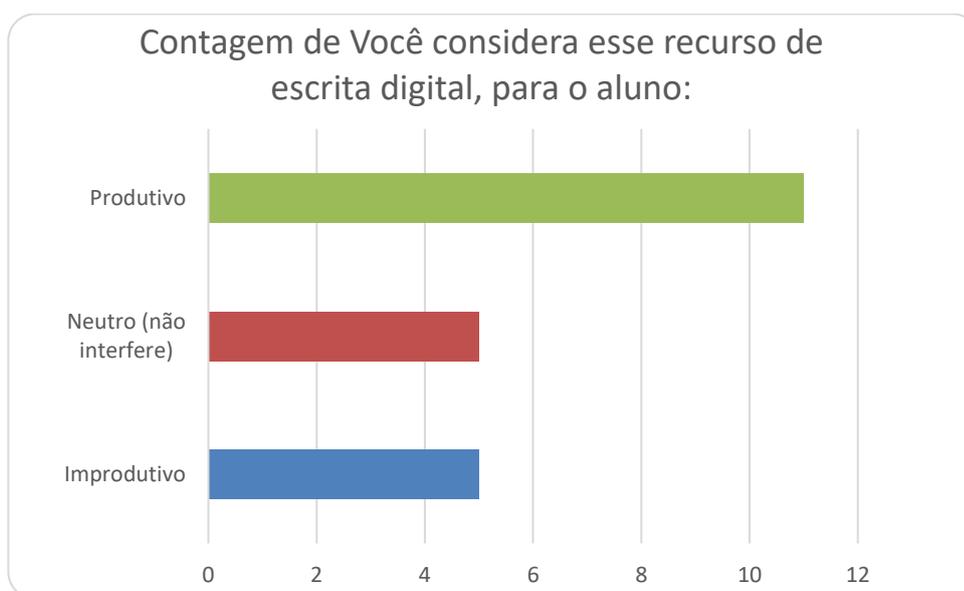
Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Ao serem indagados sobre o que pensam sobre a escrita abreviada na Internet, deram respostas distintas, mas, no geral, concordam que é natural ao suporte e que está associada à praticidade, o que demonstra aceitação dessa escrita. Nos anexos¹³, ao final desta pesquisa, as respostas podem ser conferidas na íntegra.

¹³ Vide Anexo F

A Internet é atualmente a maior forma de comunicação usada entre as pessoas. Fazendo parte da modernidade, era importante, pois, para nós, saber o que os colegas que trabalham com Língua Portuguesa nas escolas pensam a respeito do uso da escrita abreviada pelos alunos, visto que caberá ao docente de Língua Portuguesa levar o assunto para sala de aula. No início na pesquisa, calculávamos verificar professores mais resistentes ao uso, “porta-vozes de visões apocalípticas”, como Kanavillil Rajagopalan (2012) menciona e citamos no aporte teórico desta pesquisa. A conclusão, no entanto, surpreendeu-nos. A minoria considera o uso da escrita abreviada na Internet improdutivo para o aluno – termo usado no sentido amplo de não gerar resultados ou não ser vantajoso - conforme podemos ver no gráfico a seguir:

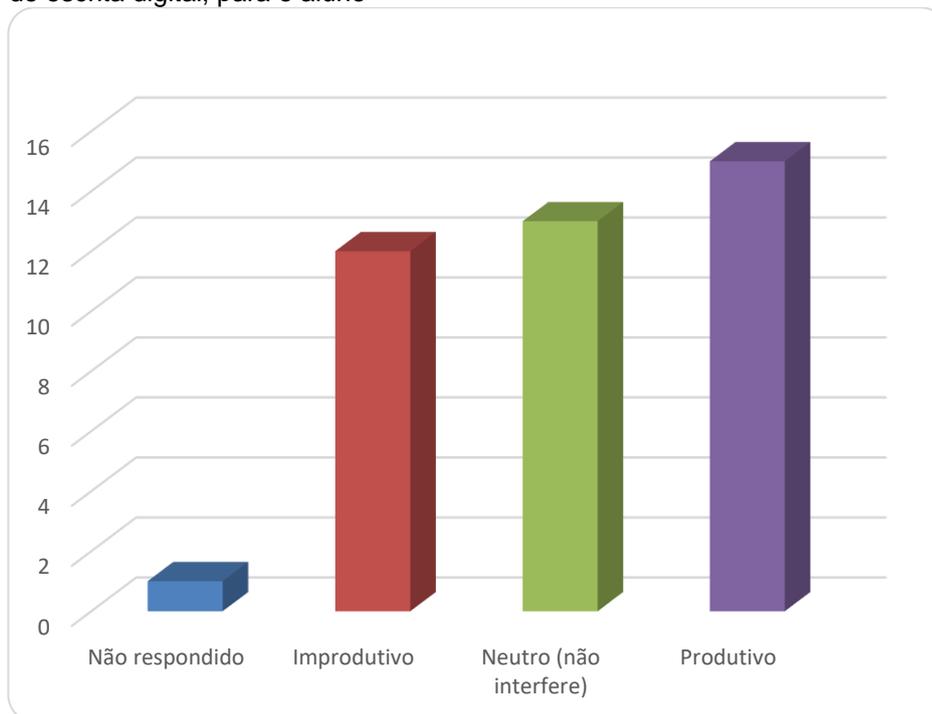
Gráfico 3: Respostas dos professores da Língua Portuguesa – Contagem de “Você considera esse recurso de escrita digital, para o aluno”



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Ao computar a resposta de todos os professores, inclusive os de outras matérias, tivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Respostas dos professores de todas as matérias – Você considera esse recurso de escrita digital, para o aluno



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Como podemos ver, a minoria considera o uso dessa linguagem improdutivo ou ineficiente, o que refuta a hipótese de que os professores veem com resistência, ou mesmo preconceito, a escrita abreviada usada na Internet.

A justificativa dada por eles também é relevante e nos leva a perceber que o fator adequação se faz necessário na opinião de quase todos, e é tarefa do professor de Português levar essa discussão para a sala de aula, como propõe nosso trabalho. Abaixo, reproduzimos as respostas na íntegra por julgarmos interessante ao corpus da pesquisa entender como pensam nossos colegas professores. As primeiras 21 respostas são de professores de português em escolas diferentes, em várias regiões do estado; e as outras 20 são de professores regentes de diferentes disciplinas das turmas pesquisadas. Dos 21 professores de português de escolas diversas, apenas 6 consideram desfavorável o uso da escrita abreviada na Internet. Dos 20 professores de matérias distintas das turmas em que realizamos a pesquisa, também é a minoria que considera o uso desfavorável.

Quadro 5: Entrevista com os professores - Justificativa

ENTREVISTA COM PROFESSORES	
<i>Professores de LP, de escolas diversas, favoráveis ao uso:</i>	
<i>Pergunta ao entrevistado</i>	<i>Por quê?</i>
Resposta	Produtivo enquanto ele souber o momento certo para usá-la
Resposta	Porque a cada dia, o aluno tem mais consciência de que o uso desse recurso de escrita se restringe ao mundo virtual.
Resposta	É importante que ele entenda que há casos específicos em que o uso de abreviações são permitidos e em outros, não!
Resposta	No ensino fundamental II acho bem complexo falar sobre esse assunto, pois os alunos ainda estão em processo de amadurecimento. No entanto, é uma linguagem atual, da qual não há como fugir, logo, convém ser objeto de estudo nas aulas de linguagens.
Resposta	O aluno precisa ter conhecimento e saber utilizar as variações da língua de forma adequada. A escrita digital é mais um recurso útil a ser utilizado por ele. Cabe ao professor falar sobre o uso adequado desse instrumento.
Resposta	Porque ele precisa saber que existe esse tipo de linguagem e que há espaços, conforme dito acima, em que o uso é permitido.
Resposta	Porque é possível mostrar aos alunos que existe a necessidade de adequação do registro escrito conforme exija a situação de produção.
Resposta	Acredito que, com o amadurecimento linguístico do aluno passa a haver uma delimitação conscientemente seus usos.
Resposta	Além de dinamizar relaciona com a realidade.
Resposta	O recurso é útil se utilizado de forma correta. O aluno precisa saber diferenciar as situações de uso. Na Internet, as abreviações, por exemplo, são necessárias, mas na redação do vestibular não serão aceitas.
Resposta	Sabendo adequar a linguagem para cada situação, não há nenhum problema.
Resposta	Se o aluno utiliza as abreviações no contexto certo, significa que ele sabe se comunicar bem em ambientes virtuais.
Resposta	Considero esse recurso de escrita produtivo, pois acredito que o aluno deve aprender a adequar a linguagem de acordo com o gênero e o tipo de texto, o público-alvo e, ainda, o suporte onde usará a escrita. Há que se considerar, também, que a linguagem digital (online) difere das demais por sua hipertextualidade. Sendo assim, precisa ser dinâmica, com leitura e escrita mais velozes.
Resposta	Porque é o recurso que o aluno usa para construir seus textos e comunicar-se, porém precisa ser orientado, para que possa diferenciar esta linguagem daquela em que há necessidade da utilização da norma culta.

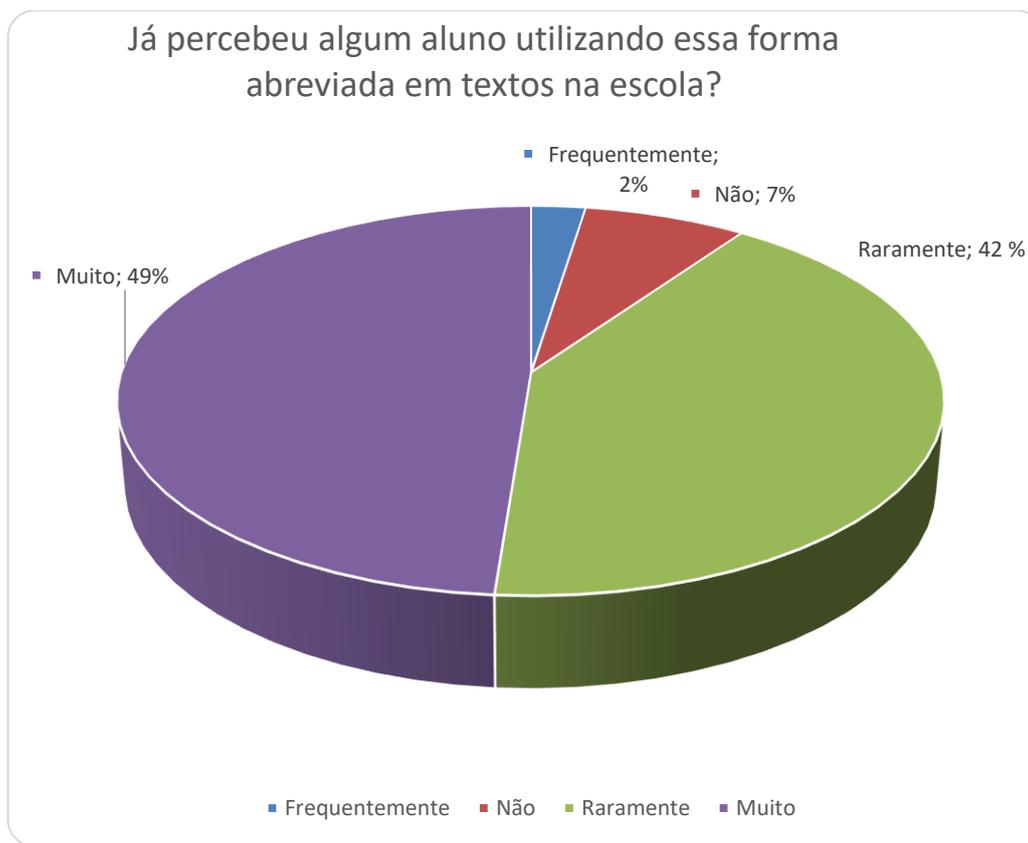
Resposta	Porque o tira da inércia. Oferece um estímulo à expressão pela escrita.
<i>Professores de LP, de escolas diversas, desfavoráveis ao uso:</i>	
Resposta	Pois na maioria dos casos esse recurso acaba sendo o único utilizado pelo aluno seja qual for a situação.
Resposta	Demonstra a dificuldade de separar as situações de uso.
Resposta	Infelizmente, a maioria não consegue se desvencilhar do universo virtual no caderno.
Resposta	Acabam por ter dificuldade de desenvolvimento textual.
Resposta	Porque usando só as abreviaturas, eles não conseguem compreender a norma culta.
Resposta	Porque demonstra que o meio influencia a linguagem escrita de certa forma, mas as diferenças com a norma culta podem atrapalhar a absorção das regras gramaticais mais precisas e eficazes.
<i>Professores, de disciplinas diferentes, favoráveis ou neutros ao uso:</i>	
Resposta	Porque o aluno também consegue se expressar através dessa escrita.
Resposta	Penso que seja produtivo desde que o aluno saiba os contextos certos em que deve usar.
Resposta	Faz parte do cotidiano do aluno, portanto não podemos simplesmente ignorar esse registro, porém é de fundamental importância que o aluno saiba quando utilizar cada tipo de linguagem.
Resposta	O uso moderado nos textos informais não causa prejuízo.
Resposta	O aluno deve ser conscientizado de que existem as maneiras formal e informal de se escrever. Não vejo problemas na forma abreviada da escrita. Eu utilizo essa forma mas não quando leciono.
Resposta	É importante conhecer e saber como utilizar as múltiplas variações da língua.
Resposta	Depende da situação. Se a comunicação é feita entre amigos em uma conversa informal tudo bem. O que não pode é o desconhecimento da escrita formal.
Resposta	Pois na minha vida tem pouca participação.
Resposta	Quando o uso facilita o desempenho na pesquisa e na aprendizagem. É um elemento facilitador e muito.
Resposta	Como afirmei acima, a escrita abreviada precede o advento da Internet, por isso esta exerce pouca ou influência nenhuma sobre os jovens e adultos. Talvez influência maior tenham os manuais de gramáticas que apresentam regras de abreviaturas com vastos exemplos dessa escrita.
Resposta	Acho importante que a comunicação se estabeleça ainda que seja usado abreviaturas.

Resposta	Até o momento, em minha experiência, parece que os alunos conseguem diferenciar os ambientes (formal/informal) e adequar o uso da escrita mais ou menos bem para cada um deles.
Resposta	A Língua Portuguesa deve ser utilizada nas escolas ou em cartas de maneira correta, não deve ser usada de modo vulgar. É diferente de mensagens eletrônicas informais.
Resposta	É uma modernidade de comunicação que faz parte do cotidiano do aluno. Não deve ser usada nas produções escolares, para fins de avaliação.
<i>Professores, de diferentes disciplinas, desfavoráveis ao uso:</i>	
Resposta	Os alunos possuem muitas deficiências e esta forma de escrita irá contribuir para mais deficiência na escrita e vocabulário.
Resposta	Prejudica na aprendizagem dos alunos.
Resposta	Estimula a uma escrita fora dos padrões da Língua Portuguesa.
Resposta	Pois eles acabam por reproduzir as abreviaturas quando deveriam usar recurso da língua escrita.
Resposta	Porque o aluno terá como padrão este tipo de escrita tornando-o como norma-padrão e, por conseguinte, levará para si como verdadeiro em relação à vida acadêmica.

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

A maioria do corpo docente disse já ter visto alunos reproduzindo a escrita abreviada na Internet em redações escolares, trabalhos e comunicações diversos. No entanto, ao analisarmos as quase 200 redações, não encontramos casos dessa escrita, o que nos leva a entender a fala dos professores como memória de situações pontuais que lhes chamaram mais atenção, mas não em maior número.

Gráfico 5: Percepção do professor em relação ao uso de formas abreviadas em textos na escola



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Observando o gráfico, percebemos um empate técnico: metade dos professores disseram já ter visto com frequência (ou muito) casos de escrita abreviada na escola; a outra metade afirma raramente (ou não) ter visto casos como esses. Levando em consideração a disciplina que lecionam, percebemos que o percentual é o mesmo, porém inversamente respondido: dos professores de português de diversas localidades, 62% viram muito ou frequentemente; já dos professores de disciplinas diversas das turmas pesquisadas, o mesmo percentual responde raramente ou não ter visto ocorrências de escrita abreviada nos textos escolares. Logo, percebe-se que são os professores de português que mais sinalizam a migração da escrita abreviada da Internet para a escola, pois salta mais aos olhos dos professores de português, que estão mais atentos a questões ortográficas. No entanto, esse sentimento de muitos professores, de verem frequentemente casos de escrita abreviada, parece não resistir à análise efetiva, a um procedimento mais científico de procurar analisar os dados e ver como isso migra para a escola. Somando os dados percentuais deste tópico à análise das redações, concluímos que não há indícios significativos de casos

de influência na escrita escolar, respondendo a uma das questões propostas deste trabalho, o que há, ainda, é o indício de que os professores, sobretudo de língua portuguesa, ainda estão em processo de aceitação deste recurso ortográfico guardando na memória situações eventuais e não corriqueiras de escrita abreviada na escola.

5 APLICAÇÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

“É tão estranho escrever assim no papel!”

(Fala de um aluno do sétimo ano).

A sequência didática elaborada, ocorrida, como dissemos, depois do levantamento dos dados na Internet e nas produções dos alunos em sala de aula, compreendia a abordagem do tema desta pesquisa em atividades que durariam cerca de 3 tempos de aula em cada turma. Foram aplicados exercícios, como explicitados a seguir, e propostos debates e reflexões sobre o uso da escrita abreviada em 11 turmas, a saber: 4 turmas do Ensino Fundamental II regular (sexto, sétimo, oitavo e nono anos); 2 turmas do Ensino Fundamental II no formato de PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) compreendendo sexto e sétimo anos e oitavo e nono anos; 3 turmas do primeiro ano do Ensino Médio.

5.1 MOMENTO 1: INTRODUÇÃO AO ASSUNTO

O objetivo específico para esta atividade era perceber, de imediato, a proximidade dos alunos com a escrita abreviada da Internet. E, para início da conversa, aparentemente informal, foi colocada no quadro uma frase com palavras comumente abreviadas pelos jovens na Internet e uma improvisada seguindo a mesma sistematização (omissão das vogais) para que os alunos lessem.

“E ai, blz? Vc vai cmg hj ao pgd”?

A resposta foi instantânea em todas as turmas. Nenhuma ficou apática e percebeu-se até o movimento de vários alunos nas cadeiras, como se se ajeitassem para melhor prestar atenção. Como era de se esperar, alguns alunos comentaram sobre a palavra “pagode”, dizendo nunca terem abreviado daquela forma. De imediato, a professora-pesquisadora questionou como eles adivinharam do que se tratava. As respostas foram diversas, mas todas com uma base comum: “dá pra entender pela frase”. A noção de contexto já estava implícita ali e voltaria a ser trabalhada mais claramente em um momento posterior da atividade.

Então, foram colocadas outras palavras abreviadas, altamente conhecidas e pesquisadas anteriormente nas redes sociais do mesmo público: *vdd*, *tbm*, *pprt* (verdade, também e papo reto, respectivamente). Alguns alunos disseram que *tbm* poderia ser “também” ou “tá bem”. Mais uma vez a questão do contexto surgiu e aprofundamos um pouco, já mencionando o termo “contexto”. Os próprios alunos comentaram exemplos de frases em que o sentido seria um e frases em que seria o outro, tornando, já no primeiro momento, a atividade bastante rica.

Em seguida, houve o relato de um fato sobre a confusão de sentido quando não entendemos a escrita abreviada do outro. No início do ano, em uma conversa pela Internet, a pesquisadora perguntara a um jovem onde este iria passar o carnaval. A resposta fora “SL”. A professora respondera com alegria pensando se tratar de “São Lourenço”, até que, depois de perceber o ruído na comunicação, descobriu que se tratava de “sei lá”. A história verídica provocou risos altos para aquele público e, após essa vivência, a história foi contada nas turmas seguintes. Tal fato motivou no grupo comentários sobre familiares mais velhos que não entendem, às vezes, o que eles escrevem, e casos foram partilhados com a mesma alegria, o que provocou também a explicação de que devemos adequar nossa expressão aos nossos interlocutores.

5.2 MOMENTO 2: TRANSCRIÇÃO DE PALAVRAS ABREVIADAS DESCONTEXTUALIZADAS PARA PALAVRAS PLENAS.

O objetivo específico para esta atividade era verificar o reconhecimento dos vocábulos abreviados e a presença de desvios na ortografia da palavra plena. Foi distribuída, após o momento inicial, uma folha com as seguintes questões a que os alunos deveriam responder por escrito:

Quadro 6: Identificação de reduções ortográficas fora de contexto

1- Você conhece estas palavras? Escreva-as de forma plena.	
Amr-	Amg-
Cmg-	Mn-
Td-	Mnr-
Tdo-	Pq-
Pprt-	Fds-
Mlkao-	Qd-
Sb-	Tdb-
Dxo-	Gnt-
Slc-	Vzs-
Tmj-	Bff-
Pmd-	Pf-
2- Que outras abreviaturas você usa ou já viu?	

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

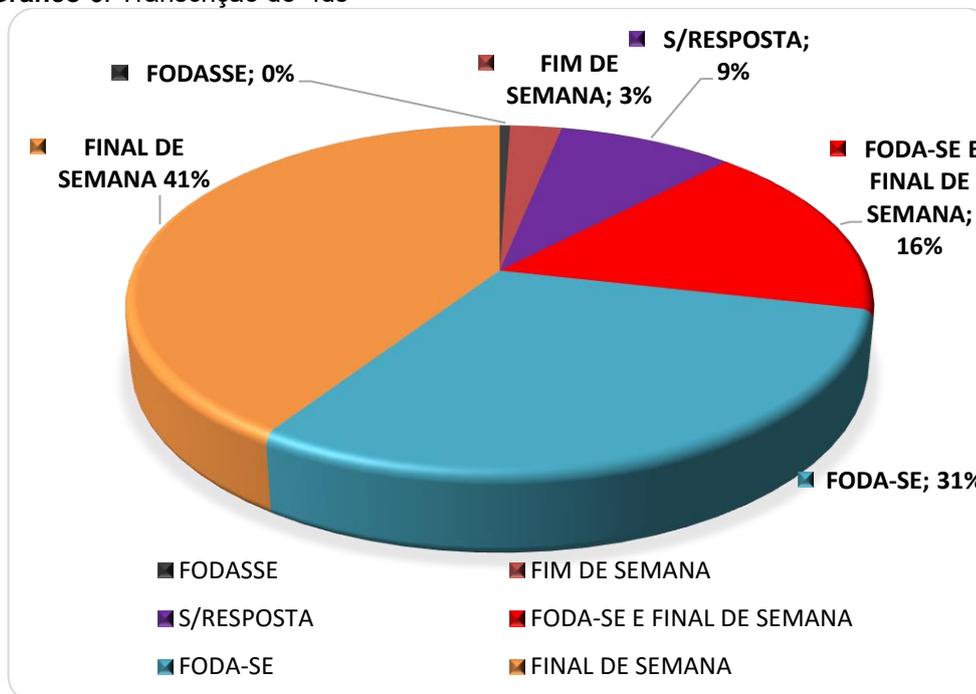
Os alunos demonstraram grande interesse. Mesmo diante da solicitação da professora para não “colarem” nem falarem alto as respostas, eles respondiam e pediam desculpas logo após, porque “era difícil controlar”, como ouvimos dizerem. Em todas as turmas era como se fosse absurdo não conhecer esta ou aquela redução ortográfica e alguns comentários nos chamaram a atenção: “Finalmente falaram a minha língua”, dito por um aluno do primeiro ano do ensino médio; “poxa, se essa fosse a matéria da prova eu tirava dez” e “caramba, é muito estranho escrever assim na escola”, falas de alunos do fundamental II.

Tais comentários nos fizeram perceber o quanto a escola, por vezes, descarta o conhecimento do aluno e anda distante da sua realidade passando talvez a impressão de que eles não sabem nada de Língua Portuguesa. Ratificou-se então a relevância deste trabalho.

Um caso que chamou bastante atenção também foi a forma abreviada “fds”. A pesquisadora colocou tal sequência de letras pensando em “fim/final de semana”; no entanto, para a nossa surpresa, todas as turmas responderam chocados: “professora...tem palavrão aqui!!” “Professoraaaaa, pode palavrão??” e risos se seguiam, cochichos e um “tá bem” feliz da vida. Para a grande maioria, fds significa

“foda-se”. Isso levou vários alunos a citarem outros palavrões na questão dois, como krl, vtnc, pqp, fdp outros. Abaixo o gráfico relativo a “fds”:

Gráfico 6: Transcrição de “fds”



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Diante da situação inesperada pela professora, uma vez que a intenção era de fim/ final de semana, a resposta foi que poderiam escrever o que achavam que fosse, mas que poderia haver mais de uma resposta - e sempre havia um na turma, pelo menos, que lembrava o possível significado “fim/ final de semana”. Desse modo, vemos que muitos alunos optaram por escrever a vertente “politicamente correta”, outros citaram as duas possibilidades de respostas, e outros assumiram o termo de baixo calão como resposta.

Na questão 2, então, os alunos citaram muitas reduções a que estavam familiarizados.¹⁴ Algumas estranhas, outras de grande circulação mesmo, ou transcritas por eles, como *TKL – HJ – TNC – CRTZ – VSFD – PV – VLW – TLGD – TRQL – SDD – MRRT – SV – SBD – DPS – AQL – SQN – AMNH – SLG – VMS – CRC*¹⁵ e outras. Diante dos exemplos citados na questão 2, alguns poucos alunos

¹⁴ Vide Anexo G

¹⁵ *Tkl* – tranquilo, *hj* – hoje, *tnc* - tomar no cu, *crtz* ou *ctz* – certeza, *vsfd* ou *vsf* – vai se fuder, *pv* – privado, *vlw* – valeu, *tlg* ou *tlgd* – tá ligado, *tql* ou *trql* – tranquilo, *sdd* – saudade, *mrnt* – marrento, *sv* –

mencionaram siglas reversas¹⁶ como “fandangos de presunto” para fdp. O que seria uma oportunidade para trabalhar com criatividade e humor o assunto em todas as turmas. Mas no momento, não aprofundamos o tópico com atividade. Apenas falamos sobre esse e outros exemplos que eles conheciam. Um outro citou o exemplo de “vtnc” como “vem tomar nescau comigo” e contou haver um meme sobre isso. Depois da aula, o aluno enviou a referida imagem, para que pudesse ilustrar esta pesquisa:

Figura 4: Meme sobre siglas reversas

VSF=VAISERFELIZ FDP=FLORDEPESSOA VTNC=VEMTOMAR
NESCAUCOMIGO



Fonte: Geradormemes, 2017

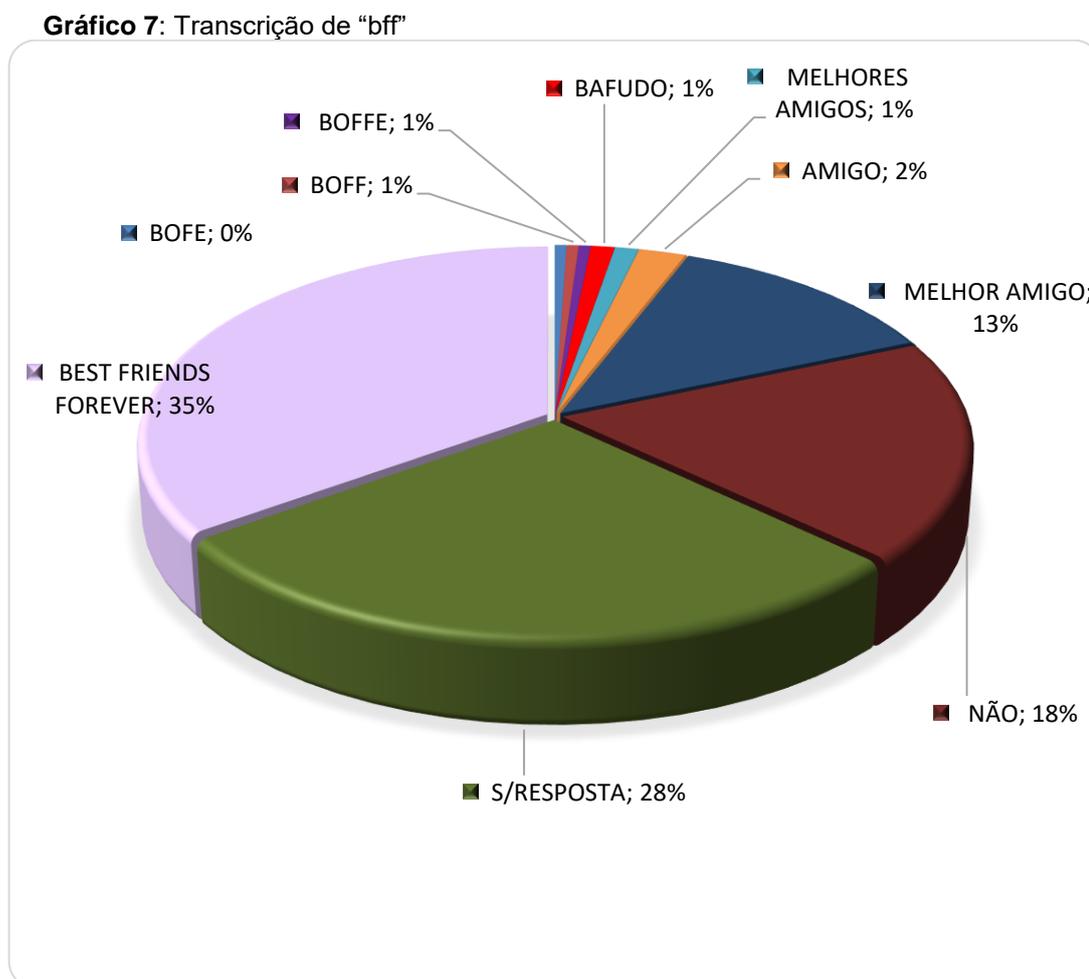
Tal abordagem foi estimulada, a partir de então, em todas as turmas e percebemos o quanto seria, de fato, proveitosa a atividade criativa com a língua portuguesa.

Outra redução ortográfica que merece comentário foi o “bff”, muitos não sabiam dizer ou escrever o que era, mas sabiam o significado em português – melhores amigos. Outros “chutaram” a resposta inserindo vogais, como normalmente ocorre, colocando “bofe ou boff”, (vide no gráfico a seguir). No Anexo I, apresentaremos alguns outros gráficos de respostas obtidas nas atividades propostas, além das

suave, sbd - sábado, dps - depois, aql - aquele, sqn - só que não, amnh - amanhã, slg - se liga, vms - vamos, crc - caraca.

¹⁶Ver mais a esse respeito em Gonçalves (2016, p.74), em que o autor fala sobre a intenção irônica ou de eufemismo na criação de siglas.

comentadas abaixo, a fim de ilustrar melhor a identificação e transcrição das palavras. Poderemos observar, inclusive, que usar/reconhecer a forma abreviada da palavra não comprometeu a ortografia da palavra plena, como alguns professores pensavam que aconteceria, na maioria dos casos e para a maioria dos alunos.

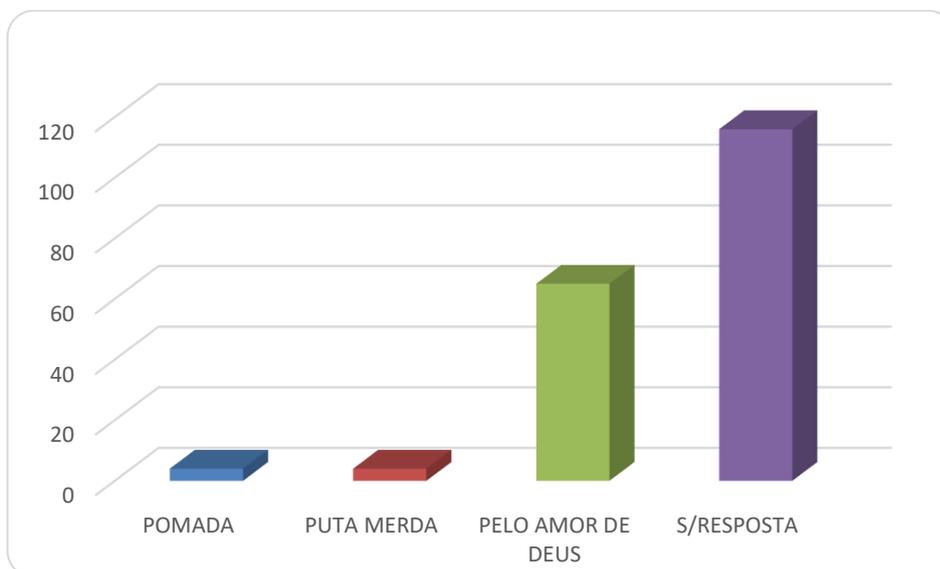


Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Vemos, no gráfico acima, que os alunos procuraram soluções para responder à pergunta, mas houve também quem optasse por não responder ou não soubesse de fato o que significava. Pedimos aos alunos que fossem fiéis aos seus próprios conhecimentos, que era importante para a pesquisa saber que palavras causavam estranheza e, para isso, podiam deixar em branco, sem problemas. Dissemos que não valia ponto, o que gerou comentários do tipo: “ah, se valesse, eu tiraria dez!”. Percebe-se, no gráfico, também que quem conhecia a expressão soube escrevê-la. Outros

preferiram a tradução por ‘não saberem inglês’, como alguns justificaram durante a atividade.

Gráfico 8: Transcrição de “pmd”

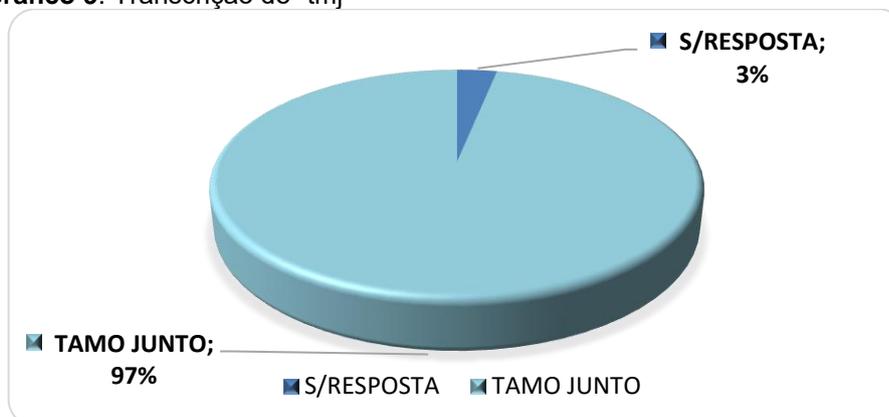


Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Neste outro caso, o sentido observado pela professora foi “pelo amor de Deus” para “pmd”, como aparecera na pesquisa. No entanto, a maioria deixou sem resposta por considerar a sequência de letras “errada”. Disseram que o “correto” seria “plmd”. O fato gerou polêmica, pois alguns alunos diziam já terem visto daquele jeito, ou diferente, ou dos dois.

Apenas a título de ilustração, e ao final há outros gráficos, algumas palavras/sintagmas/sentenças pareceram óbvias, como “tmj”, a qual quase todos atribuíram o mesmo significado:

Gráfico 9: Transcrição de “tmj”



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Percebemos que algumas reduções estão consagradas e quase todos os adeptos desse recurso ortográfico as conhecem, como foi o caso do exemplo acima. Outras geram incerteza, principalmente quando não estão contextualizadas ou são palavras e expressões desconhecidas, como também poderemos ver em anexo nos demais gráficos¹⁷. Na maioria dos casos contextualizados, o índice de acerto foi muito alto, excetuando-se palavras fora do vocabulário deles como “estepe” e “desconsoladamente”. Já com as reduções descontextualizadas, pudemos perceber que há uma variação maior de respostas ou de ausência de respostas, diminuindo o percentual de acerto.

Ao corrigirmos a atividade chamamos a atenção para alguns aspectos importantes:

- Colocamos, no quadro, a sequência “auae”. Conforme o esperado, ninguém adivinhou a que palavra se referia. E ouvimos comentários como pretendíamos ouvir: “só tem vogal, não dá pra saber”; “precisa de consoante para fazer a palavra e poder abreviar”. Colocamos, em seguida, a forma abreviada conhecida por todos que correspondia às vogais: sdd (**saudade**). Logo gritaram surpresos “SAUDADE”!
- Observamos também como eles diferenciavam “beijo” de “beijos” e de “beijão”. Responderam usar a letra ‘s’, como marca de plural e o “ão” como marca de aumentativo. Achamos ser uma boa oportunidade para falar sobre alguns morfemas firmando sua importância nas flexões e derivações.

Essas observações nos levaram a perceber que, realmente, há sistematização ao abreviar a escrita, respondendo a uma das questões desta pesquisa.

5.3 MOMENTO 3: LEITURA DE TEXTO COM PALAVRAS ABREVIADAS

Neste momento, o objetivo específico era verificar se o contexto e a sistematização ao abreviar levariam o leitor a identificar os vocábulos, ainda que incomuns, estabelecendo a compreensão do texto. A professora distribuiu o texto

¹⁷ Vide Anexo I

“Pneu furado” e orientou a atividade esclarecendo que era uma leitura silenciosa e que deveriam responder às questões individualmente. Relembrou-se a palavra “pagode” do início da aula, que descobriram por causa da frase, e que deveriam fazer o mesmo ao se depararem com palavras abreviadas desconhecidas.

Quadro 7: Texto “Pneu furado”

PNEU FURADO	
<p>O carro estava encstdo no meio-fio, com um pneu frd. De pé ao ld do carro, olhando dsconsoladmnt p o pneu, uma mça mt bntinha.</p> <p>Tão bntinha que atrás parou outro carro e dele desceu um hmem dizendo “Pd dxr”. Ele trocaria o pneu.</p> <p>– Vc tem macaco? – prgntou o homem.</p> <p>– N – respondeu a mça.</p> <p>– Td bm, eu tnho – disse o hmm – Vc tm estp?</p> <p>– N – disse a mça.</p> <p>– Vms usar o meu – disse o hmm.</p> <p>E pôs-se a trblhr, trcnd o pneu, sob o olhar da moça.</p> <p>Trmnou no mmnto em que chgva o ônbs q a mça estva esperando. Ele ficou ali, suando, de bca abrta, vndo o ônibus se afstar.</p> <p>Dali a pouco chgou o dno do carro.</p> <p>– Puxa, vc trocou o pneu p mim. Mt obgd.</p> <p>– É. Eu... Eu n pssu ver pneu furado. Tnho que trcar.</p> <p>– Coisa estranha.</p> <p>– É uma cmplsão. Sl.</p>	
<p>(Luís Fernando Veríssimo. Livro: Pai não entende nada. L&PM, 1991).</p>	

Fonte: Veríssimo, 1991.

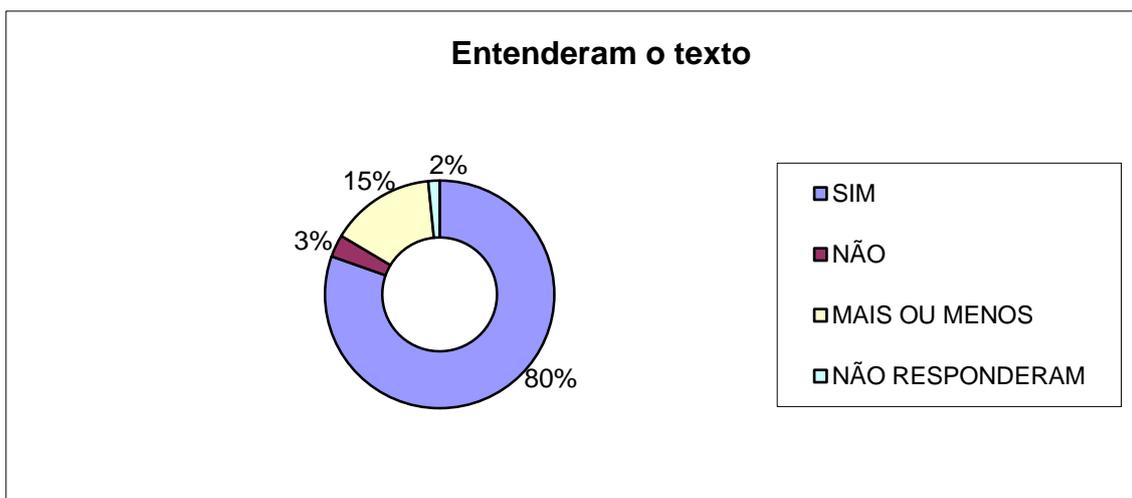
Os alunos deveriam ler o texto acima e responder às cinco perguntas que se seguem:

Quadro 8: Perguntas sobre o texto “Pneu Furado”, Veríssimo, 1991.

<p>a) Você conseguiu entender a história mesmo com palavras sendo abreviadas?</p> <p>b) Usar esse tipo de linguagem em textos na escola é comum? Por quê?</p> <p>c) Cite dois ‘lugares/momentos’ em que você usaria a escrita abreviada e dois ‘lugares/momentos’ em que você NÃO usaria a escrita abreviada.</p> <p>d) Houve alguma palavra que você teve dificuldade de entender? Qual (ou quais)?</p> <p>e) Escreva as palavras abreviadas de forma plena, completa.</p>

Fonte: A autora, 2017.

Na **questão A**, quase todos responderam ter compreendido o texto e, durante a correção, fizeram uma leitura oral conjunta com facilidade, como segue:

Gráfico 10: Percentual de alunos que entenderam o texto

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

*Nas **questões B e C**, os alunos deveriam responder se era comum verem textos escritos daquela forma na escola, por que e quando/onde seria apropriado usar a linguagem¹⁸ abreviada. Nessas questões, como a intenção era que fizessem com a maior independência possível e a ansiedade por parte deles, de fato, era grande, os termos nas questões foram escolhidos a fim de tornar mais claros os enunciados. A fim de substituir o “onde ou quando usar”, utilizamos os termos “lugares/momentos”, conceitos, relativamente, mais fáceis de entender já que nunca trabalharam com o termo “suporte”.

Neste aspecto, pensamos muito ter a enriquecer a atividade, pois, em tempos digitais, novos conceitos vêm sendo necessários ao trabalharmos com escrita e gêneros e, muitas vezes, a professora-pesquisadora usava os termos mas precisava esclarecê-los.

Abaixo transcrevemos algumas respostas pessoais dos alunos para as questões sobre o uso da escrita abreviada.

¹⁸ O termo linguagem foi utilizado por ser mais próximo ao conteúdo de todas as séries, uma vez que trabalham com linguagem formal e informal.

Questão B:

Quadro 9: Algumas respostas dos alunos para a questão B da atividade 5.3.

Usar esse tipo de linguagem em textos na escola é comum? Por quê?
Não, porque o ensino é para fazer a escrita corretamente.
Não, porque na literatura brasileira não entra esse tipo de linguagem.
Não, porque é mais fácil de entender.
Não, porque não temos esse costume.
Não, porque essa linguagem não é formal.
Não, porque não é todo mundo que entende.
Não, porque a professora não passa abreviando as letras
Não, porque as regras são diferentes e não temos intimidade para isso.
Não, porque não normal usar na escola.
Não, pois agente tá na escola para aprender a linguagem certa.
Não é comum pois os professores não permitem.
Não, porque não é o jeito certo de colocar.
Eu acho pois é mais curto e mais rápido.
Não, na escola tem que aprender e se acostumar com a maneira certa
Não, pode se tornar um mau hábito caso seja aprendido na escola.
Não, pode acabar lendo de outra forma.
Não, porque na escola tem que escrever certo.
Não, porque devemos escrever corretamente.
Não, só digitalmente.
Não, pois devemos falar da maneira correta com todos.
Não, porque não é correto.
Não, porque na escola as palavras não são abreviadas.
Não
Sim, porque hoje em dia as pessoas estão usando essa linguagem.
Não, porque é muito estranho.
Não, não é comum.
Não muito
Não, na escola não acho comum.
Eu nunca fiz isso na escola primeira vez.
Não, pois temos que pensar nas pessoas que tem dificuldades de entender.
Não
Não

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Percebemos, com a leitura das respostas, que o conceito de certo e errado é natural para eles. Desse modo, julgam errado usar a escrita abreviada na escola por não ser adequado.

Questão C:

Quadro 10: Algumas respostas dos alunos para a questão C da atividade 5.3

Cite dois 'lugares/momentos' em que você usaria a escrita abreviada e dois 'lugares/momentos' em que você NÃO usaria a escrita abreviada.
No Facebook e Messenger, na escola e numa prova
Em casa, falando com amigos, na escola, fazendo redação
Internet, rua. Escola, trabalho.
Facebook, Whatsapp. Escola, entrevista de emprego.
Wpp, FB e Messenger, câmera.
Facebook, Whatsapp. Escola e casa.
Celular. Escola e Rua não.
Em casa. Na escola e no trabalho.
Em casa e na rua. Escola e trabalho não abrevio.
Na escola não posso. Uso na rua.
Na Internet e na escola. No trabalho
Eu usaria você e não usaria encostado.
Redes sociais, textos que ninguém vai ver. Escola.
Redes sociais. Não usaria em uma carta ou em prova.
No celular ou computador. Na escola ou trabalho.
Redes sociais. Não uso em redações.
Redes Sociais. Na escola e na prova.
Celular. Escola.
Redes sociais. Entrevista de emprego e na escola.
PMD - Parque de Madureira / CDD - Cidade de Deus
Redes sociais. Na escola.
Rede sociais, não usaria em redação e provas.
Não usaria em provas.
Redes Sociais. Não usaria em documentos e trabalho.
Não uso muito.
Só uso em redes sociais, não usaria em momentos formais.

Usaria em casa, não usaria na escola.
Usaria perto das crianças, não usaria em entrevista de emprego
Em tudo, menos na entrevista de emprego.
Em casa, não usaria no trabalho e na escola.

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Embora alguns poucos não tenham compreendido bem a pergunta, diante das respostas, percebemos que a maioria dos alunos têm muito claro o discernimento de que a escrita abreviada é permitida na Internet e de que não devem usar na escola ou trabalho, situações mais formais,

Na **questão D**, deveriam dizer se alguma palavra lhes causara dificuldade de decodificação e a maioria sinalizou dificuldade nas palavras de uso pouco frequente, como “desconsoladamente”, “estepe” e “compulsão”.

Na **questão E**, deveriam transcrever 36 palavras abreviadas e sublinhadas no texto para plenas. E, mesmo parecendo trabalhoso, pareciam gostar de fazer respondendo a, praticamente, todas as transcrições.

Vale registrar que, em duas turmas, a indisciplina comum das turmas e a ansiedade pelo tema em voga fizeram com que a pesquisadora trabalhasse algumas questões oralmente, não tendo, portanto, registro individual como nas demais turmas. Entretanto, as anotações feitas em sala dão conta de perceber que as respostas desses alunos se parecem com as reproduzidas acima e em gráficos no Anexo I, mantendo o mesmo quadro avaliativo da percepção dos alunos sobre o tema.

5.4 MOMENTO 4: ESCREVER UM BILHETE SEGUINDO CONDIÇÕES ESPECÍFICAS

Aqui o objetivo específico era verificar a criatividade no recurso ortográfico ao escrever o gênero bilhete e verificar a estranheza ou não de usar o recurso de abreviar palavras num gênero tradicional.

Quadro 11: Escrita de bilhete, atividade aplicada aos alunos

Imagine a seguinte situação: você precisa enviar um bilhete para uma amiga e o pedaço de papel que você tem é muito pequeno. Além disso, você está com muita pressa. Escreva, então, o recado a seguir dentro do retângulo abaixo. Pode abreviar o quanto quiser!

“Oi, amiga! Tudo bem com você? Há quanto tempo! Estou com saudade! Vamos marcar um cineminha? Ah, esqueci de dizer que encontrei sua mãe no mercado. Ela sabe que você está apaixonada? Depois me conta tudinho! Hahahaha Beijos, abração.”

Fonte: SIMÕES, F. M. F.

As palavras foram pensadas para verificar a sistematização nas reduções ortográficas, se fariam de modo semelhante, e procurando abordar um tema que motivaria a escrita.

Ao lermos o bilhete durante a explicação da atividade, percebemos risos como se fosse uma situação possível com algumas colegas ali presentes. Muitos tiveram dificuldade em cumprir com a atividade ou a estranharam. Disseram ser muito pequeno o espaço dado, outros alegaram não ser possível por ter a letra grande. Disseram ainda que não estavam acostumados a abreviar na escola, o que foi muito relevante e reforça a refutação da hipótese de que a escrita abreviada na Internet migra de forma significativa para a escrita escolar¹⁹. Houve quem resumisse o texto, quem escrevesse um texto diferente, houve quem extrapolasse o espaço dado, mas a maioria atendeu ao que fora solicitado e as palavras mais abreviadas neste exercício foram: *vc, tmp, sdd, bjs*. Outros abreviaram tudo o que podiam, como *enctr, tdh e mrcd*, outros ainda deixaram de abreviar palavras que normalmente abreviariam nas redes sociais, como *vc* e *q*. Embora escrever à mão e digitar sejam tarefas que demandem habilidades cognitivas diferentes, a atividade em si demonstrou que os alunos não estão acostumados a escrever no papel abreviadamente (percepção reforçada pelos comentários dos alunos enquanto escreviam dizendo ser estranho ou não conseguir abreviar assim), mas, quando se lembravam de abreviar, seguiam, normalmente, a sistematização na omissão das vogais. Outra percepção importante

¹⁹Um fator a ser considerado talvez seja a forma de escrever: à mão ou digitando. Isso pode ser também um fator de peso. Usar computadores na escola pública, para ver se a hesitação seria a mesma, não é muito viável nas atuais circunstâncias da escola pública em todas as regiões do país, como se propõe esta pesquisa, abordando o tema em sala de aula de forma simples e possível a qualquer realidade.

é que alguns optaram por abreviações tradicionais, como *cine* e *tá*, ou mesmo escrevendo apenas o início das palavras como *esq* (“esqueci”). Alguns alunos trocaram os bilhetes entre si depois de escritos e houve comentários do tipo “não é assim que se abrevia a palavra *x*”. Percebemos, então, também através desses comentários, que existe uma convenção coletiva de como é a escrita abreviada de algumas palavras, e algumas variações, e quem abrevia diferente dessas “escreve errado”. Vejamos alguns exemplos abaixo:

Oi, miga. Sim estou bem e vc? Claro me fala o dia e a hora. Depois te conto tudo. Beijos.

(Aluna Y.D. do 7º ano regular)

Oi, amg! Tdb com vc? Há qnt tmp! Estou com sdds! Vms marcar um cnmh? Ah, esq de dizer que enctr sua mãe no mrcd. Ela sb que vc está apxnd? Dps me cnt tdh! hahaha Bjs, abração.

(Aluno J.B. do 1º ano do E.M. regular)

Oi, miga! Td bm cm vc? Há quanto tempo! Estou com sdds! Vms marca um cine? Ah, esqueci de dz q enctr sua mãe no mercado. Ela sb q vc tá apxnd? Dps me conta td! hahaha Bjs, abração.

(Aluna A.J. 9º ano regular)

Oi, amg! Td bm com voc? Há qto tempo! Estou com sdds! Vms marca um cineminha? Ah, esqueci de dizer que encontrei sua mãe no mercado. Ela sabe que você está apaixonada? Depois me conta tudinho! kkkk Bjs, abção.

(Aluno A. O. do E. F. II, bloco 2 PEJA)

Observações:

1- Durante as atividades com as turmas do fundamental II, que não eram mais da professora-pesquisadora no momento da aplicação da sequência didática, parecia haver uma disputa para entregar os exercícios feitos, o que gerou certa euforia em algumas turmas.

2- Ao final da sequência didática, em todas as turmas, a professora traçou um paralelo com a caneta que receberam de presente, em agradecimento pela

participação na pesquisa. A caneta possui duas pontas: uma esferográfica, própria para escrita em papel, e outra *touch*, própria para escrever na tela do celular. Julgamos que o mimo vinha bem a calhar com o propósito do trabalho e comentamos que assim como a caneta, era a escrita: cada ponta/forma usada em seu momento/suporte próprio. Foi um sucesso. Nos dias seguintes, soubemos que os alunos que não foram à escola lamentaram não terem estado presentes, pois os comentários sobre a aula foram muito felizes e a vontade de ganhar a caneta era grande²⁰.

Depois de concluídas as atividades com os sujeitos da pesquisa, grande foi o material a analisar, de um público heterogêneo, de séries, idades e perfis diferentes, o que dificultou um pouco, desde o início, aliás, a elaboração das atividades, como tema para a redação, exercícios para a sala de aula, uma vez que todo o material deveria ser o mesmo. Cremos que cada professor, diante de uma realidade específica, pode adequar a proposta de trabalho e enriquecê-la justamente por isso.

A seleção de conteúdos está vinculada, diretamente, à determinação de quais conteúdos são considerados mais importantes e significativos para serem escolhidos e trabalhados numa determinada realidade e época, em função de um ou mais objetivos propostos.

Para isto devemos estar atentos para escolher conteúdos que sejam:

- os mais significativos dentro do campo de conhecimentos;
- os que despertam maior interesse nos estudantes;
- os mais adequados ao nível de maturidade e adiantamento do aluno; os mais úteis em relação a resoluções que o aluno tenha que tomar;
- os que podem ser aprendidos dentro das limitações de tempo e recursos disponíveis (TURRA et al., 1986, p.107).

Sendo assim, Turra et al. citados acima, sinalizam a importância de escolhermos o conteúdo dentro das limitações de tempo e recursos disponíveis e que devemos escolher os que sejam significativos e despertem maior interesse dos estudantes. Diante disso, acreditamos ter feito, no geral, boas escolhas, que nos levaram a excelentes resultados, de todo modo, além de ser viável a qualquer outra sala de aula no país com os devidos ajustes.

²⁰ Vide Anexo J

6. SINTETIZANDO ATIVIDADES, RESPONDENDO QUESTÕES

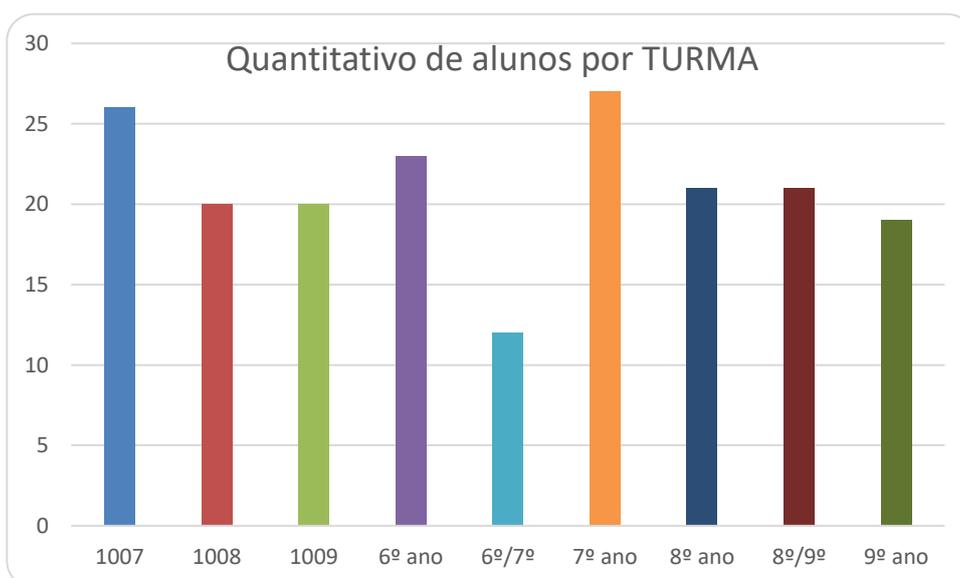
O ensino tem por objetivo provocar mudanças de comportamento e o professor age sobre os alunos procurando orientá-los. (...) O professor, em todo momento, deve levar em consideração as reações dos alunos e procurar adaptar a esses aspectos a sua ação docente (TURRA et al., 1986, p.172).

Neste capítulo, procuraremos sintetizar as atividades e responder às questões motivadoras da pesquisa. Traçaremos, num primeiro momento, um perfil das turmas com as quais trabalhamos e, depois, procuraremos também confirmar ou refutar as hipóteses levantadas.

6.1 DAS TURMAS

Procuramos unir todas as respostas em planilhas para que pudéssemos avaliar com maior precisão os dados obtidos. Foram 41 professores entrevistados e 189 alunos realizando atividades, o que nos deu um corpus de 230 sujeitos na pesquisa. Foram contempladas todas as séries do ensino fundamental II, em turmas regulares e de PEJA e ainda a primeira série do ensino médio regular.

Gráfico 11: Quantitativo de alunos por turma



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

Vale lembrar que as turmas relacionadas no gráfico acima se referem a:

- 1007, 1008, 1009 – 1º ano do ensino médio regular
- 6º ano – 6º ano regular
- 7º ano – 7º ano regular
- 8º ano – 8º ano regular
- 9º ano – 9º ano regular
- 6º/7º - bloco 1 do ensino fundamental II PEJA
- 8º/9º - bloco 2 do ensino fundamental II PEJA

(33 alunos do ensino fundamental II PEJA, 90 alunos do ensino fundamental II regular e 66 alunos do 1º ano do ensino médio regular).

Como é natural, cada turma é única e, por isso, o trabalho, também. No entanto, a base de trabalho sendo a mesma, a essência do trabalho se mantém, mesmo apresentando maior ou menor discussão/ participação. Abaixo, uma pequena apreciação sobre cada uma delas.

Os alunos do 6º ano regular foram muito receptivos e se animaram bastante com o tema. Queriam falar e expressar seus pensamentos e descobertas sem muito controle, o que nos levou a realizar algumas das tarefas oralmente e registradas, as observações, pela professora.

Os alunos do 7º ano regular, apesar de indisciplinados, receberam bem o tema e a pesquisadora, realizaram todas as atividades, com maior ou menor comprometimento. Estavam animados e preocupados em “colar” as respostas ou mesmo em deixar algumas em branco a fim de “vencer” entregando mais rapidamente os exercícios.

A turma 8º ano regular acolheu a pesquisadora com muita animação e receberam a proposta com surpresa e interesse, mas a indisciplinada da turma atrapalhou o rendimento da aula. Algumas questões foram respondidas oralmente a fim de mantê-los todos ocupados, sem tempo ocioso ocasionado pelo tempo diferente de realização pelos alunos das questões no papel.

A turma do 9º ano regular foi a que mais contribuiu. Mais maduros e em menor número, conseguiram enriquecer a pesquisa com seus comentários, pois deles

vinham respostas para nossas questões e hipóteses (como “é tão estranho escrever assim na escola”, “se não houver consoantes, não conseguimos ter a base da palavra, por isso só com vogais não dá pra entender.”) Além disso, todos procuraram responder aos exercícios com atenção e notória satisfação.

As turmas do ensino fundamental II do PEJA mantiveram o mesmo perfil nos blocos 1 e 2: atentos, alguns menos participativos, outros mais, como nas aulas do ano inteiro, mas todos muito interessados. Por serem alunos da pesquisadora, reagiam sem cerimônia. Acreditamos que, por serem mais velhos e assumidamente com menor contato com as redes sociais, e por ter – a maioria - grande defasagem de estudo, algumas questões foram deixadas em branco. “Não faço ideia, professora, do que seja isso!”.

As turmas do 1º ano do ensino médio regular, no geral, mantiveram a mesma postura. Por serem alunos da pesquisadora, o entrosamento foi normal, mas pediam que valesse ponto a tarefa, “Nisso eu me daria bem, professora!”, “quebra o galho aí, faz isso como teste!”. “finalmente falaram a minha língua!”, “pô, prof, podia ser sempre assim a aula!”. Tais comentários, ao longo de todas as atividades em sala, trouxeram-nos grata satisfação ao percebermos que a proposta tinha alcançado êxito e, sobretudo, alegria no processo pedagógico.

Percebemos, durante as atividades e ao analisar as mesmas, que o tema foi surpreendentemente bem aceito. Surpreendentemente, porque superou as nossas expectativas e julgamos, de fato, ter contribuído para a formação global dos indivíduos com que lidamos.

6.2 COMENTÁRIOS DE PROFESSORES

Uma professora da escola, tempos depois de ter respondido às perguntas do questionário, levou para a pesquisadora uma redação muito bem escrita pela aluna dela, e sem marcas de redução vocabular. A aluna em questão faz uso frequentemente da escrita abreviada em mensagens no grupo do WhatsApp e no Facebook. T tamanha foi a empolgação dessa professora ao constatar a não migração, que trouxe mais certeza ainda à pesquisadora de estar no caminho certo.

Uma outra professora, de Língua Portuguesa, depois de saber do propósito da pesquisa, trabalhou também em sua sala o tema “escrita abreviada na Internet” e disse que seus alunos “amaram” falar sobre o tema.

Outro professor disse que, a partir do questionário, refletiu mais sobre o assunto e passou a analisar melhor os textos dos seus alunos e que, realmente, não tinham o hábito de abreviar na escola. Afirmou ainda que, se uma professora de português abreviava, ele se sentia mais à vontade ainda para abreviar na Internet, quebrando o tabu da “norma culta obrigatória para professores”.

6.3 SOBRE QUESTÕES E HIPÓTESES

Retomaremos a seguir as questões e hipóteses desta pesquisa, já reveladas no capítulo 2.

Depois de toda a pesquisa realizada e de todos os dados analisados, podemos responder ou lançar uma luz maior sobre as questões iniciais

Respondendo questões:

I – O uso da escrita abreviada está disseminado e quais são as reduções ortográficas mais comuns?

O uso da escrita abreviada na Internet está sim disseminado uma vez que todos os sujeitos selecionados na primeira etapa da pesquisa reduzem os vocábulos nas redes sociais. Durante a atividade em sala de aula, ao abordarmos o assunto, todas as turmas disseram ser comum o uso dessa escrita na Internet. Muitos exemplos foram coletados e trabalhados em sala. As reduções ortográficas **vc** (você), **tb** (também), **cmg** (comigo), **sdd** (saudade) e **crl** (caralho) foram os que mais apareceram, dentre tantos outros encurtamentos ortográficos, ao longo da pesquisa nas redes sociais e no trabalho realizado em sala de aula. Durante a atividade em sala de aula apenas, as reduções que mais se destacaram foram, dentre outras, vocábulos

ou sentenças de baixo calão, talvez motivados pela possibilidade de mencioná-los, o que não é comum em sala de aula, – conforme exemplos transcritos no Anexo G e conforme gráfico em Anexo H das reduções ortográficas que mais apareceram no trabalho em sala. No geral, percebemos também que as reduções ocorrem mais em vocábulos, como os citados acima, do que em sintagmas, como **fdp** (filho da puta) com bastantes aparições também, e menos ocorrências ainda em sentenças, como **vtnc** (vai tomar no cu), que também aparece bastante. Termos de baixo calão são de uso frequente nas redes sociais, uma vez que há uma estreita relação entre a escrita digital e o discurso oral.

II - Há certo grau de previsibilidade e sistematização na forma como os jovens abreviam palavras na internet?

Vimos que, mesmo sem ter metaconsciência do fenômeno, há certa sistematização na construção dos vocábulos abreviados. Abreviam usando, na maioria dos casos, como base, as consoantes. Diante de construções semelhantes, ainda que desconhecidas, muitos alunos conseguiram identificar a glosa, como no caso do item “*pgd*”, que, na frase e pela inserção de vogais, leram “pagode”. Como regra, por exemplo, normalmente há supressão de vogais, permanecendo estas quando na margem esquerda ou quando necessárias à compreensão da palavra, como desinência de gênero, parte de sufixos ou desinência número-pessoal no caso de verbos; outro morfema que permanece na escrita abreviada é a desinência de número estabelecendo a marca de plural.

III – Como os professores afirmam considerar a escrita abreviada na Internet?

Para os professores, a escrita abreviada na Internet é natural, própria do suporte, facilitadora, prática, dentre outros pontos positivos, para 36 dos professores entrevistados. Apenas 5 dos 41 professores disseram não gostar, ou ser ruim. Dos que se mostraram pouco favoráveis ao recurso, entre as justificativas, disseram que traz vícios, que é uma desvalorização da língua, que é exagerada e ruim, ou simplesmente não justificam; apenas não usam e não gostam. A maioria, no entanto, que aprova, desde que não extrapole o ambiente virtual e se mantenha como CMD,

justifica dizendo ser útil e prática, que é criativa, que é prova de que a língua é viva e muito mais. Nos anexos desta pesquisa, há uma lista com todas as respostas na íntegra.²¹

A- Confirmando ou refutando hipóteses:

I – A escrita abreviada na Internet migra para a escrita escolar;

Diante da análise das redações que compuseram o corpus desta pesquisa e diante da postura e das respostas dos alunos durante a atividade didática, podemos afirmar que não há migração da escrita abreviada da Internet para a escola. O que podemos observar é que, embora vários professores afirmem já terem visto, muitas vezes, vocábulos abreviados em redações escolares, a migração não se confirmou nas produções textuais feitas. Nenhum caso de escrita abreviada foi encontrado nas redações de sondagem; e, ao trabalharmos em sala, os próprios alunos reconheceram que o uso é comum na Internet e que não usam em sala de aula. Sendo assim, a hipótese não se confirma, o que demonstra certo sucesso escolar ao conhecer o funcionamento da língua ao abreviarem palavras e os contextos de sua adequação. Além do mais, é necessário conhecer, na maior parte das vezes, a escrita plena para fazer a redução ortográfica.

II – Há prejuízo da compreensão e da prática do uso da norma culta devido ao hábito da escrita abreviada na Internet.

É de conhecimento de todos o quanto há, infelizmente, defasagem na educação, principalmente pública, e o quanto os alunos apresentam dificuldade de apreender a norma culta da língua e de aplicá-la nos contextos quando é preciso. São muitos os desvios ortográficos percebidos nas redações dos vestibulares país afora, o que choca toda uma sociedade e vira piada para muitos. Muitos professores temem que os alunos piorem a ortografia devido à escrita abreviada da Internet. No entanto, ao pedirmos aos 196 alunos sujeitos desta pesquisa, que transcrevessem as palavras abreviadas para palavras plenas, houve sim alguns desvios (como fodasse, com ss),

²¹ Vide Anexo F

mas a maioria não confirma a hipótese de que a escrita abreviada prejudique a escrita plena. Acreditamos que os desvios tenham outra natureza, não a escrita abreviada como causa. Muito pelo contrário, para abreviar, os sujeitos precisam conhecer a palavra plena para que possam manter as letras fundamentais para compreensão da palavra. Isso faz parte da sistematização que ocorre nos encurtamentos ortográficos e, por isso, refutamos a hipótese de que há prejuízo da compreensão e da prática do uso da norma culta devido ao hábito da escrita abreviada na Internet.

III – Professores, em sua maioria, consideram haver migração da escrita abreviada da Internet na escrita escolar.

Muitos professores consideram que a escrita abreviada migra para a escrita escolar, pois sinalizaram já terem visto ocorrências em redações e trabalhos. Por outro lado, muitos professores também disseram raramente ter visto casos da escrita abreviada na escola. Essa divisão nos levou a acreditar que estamos em processo de aceitação desse recurso e nova realidade. Isso ratificado por outras respostas em que a maioria não considera a escrita abreviada na Internet prejudicial. E diante de nova pergunta, 37% consideram o uso de tal escrita produtivo, e 32%, neutro, ambos desde que se limite à Internet, contra os 29% que acham o recurso improdutivo, prejudicial. Diante dos fatos e das respostas, consideramos refutada a hipótese de que A MAIORIA dos professores considera haver influência da escrita abreviada da Internet na escrita escolar. Apenas parte deles ainda pensa dessa forma.

Diante da pergunta-título desta pesquisa, “ESCRITA ABREVIADA: DA INTERNET PARA A ESCOLA?”, concluímos, em primeiro plano, que a escrita abreviada deve passar da Internet para a escola sim, mas não como influência na escrita escolar – como se presumia e hoje se contesta-, e sim integrando o currículo das aulas, como reflexão sobre o uso da língua, como ferramenta de comunicação, como análise sistemática dos elementos que compõem o internetês e suas reduções ortográficas, como criatividade linguística e habilidade de se expressar. Em segundo plano, entendemos que é importante levar conhecimentos prévios dos alunos para a escola para que eles se sintam refletidos na sala de aula. Não somos nós, professores, donos de todo conhecimento. Os alunos não são meros receptáculos, eles produzem conhecimento e ensinaram muito à pesquisadora, como devemos sempre aprender.

Fechar-se para as novas práticas, para um professor, é dizer ao mundo que caminhe sem ele. E estar distante da caminhada do aluno, em conteúdo, atividade ou abordagem, desabilita-nos da prática educacional. Devemos, pois, estar atentos às mudanças ou transformações que impactam no uso da língua e seus recursos, tanto oral quanto escrito; produzir, buscar e trocar conhecimentos, tentando, através disso, ampliar nossos horizontes e os dos alunos, respeitando o que nasce e se mantém vivo, incentivando, como Komesu e Tenani (2015, p.90), “o ‘olhar’ rigoroso, não preconceituoso, tanto do aluno quanto do professor, para ‘dentro’ e para ‘fora’ da rede como prática produtiva no estudo do internetês.”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da proposta de criação dos PCN, muito se tem discutido sobre as direções do ensino de língua portuguesa na escola. O modelo apresentado pelo documento vai na contramão da forma como a língua portuguesa sempre foi ensinada, pois muitas vezes ignora o conhecimento prévio do educando, fazendo com que o mesmo se “desencante” pelo estudo da língua e se sinta mero coadjuvante no binômio ensino-aprendizagem. Este trabalho teve também, como função, discutir como se dá a valorização do conhecimento trazido pelo estudante nos mais variados discursos e veículos de comunicação moderna. Tal prática pode ser importante na forma como ele aprenderá a adaptar a linguagem usada por ele em cada situação comunicativa, trazendo o interesse desse aluno pelo aprendizado da língua materna ao refletir crítica e conscientemente sobre o que lê ou escreve, num contexto não só escolar, mas social, em que novas formas de expressão são possíveis e cada letra tem valor.

Novamente lembrando Heráclito e a transitoriedade existente no mundo, a mudança linguística é natural e inevitável assim como tudo o que existe na sociedade. Segundo Bagno (2012), não devemos lutar contra a mudança, devemos buscar formas de convívio sadio e tranquilo porque ela é impulsionada pelos próprios falantes.

não há nada que se possa fazer contra a mudança linguística porque ela é impulsionada pelos próprios falantes. É no mínimo irônico ver a tradição tentando vencer o invencível, o processamento sóciocognitivo da língua por seus próprios falantes nativos, incluídos os puristas (BAGNO, 2012, p. 27).

O uso de uma escrita abreviada e de símbolos é comum nos mais diversos textos, inclusive formais. Praticamente todos os livros trazem, logo no início, uma lista de abreviaturas que serão usadas ao longo das obras. Cartas oficiais têm, logo no início, abreviaturas de pronomes como *Sr* e *Ilmo*, comuns desde as notas tironianas, como já ilustrado; além disso, têm, como despedida, a abreviatura “*Att*”. Dessa forma, podemos afirmar que o uso da escrita abreviada, como recurso ortográfico, é amplamente difundido, inclusive no que tange à norma culta da Língua Portuguesa uma vez que é utilizada inclusive por gramáticos e em textos oficiais. Embora haja algumas diferenças: abrangência, criação e uso coletivos, os padrões consonânticos,

a falta de entidades ou instituições reguladoras, etc., há também semelhanças na sistematização, na intenção comunicativa e, sobretudo, na estrutura.

Ainda Bagno (2012) afirma que, há bastante tempo, os pesquisadores da área de educação linguística têm a convicção de que a escola promove o letramento; para isso, devemos ter, como atividades fundamentais, a leitura e a escrita focando na diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade. O autor propõe ainda que, na sala de aula, haja sempre espaço para reflexão sobre a língua e a linguagem, primordialmente através das chamadas atividades epilinguísticas, em que “brincamos” com as palavras, de tal modo que venhamos a permitir o percurso *‘Uso- Reflexão- Uso’* a fim de conscientizar o aprendiz de que os recursos próprios da língua são produzidos essencialmente para a construção de sentido e para a interação social. Foi exatamente o que aconteceu em sala de aula com as atividades propostas. “Brincamos” com as palavras, refletimos sobre elas e as usamos; conscientizamos e fomos conscientizados sobre os recursos da língua e a construção de sentido e interação social que a escrita abreviada traz.

Foram meses dedicados à pesquisa. E é com enorme satisfação que chegamos ao final, com a sensação de dever cumprido em prol de uma educação de qualidade. Relatos como “até que enfim falaram a nossa língua”, “poxa, finalmente uma matéria que eu entendo” e a alegria dos alunos em participar das aulas demonstrando conhecimento do assunto nos levam a crer quão necessária se torna a abordagem do tema em sala de aula, trazendo de fato o mundo do aluno para o mundo escolar. Afinal, estes não devem ser diferentes, mas complementares. Levar os alunos – e outros professores- a refletirem, de maneira mais analítica, sobre o fenômeno em si (e sobre reduções que não seriam possíveis), refletirem sobre adequação do uso de variedades (quer sejam orais, quer escritas) da língua e, além disso tudo, perceber que a autoestima do aluno se eleva ao se descobrir detentor de conhecimento em um espaço no qual costuma ser o mero receptáculo, para nós foi um grande desafio, mas também um grande prazer. Esperamos que este trabalho sirva de inspiração para que muitos outros momentos sejam chaves, como na epígrafe deste trabalho, nas palavras de Drummond, para aprendizado, adequação e contemplação das palavras.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. N. M. de. **Um estudo sobre as siglas do português do Brasil**. 2009. 144f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <www.poslinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3.../73-katia-nazareth-abreu.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al (org.). **Porque a escola não ensina gramática assim**. São Paulo: Parábola, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEF; SEESP, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no Facebook. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 77-93.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 304 p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CURY, Waldir. **As notas tironianas: o primeiro sistema organizado de taquigrafia**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.taquigrafia.emfoco.nom.br/artigos/notas_tironianas_parte_01.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FAGUNDES, Joaquim Roberto. **Noções de paleografia**: uma breve introdução. Disponível em: <<https://arquivosfonteshistoricas.files.wordpress.com/2011/05/noc3a7c3b5es-de-paleografia.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

GERHARDT, Ana Flávia. **Ensino de gramática e desenvolvimento metalinguístico**: teorias, reflexões e exercícios. Campinas: Pontes, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. **O internetês na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

LIMA, Bruno Cavalcanti. **Realização fonética de acrônimos no português brasileiro**: uma abordagem morfofonológica através da Teoria da Otimalidade. Rio de Janeiro, 2014a. 179 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014b.

LUFT, Celso Pedro. Redução gráfica: abreviaturas, siglas e símbolos. In.: _____. **Novo manual de português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes**. 9. ed. São Paulo: Globo, 1990, cap. 3.12, p. 401-424.

MENDES, Ubirajara Dolácio. **Noções de paleografia**. São Paulo: Departamento do Arquivo de São Paulo, 1953. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/praetece/nocoes-de-paleografia>>. Acesso em: 18 fev. 2017

MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Cláudia. Como a escola pode explicar erros gramaticais e inovações? In.: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (Orgs.). **Por**

que a escola não ensina gramática assim? São Paulo: Parábola Editorial, 2014, cap. 9, p. 217-248.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação: relatos de experiências. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 146-153, maio/ago. 1997.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo4.pdf>>.

NEGROPONTE, Nicholas. **Vida Digital**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-53.

SETTE, Graça; TRAVALHA, Marcia; STARLING, Rozário. **Português, Linguagens em Conexão**. Rio de Janeiro: Leya, 2013.

SHEPHERD, Tania G.; SALIES, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TURRA, Clódia Maria Godoy et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Sagra, 1986.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Siglas [Crônica]. _____. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (orgs.) **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. 258p.

ANEXO A- LOCUÇÕES EM NOTAS TIRONIANAS

Figura 5: Notas Tironianas

	populo plebique romano		secundum rerum naturam		in regno nostro
	decemviri legibus iudicandis		extra rerum naturam		sanctissimo domino
	quindecimviri satisfaciendi		totus orbis		fratri in Christo
			totus orbis terrarum		quorum nomina separationis subter tenentur inserta
	Commentario II		sine ulla funebris pompa		Hic finem faciunt notas
	sine dolo malo		vir magnificentissimus		quousque tandem abutero candelena patientia nostra
	dolus malus abesto		vir clarissimus		quousque tandem abutero candelena patientia nostra
	quousque tandem abutero Caelena patientia nostra		contra statuta maiorum		quousque tandem abutero candelena patientia nostra
	quorum nomina subter tenentur inserta		vobis audientibus		quorum nomina vel signacula subter tenentur inserta
	optime de republica populi romani meritis		vobis praesentibus		
	pessime de republica populi romani meritis		vobis absentibus		

Fonte: http://www.taquigrafia.emfoco.nom.br/artigos/notas_tironianas_parte_01.pdf

ANEXO B- ABREVIATURAS- GRAMÁTICA ORTOGRAFIA OFICIAL REDAÇÃO LITERATURA TEXTO E TESTES

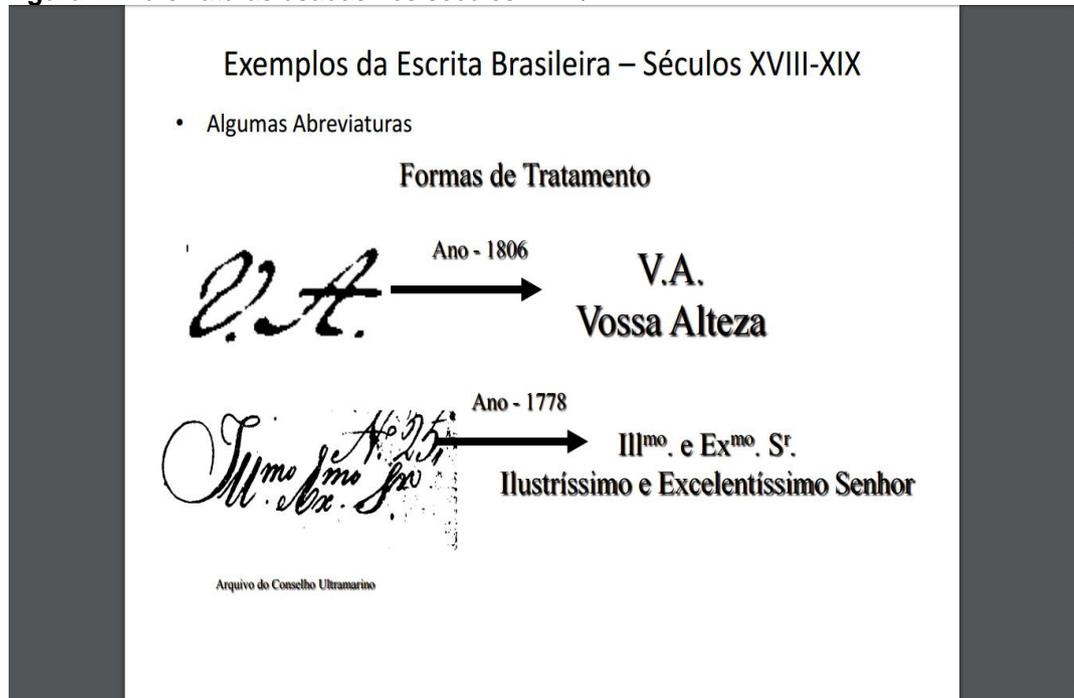
Figura 6: Lista de Abreviaturas da Gramática

A	
<p><i>a</i> = are(s) <i>a</i> ou <i>arr.</i> = arroba(s) <i>(a)</i> = assinado; <i>(aa)</i> = assinados <i>A</i> = ampère internacional <i>A</i> = argônio (var. = <i>Ar</i>) <i>A.</i> = austral <i>A., AA.</i> = autor, autores <i>a.a.</i> = ao ano <i>aa</i> ou <i>aná</i> = quantidade igual de cada substância (em receitas médicas) <i>Ab.</i> ou <i>Ab.º</i> = Abade <i>abamp</i> = abampère <i>ABC</i> = Argentina, Brasil, Chile <i>abcoul</i> = abcoulomb <i>abf</i> = abfarad <i>abh</i> = abhenry <i>ABI</i> = Associação Brasileira de Imprensa <i>ABL</i> = Academia Brasileira de Letras <i>ABNT</i> = Associação Brasileira de Normas Técnicas <i>abr.</i> = abril <i>abrev.</i> = abreviatura <i>ABRS</i> = abraços (telegrama) <i>abs.</i> = absoluto <i>°abs.</i> = grau absoluto <i>a.C.</i> ou <i>A.C.</i> = antes de Cristo <i>AC</i> = Acre (Estado do) <i>A/C</i> = ao(s) cuidado(s) <i>Acúst.</i> = acústica</p>	<p><i>adj.</i> = adjetivo <i>adj. 2 gén.</i> = adjetivo de dois gêneros <i>adj. 2 gén. e 2 núm.</i> = adjetivo de dois gêneros e dois números <i>ad lit.</i> = <i>ad litteram</i> (lat.: à letra, ao pé da letra) <i>Adm.</i> = Administração, Administrador <i>adm.º</i> = admirador <i>adv.</i> = advérbio <i>Adv.</i> = Advocacia <i>Aeron.</i> = Aeronáutica <i>af.º</i> = afeiçoado ou afetoso <i>Ag</i> = prata (<i>argentum</i>-metal) <i>ag., ag.º</i> (ABNT: <i>ago.</i>) = agosto <i>agl.</i> = aglutinação; aglutinado <i>Agr.</i> ou <i>Agric.</i> = Agricultura <i>Agrim.</i> = Agrimensura <i>Agron.</i> = Agronomia <i>agron.</i> = agrônômico <i>Ah</i> = ampère-hora <i>aj.</i> ou <i>aj.º</i> = ajudante <i>Al</i> = alumínio <i>AL</i> = Alagoas (Estado de) <i>Al.</i> = Alameda (toponimicamente) <i>alem.</i> = alemão <i>alf.</i> = alfabeto; alferes <i>Alg.</i> = Álgebra <i>alm.</i> = almirante; almude(s) <i>Alm.</i> = Almanaque(s) <i>alq.</i> = alqueire(s) <i>alv.</i> = alvará</p>

Fonte: LUFT, 1990

ANEXO C– EXEMPLOS DA ESCRITA E ABREVIATURA BRASILEIRA ATRAVÉS DOS SÉCULOS– SÉCULOS XVIII/XIX

Figura 7: Abreviaturas usadas nos séculos XVIII/XIX

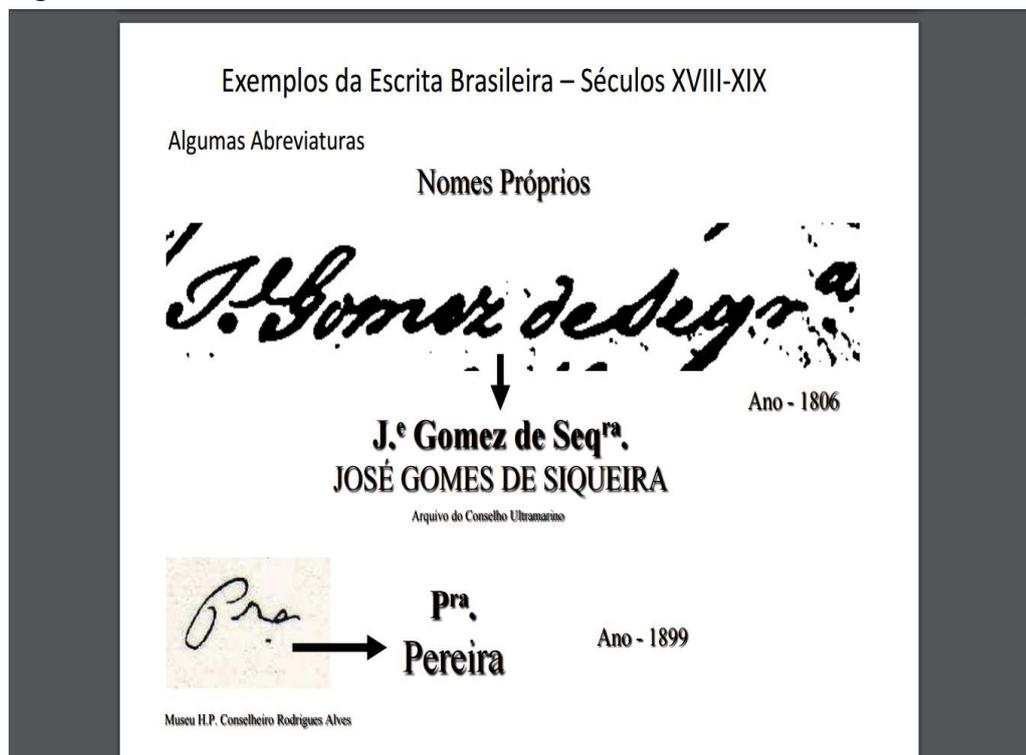


Fonte: Fagundes, 2011

Figura 8: Abreviaturas usadas nos séculos XVIII/XIX



Fonte: Fagundes, 2011

Figura 9: Abreviaturas usadas nos séculos XVIII/XIX

Fonte: Fagundes, 2011

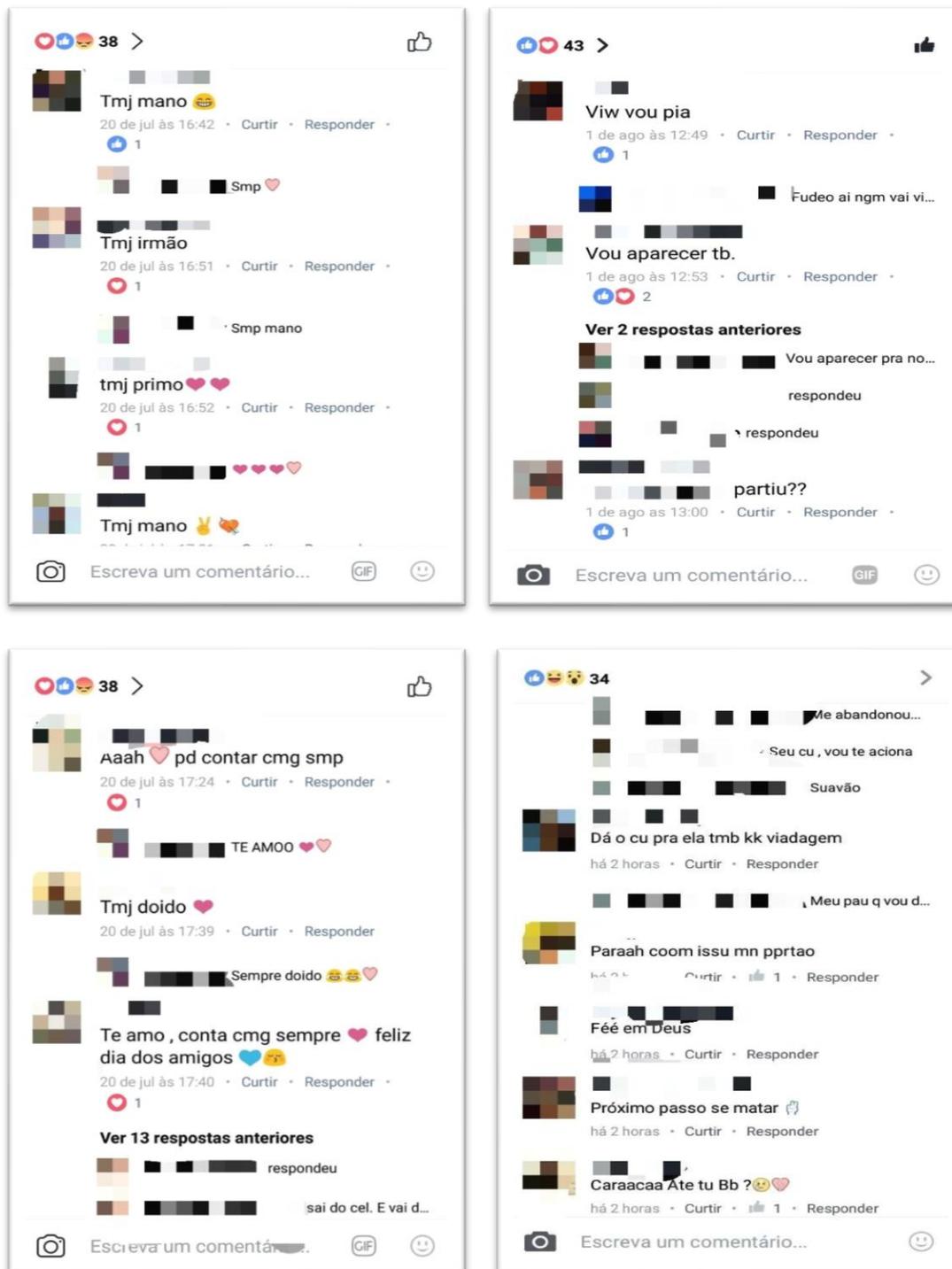
ANEXO D- QUADRO SOBRE ÍNDICES DE ALFABETISMO**Quadro 12:** Indicador de Alfabetismo

INAF / BRASIL - Evolução do Indicador de Alfabetismo (população de 15 a 64 anos)						
	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007	2009
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	21%
Básico	34%	36%	37%	38%	38%	47%
Pleno	26%	25%	25%	26%	28%	25%

Fonte: Bagno, 2012

ANEXO E- IMAGENS EXTRAÍDAS DAS REDES SOCIAIS COM EXEMPLOS DE ESCRITA ABREVIADA

Figura 10: Ocorrências de escrita abreviada nas redes sociais





compartilhou o vídeo de **Todo dia um hino diferente** – com

a 3a musica kkkkkkkkkkkkkkkkk DMX nostalgia de vdd ..

Todo dia um hino diferente adicionou um novo vídeo.
6 de ago às 00:01

NOSTALGIA parte 2



publicações da organizaçã

Curtir Comentar Compartilhar

compartilhou uma lembrança.
8 de abr às 09:56

Oi gnt sdds

Há 1 ano
Veja suas lembranças >

8 de abr de 2016 às 18:22

Quanto Mais Lindas Mais Inimigas 😊 Do Dia Ah Dia 🥰👉👈👉👈



Professora posso levar a ação de fluxo na próxima aula

Não devo permitir...mas como haverá a chance de acertar as pendências. e eu disse isso em aula... se vc quiser fazer e entregar, posso pensar em considerar alguma coisa.

Blz Vlw mesmo

A senhora a show mesmo

11 DE DEZ DE 2016 ÀS 03:13

Professora já não sou mais seu aluno

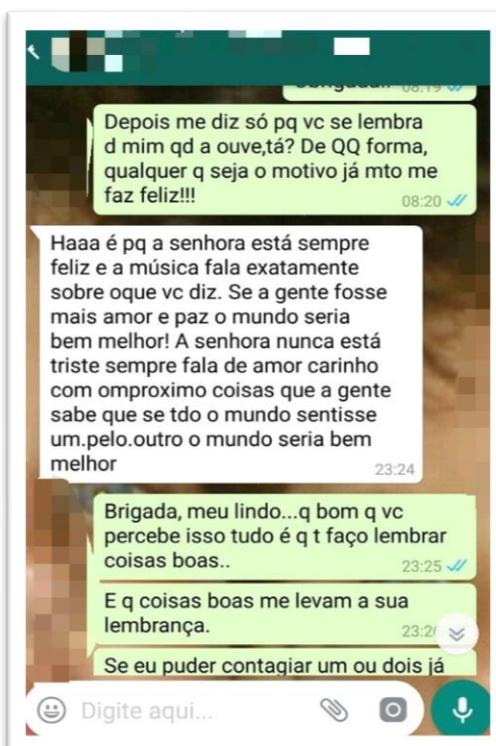
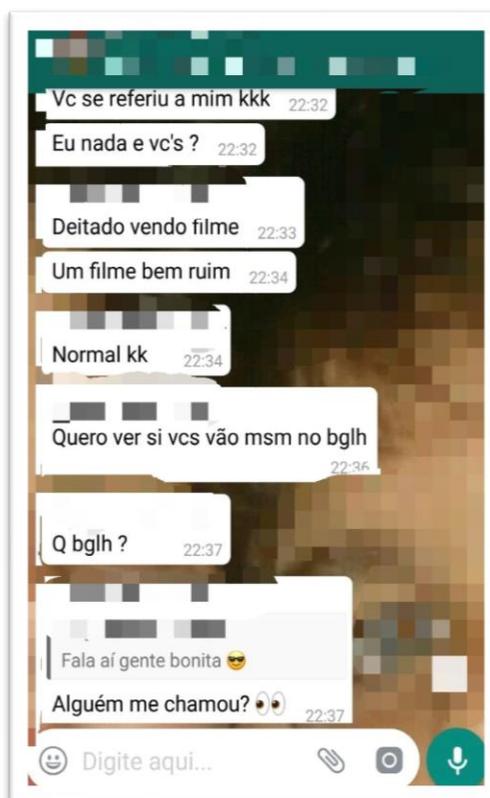
Já passei na senhora

11 DE DEZ DE 2016 ÀS 12:27

como a senhora ,e isso é tão gratificante. Vim aqui msm pra agradecer a senhora por tudo , talvez se Deus não pusesse a senhora na minha vida ,eu seria a pessoa mais infeliz que ja conheci .MUITO OBRIGADO ! Hoje suas palavras não só entraram no meu coração ,como entro brotando flores em lugares obscuro , suas palavras foram tão preciso pra mim . Não peço obad só por mim ,como também

que a morte não é a única saída. só vim agradecer a senhora msm , te adoro muito professora ,bjss

Meu Deus, Me fez chorar!!! Que Linda!!!!!!



ANEXO F – RESPOSTA NA ÍNTEGRA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Pergunta “O que você pensa sobre a escrita abreviada na Internet?”

1. Acho que é essencial pq é uma forma mais dinâmica de escrita
2. Uma tendência da evolução da língua para atender a uma nova demanda de seus usuários.
3. Atualmente, algo inevitável
4. Facilita a comunicação.
5. Eu acho um recurso necessário a ser utilizado na internet.
6. Importante para o meio em que é utilizada, já que cumpre a função de emitir uma mensagem de forma rápida.
7. É ruim
8. Prática
9. Penso que é uma estratégia para acelerar o processo comunicativo.
10. Uma "faça de dois gumes", pois facilita e agiliza a comunicação, porém traz vícios para a redação de textos oficiais.
11. Forma de agilizar a comunicação, mas que estimula a falta de aprimoramento linguístico.
12. Penso que seria uma situação gerada pela necessidade de se comunicar com velocidade.
13. Acredito que é uma forma prática de comunicação.
14. A escrita abreviada é própria da linguagem digital (online), assim como também existem as demais abreviações na língua. Acredito ser preciso difundir a sua existência com naturalidade. Dessa forma, diminuiria o preconceito com as abreviações digitais e, de forma mais abrangente, com o internetês.
15. Uma linguagem que faz parte do cotidiano dos jovens e, se for bem trabalhada, pode ser útil como ferramenta de estudo e comunicação.
16. Torna a comunicação mais rápida.
17. Adequada ao meio de comunicação
18. Uma linguagem da internet. Cada espaço tem seu tipo de linguagem e isso precisa estar claro.
19. Dinamiza o tempo
20. Há espaços legitimados para esse tipo de linguagem.
21. Mais uma forma de comunicação
22. É muito prática
23. Acho importante pois só nos mostra o quanto a língua é viva e dinâmica
24. Útil e adequada para o ambiente virtual
25. Nada contra desde que com uso moderado
26. Acho inteligente e criativa, além de prática
27. Reconheço como variação linguística aceitável em seu devido contexto
28. Interessante

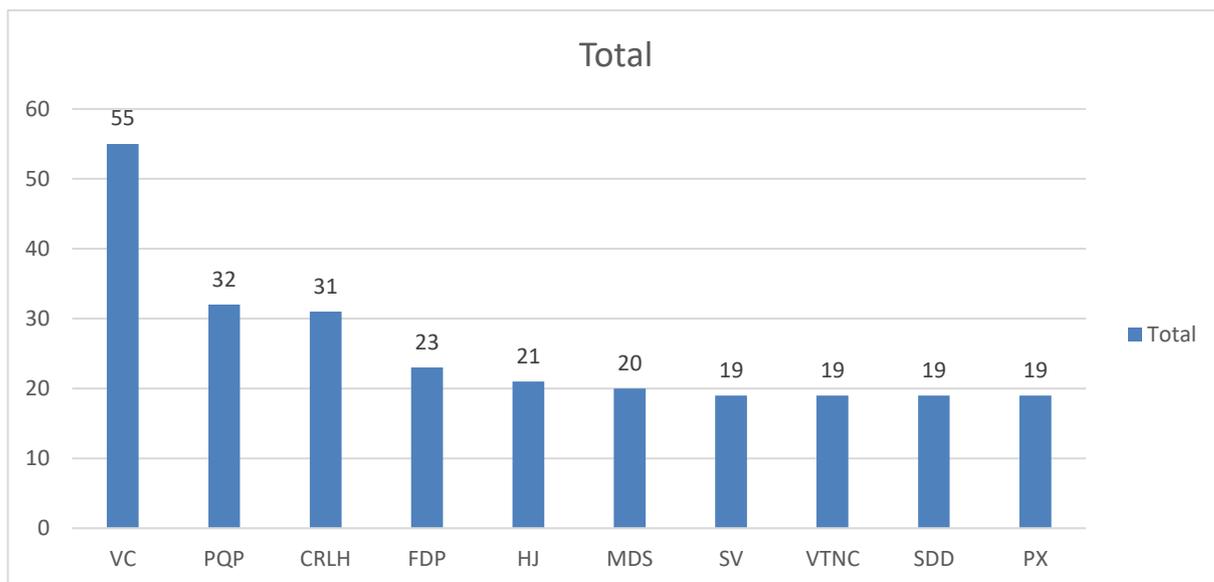
29. Útil apenas no uso informal
30. Apesar de, na internet, as pessoas (jovens, adultos e crianças) usarem uma escrita abreviada, essa escrita, porém, não é novidade: manuscritos antigos já apresentavam essa forma de escrever. Portanto, a escrita abreviada não surgiu como influência da internet.
31. Não uso e não gosto
32. É uma forma de dar mais agilidade a explanação das muitas informações que queremos passar em pouco tempo. Mas seu uso deve ser feito só em situações de informalidade.
33. Não tenho uma opinião formada, mas as vezes acho exagerado e ruim.
34. Acho que é uma forma prática e rápida de se comunicar. Positivo e válido desde que não seja extrapolada para outros locais, onde ainda devem prevalecer as normas formais.
35. No meio digital, a rapidez se faz necessário e por isso usamos abreviaturas
36. Desde que a pessoa não fique "viciada", acho útil em mensagens rápidas.
37. É uma desvalorização da Língua Portuguesa
38. Acho válido desde que usado na maneira correta, sem vícios. O conhecimento da escrita formal é indispensável, mas a escrita abreviada na internet é válida, claro, em um papo informal.
39. Facilita a mensagem, mas causa um vício ao estudante.
40. Em determinados momentos eficiente, mas em outros representa uma perda significativa na nossa comunicação.
41. Penso que, enquanto internet, não afetará muito, pois o público na internet administra este tipo de escrita com total naturalidade que a comunicação entre si alcança o objetivo desejado

**ANEXO G – REDUÇÕES ORTOGRÁFICAS EXEMPLIFICADAS PELOS ALUNOS
EM SALA DE AULA**

*AMNH, BB, BGLH, BJS, BLZ, BX, CCRTZ, CMG, CRLH, CS, CTG, CTZ, DMS,
DPS, DX, FCBK, FDP, FDS, GNT, HJ, LOL, MDS, MLK, MLQ, MNH, MRM,
MRRT, MSG, MSM, MT, N, Ñ, ND, NGM, OBG, OBGD, PQ, PQP, PX, Q, QD,
QRD, RLX, RS, S, SBD, SDD, SFD, SLA, SLG, SMP, SQN, SV, TB, TLGD, TMJ,
TNC, TRQL, VC, VDD, VLW, VMS, VSF, VTNC, WPP, WTSP.*

ANEXO H - GRÁFICO COM AS DEZ REDUÇÕES ORTOGRÁFICAS MAIS CITADAS NO TRABALHO EM SALA

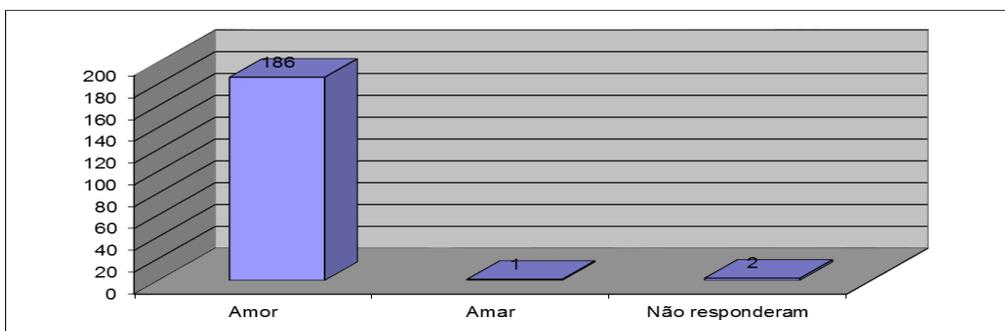
Gráfico 12: Dez reduções ortográficas mais citadas no trabalho em sala



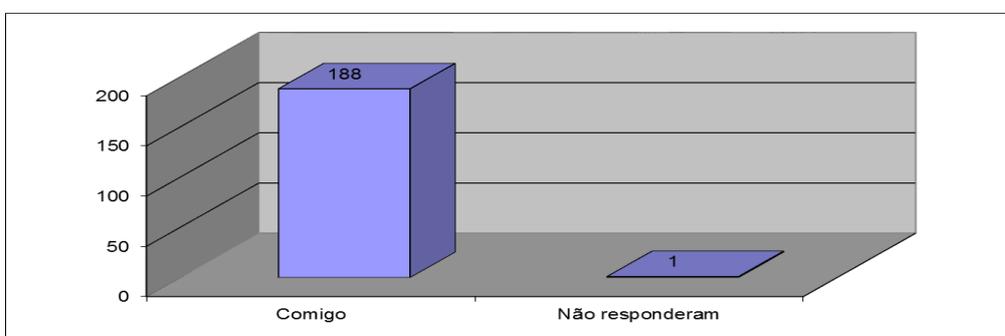
Fonte: SIMÕES, F. M. F.

ANEXO I- GRÁFICOS DA PESQUISA

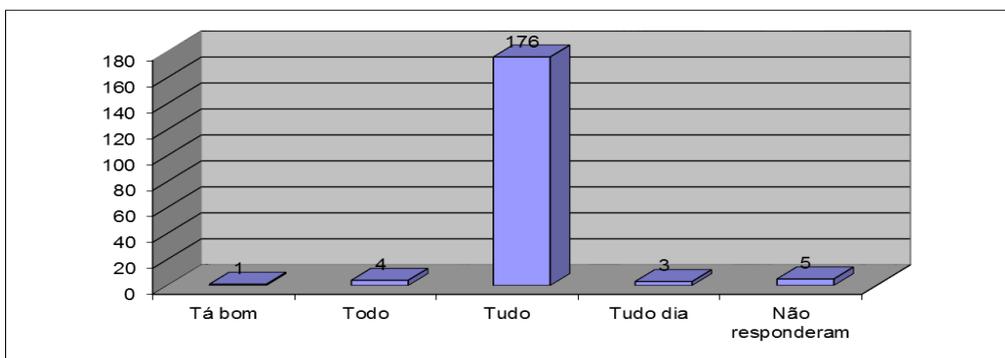
Gráficos 13: Resposta dos alunos para as palavras descontextualizadas questão 1 de 5.2(seção)



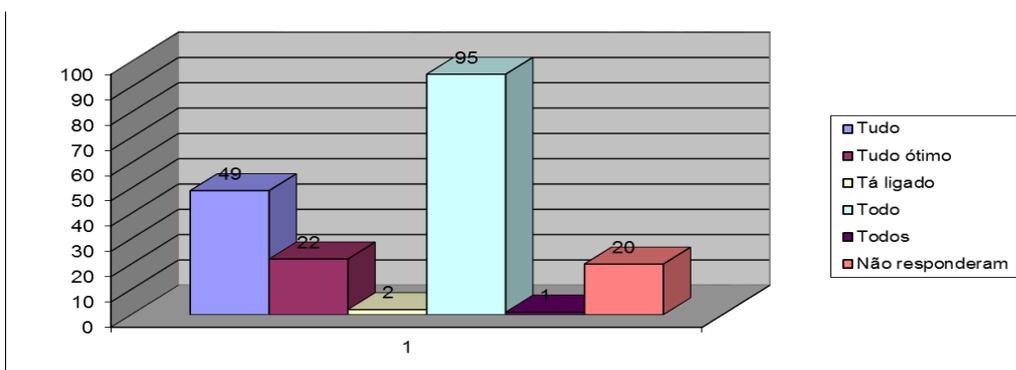
Escrita abreviada: Amr



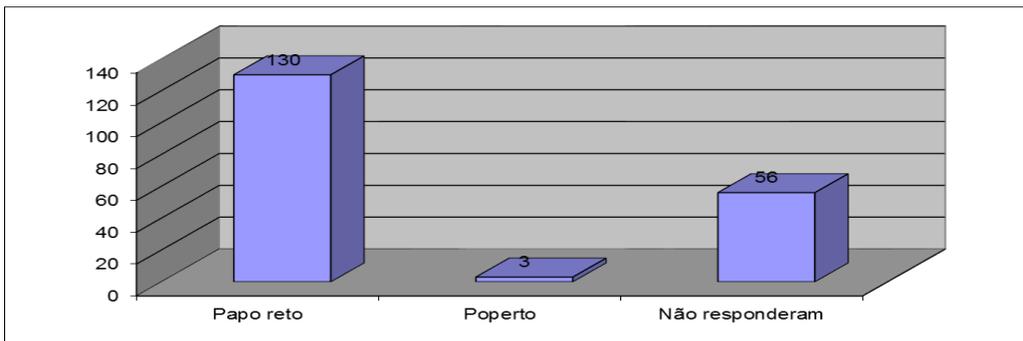
Escrita abreviada: Cmg



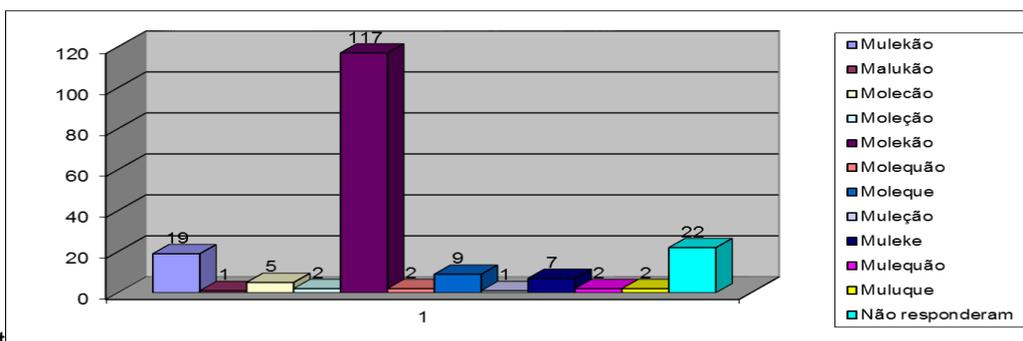
Escrita abreviada: Td



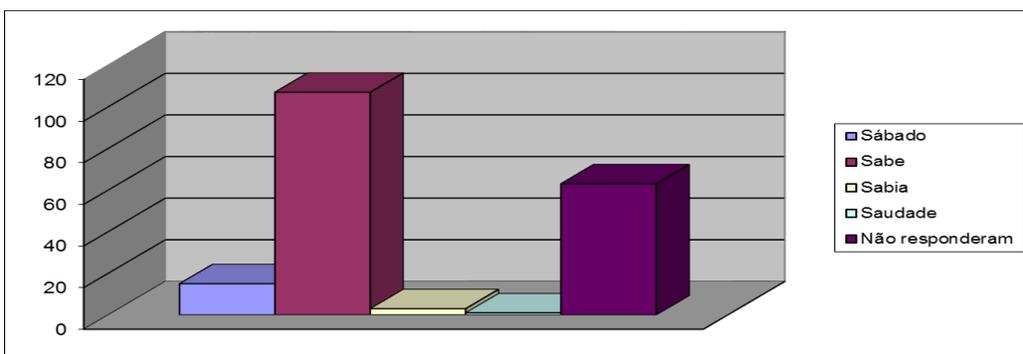
Escrita abreviada: Tdo



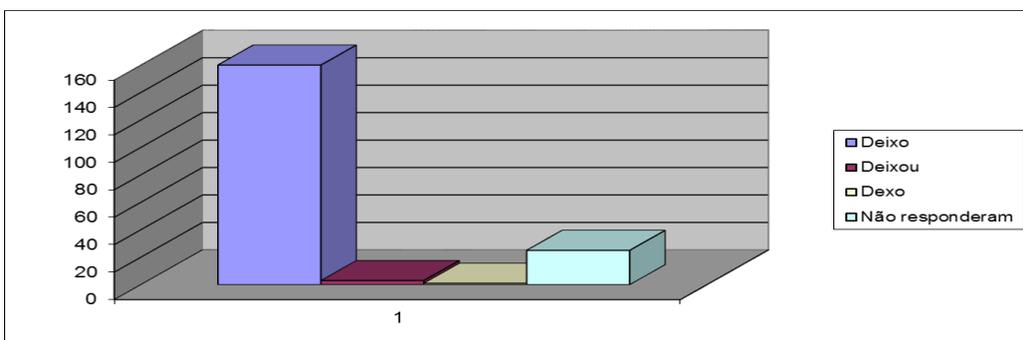
Escrita abreviada: ppr



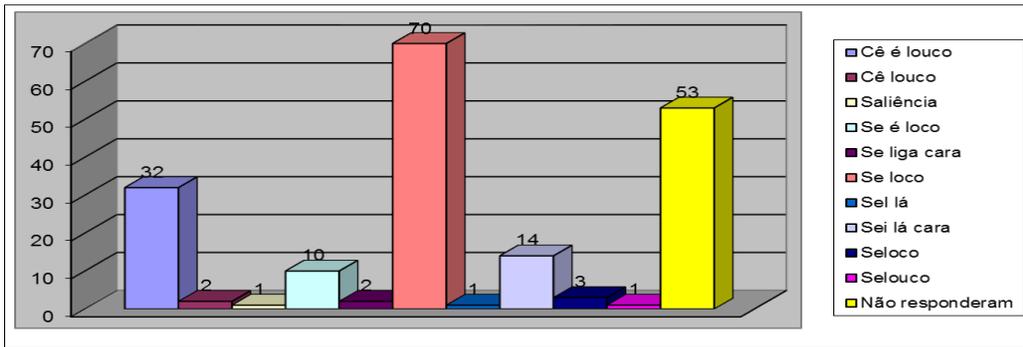
Escrita abreviada: Mlkão



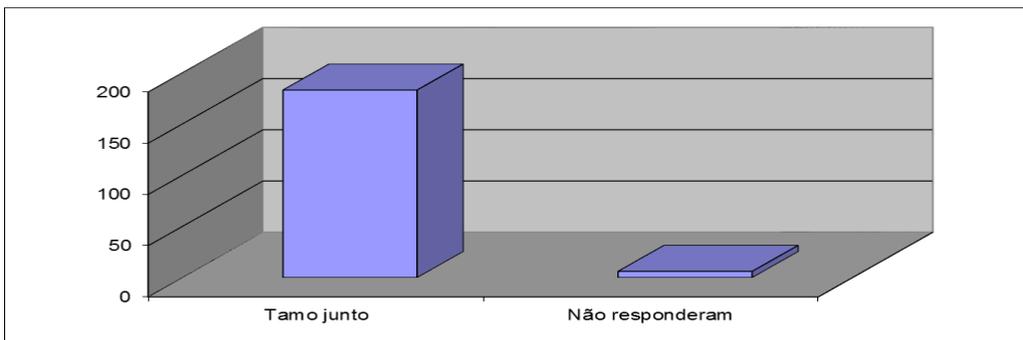
Escrita abreviada: Sb



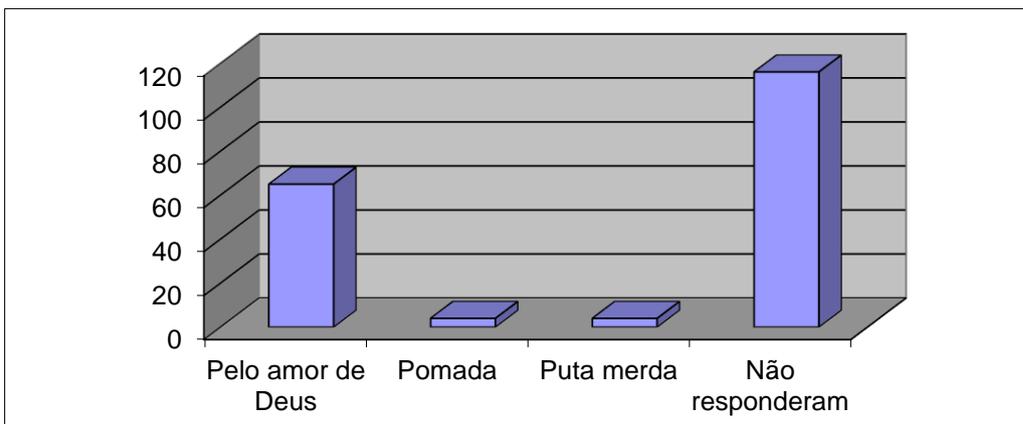
Escrita abreviada: Dxo



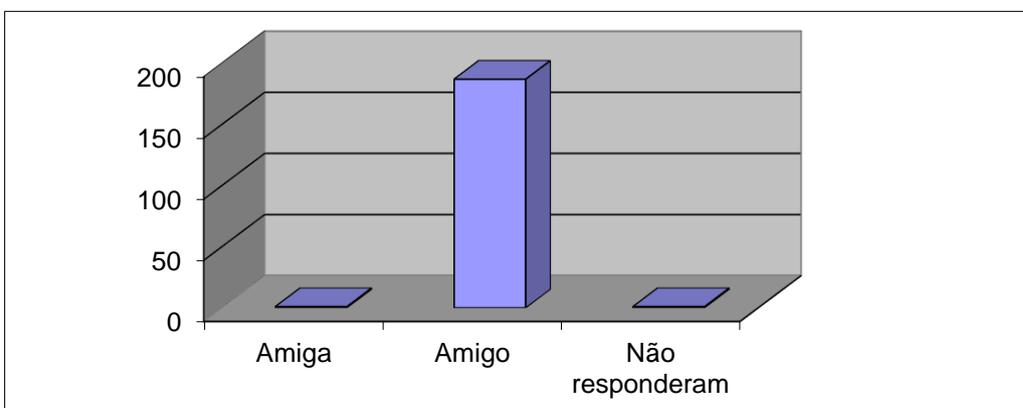
Escrita abreviada: Slc



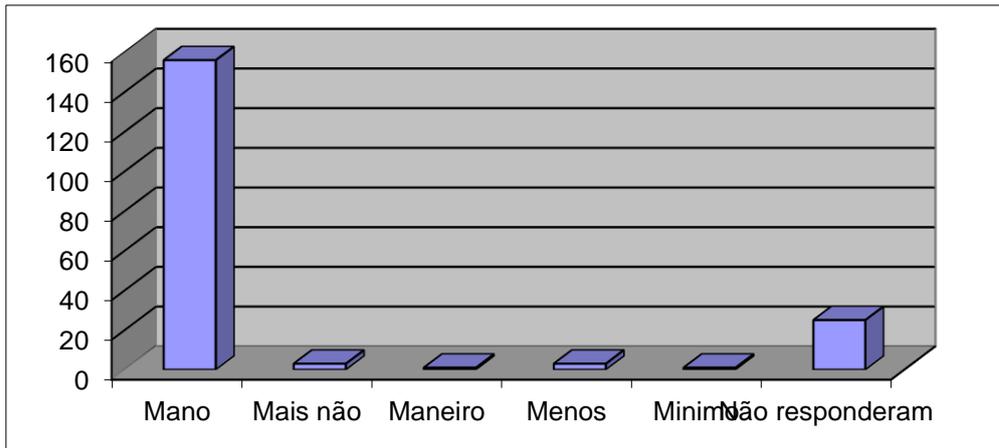
Escrita abreviada: Tmj



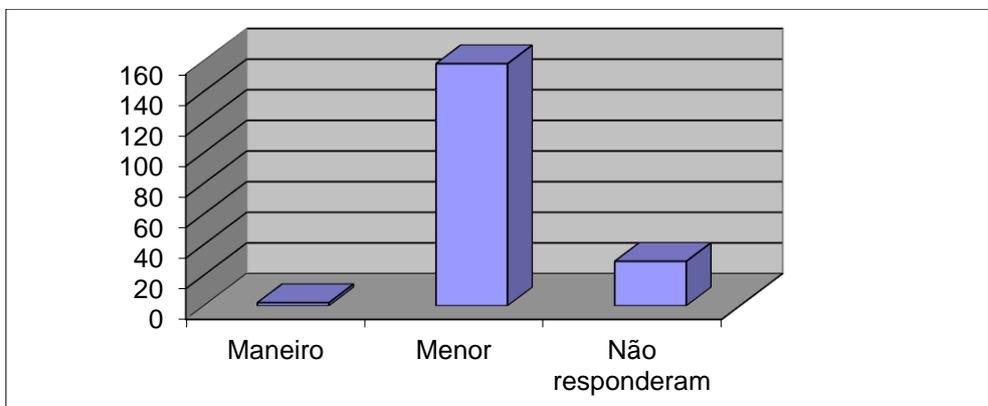
Escrita abreviada: Pmd



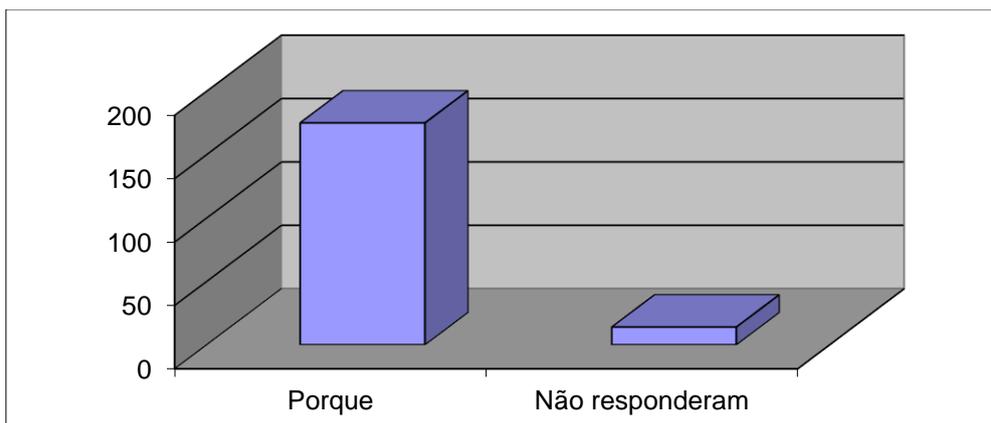
Escrita abreviada: Amg



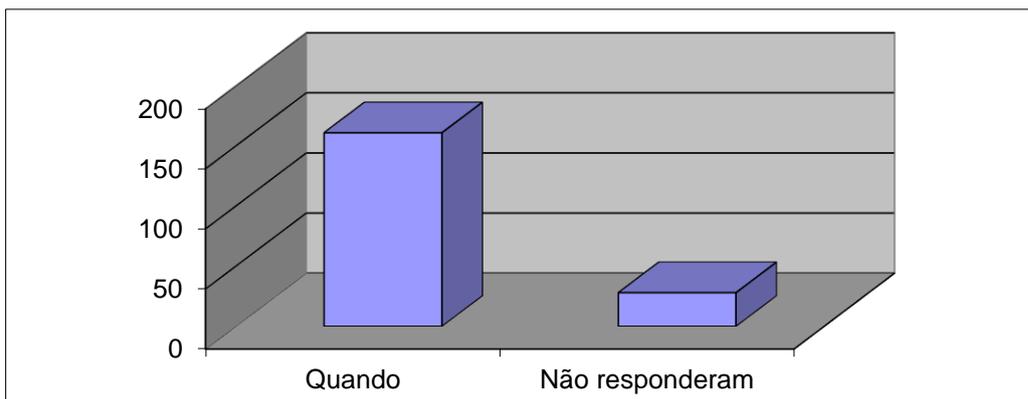
Escrita abreviada: Mn



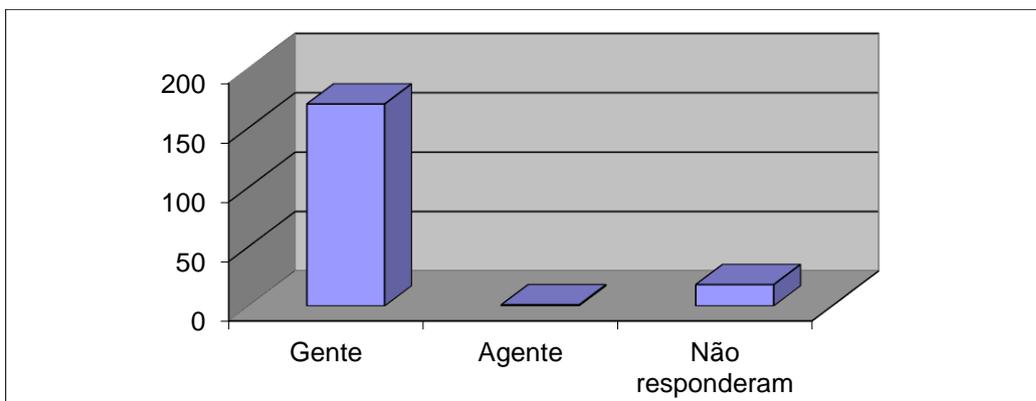
Escrita abreviada: Mnr



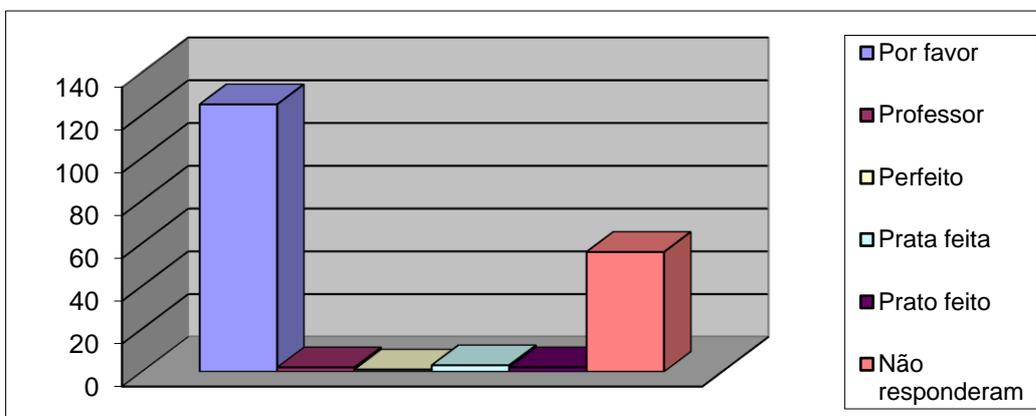
Escrita abreviada: Pq



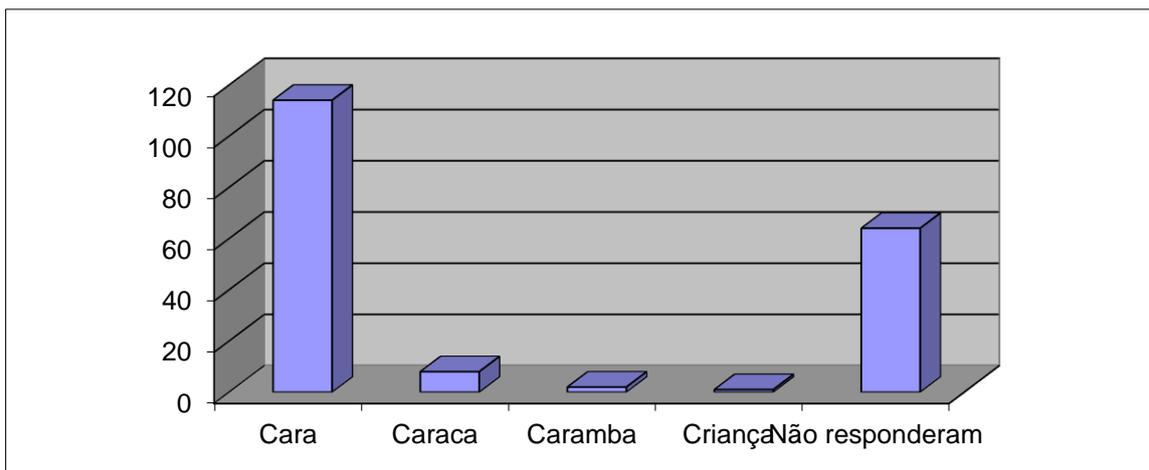
Escrita abreviada: Qd



Escrita abreviada: Gnt

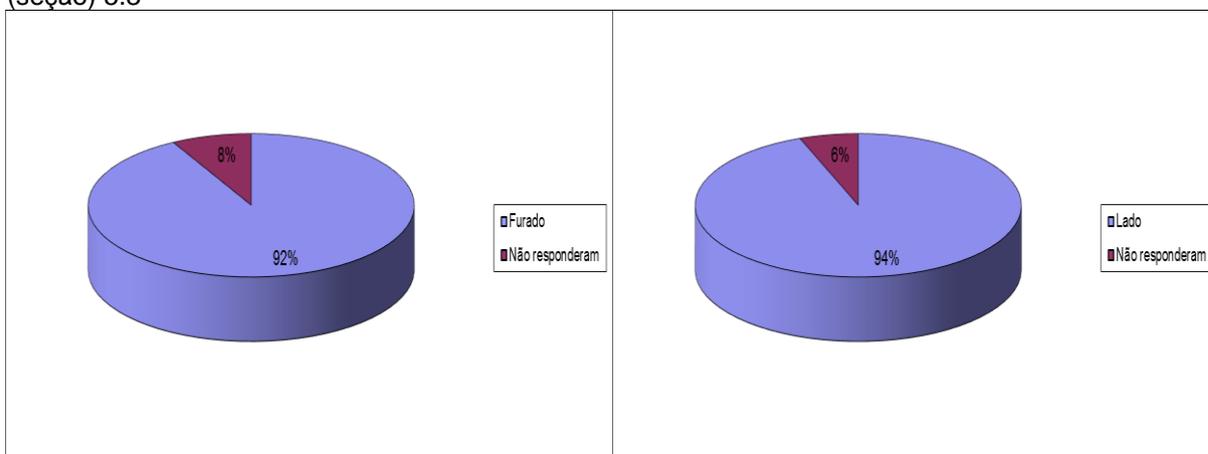


Escrita abreviada: Pf



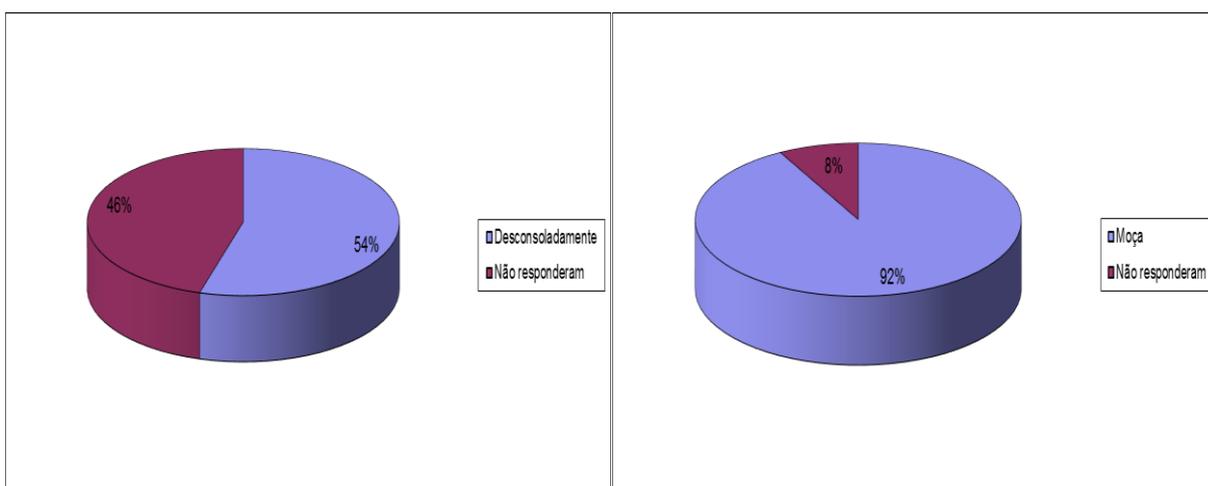
Escrita abreviada: Cra

Gráficos 14: Resposta dos alunos para palavras abreviadas contextualizadas. Questão E da atividade (seção) 5.3



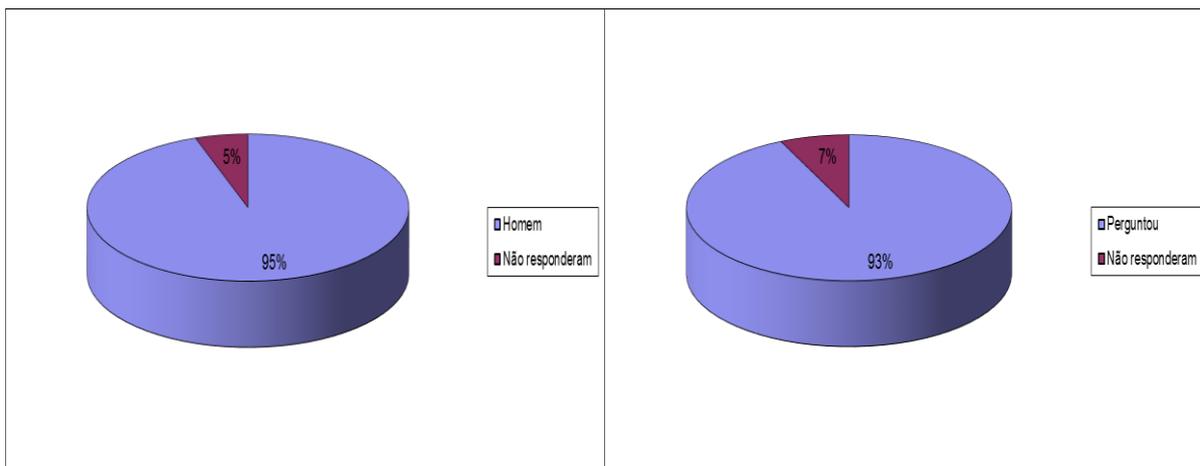
Escrita abreviada: Frd

Escrita abreviada: Ld



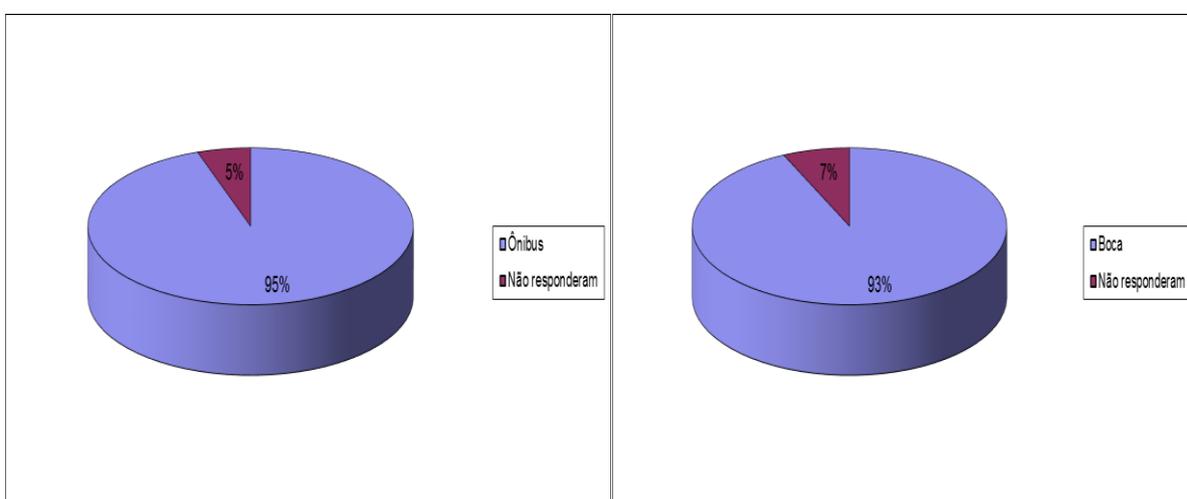
Escrita abreviada: dsconslmmt

Escrita abreviada: Mça



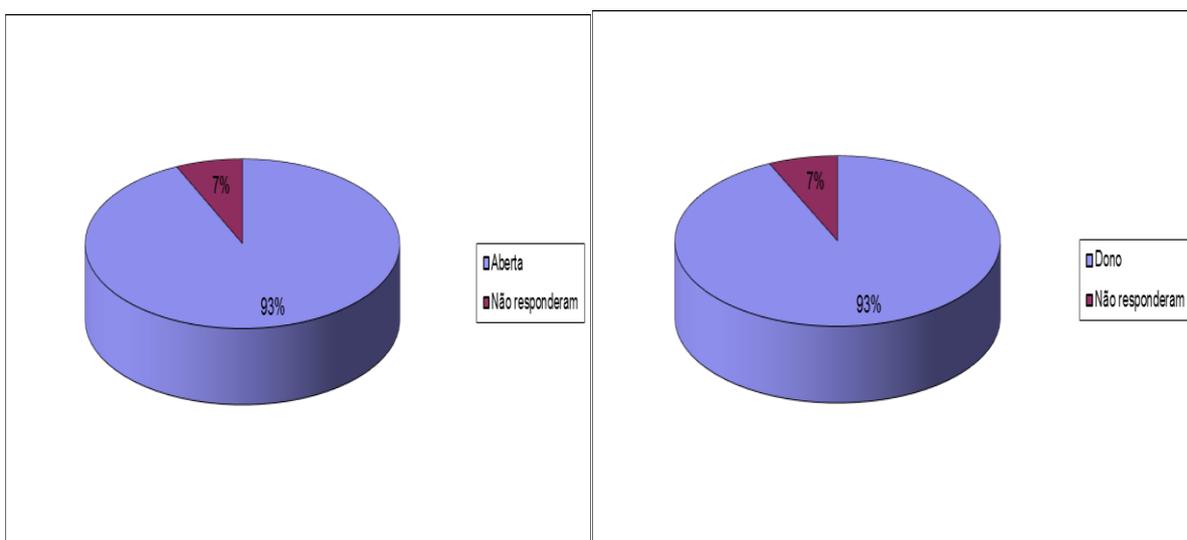
Escrita abreviada: Hmem

Escrita abreviada: Prgntou



Escrita abreviada: Ônibus

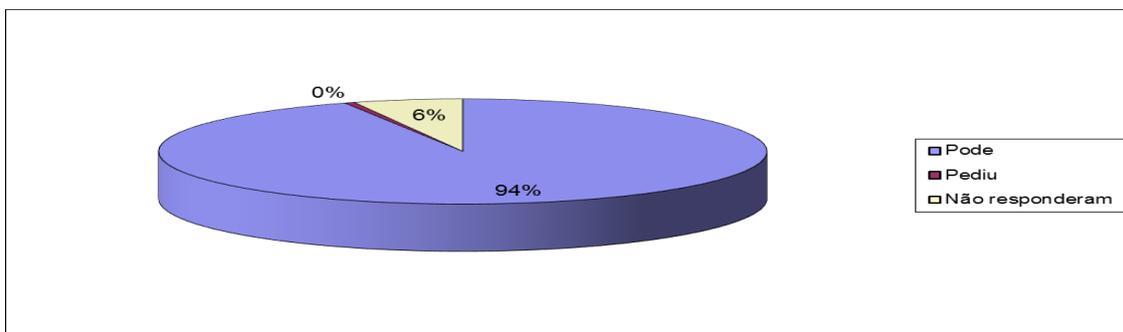
Escrita abreviada: Boca



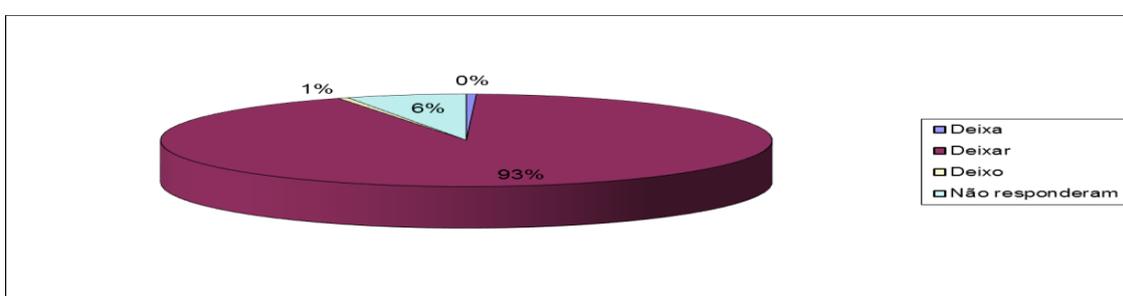
Escrita abreviada: Aberta

Escrita abreviada: Dno

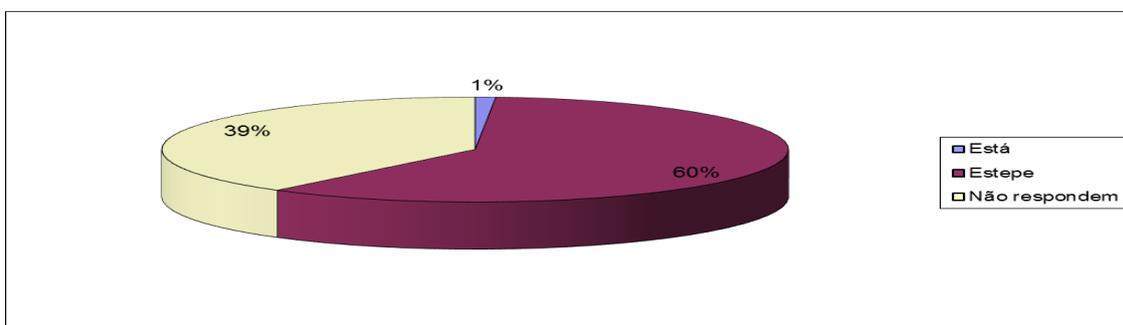
Gráficos 15: Resposta dos alunos para palavras contextualizadas – mais de uma interpretação



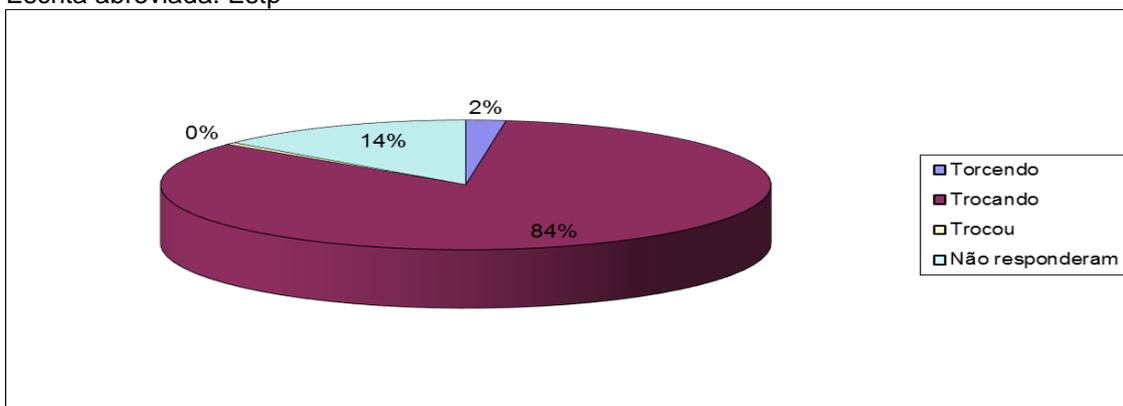
Escrita abreviada: Pd



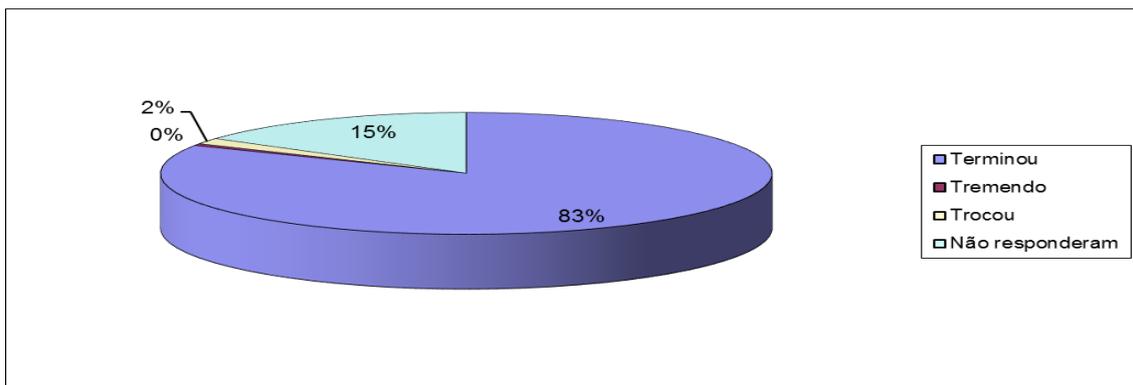
Escrita abreviada: Dxr



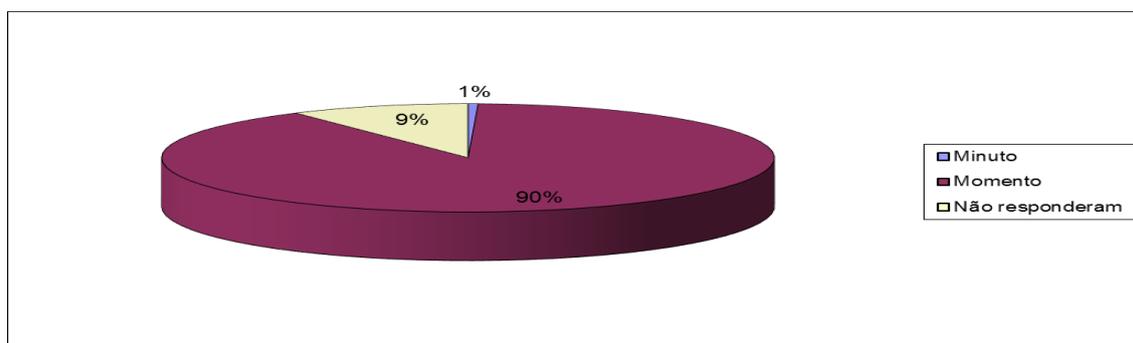
Escrita abreviada: Estp



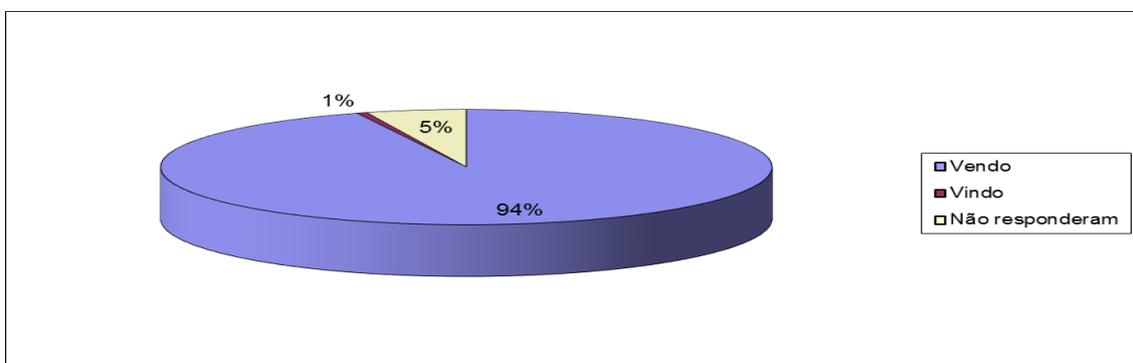
Escrita abreviada: Trcnd



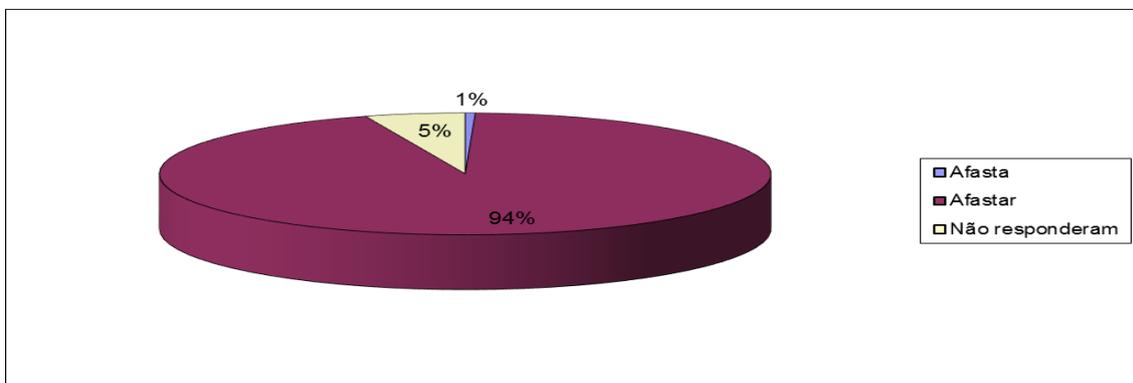
Escrita abreviada: Trmnou



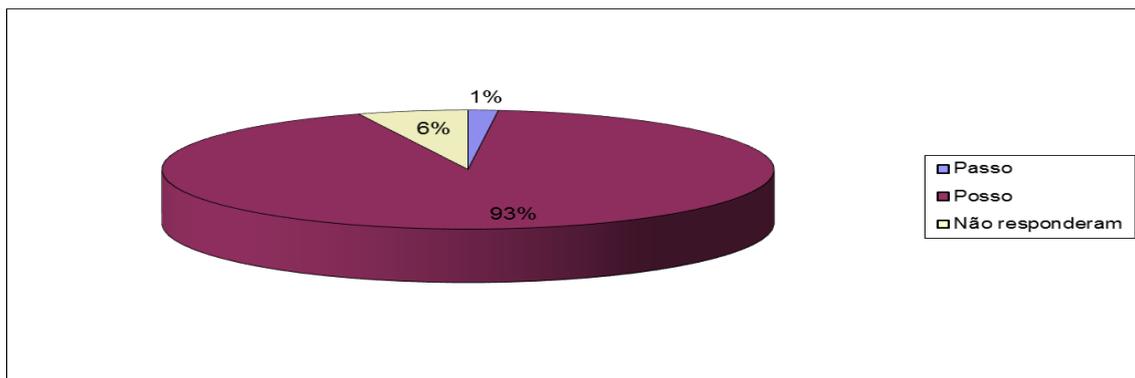
Escrita abreviada: Mmnto



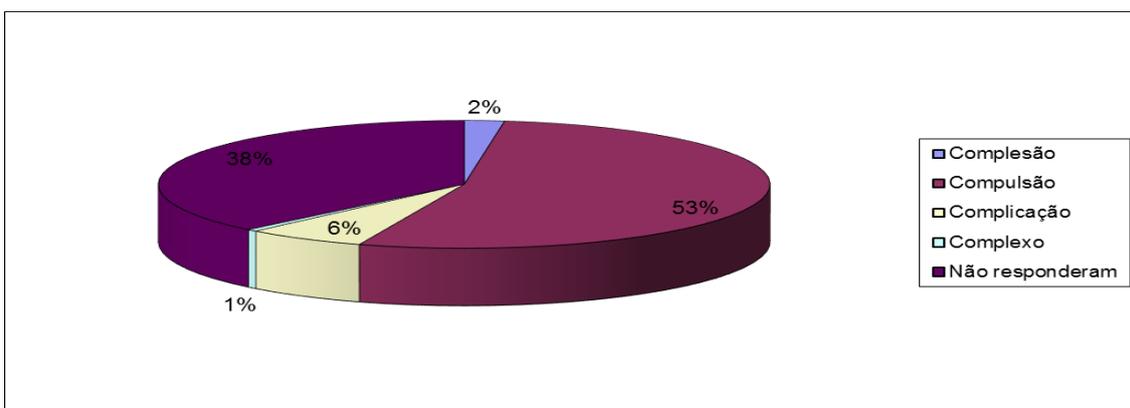
Escrita abreviada: Vndo



Escrita abreviada: Afstar



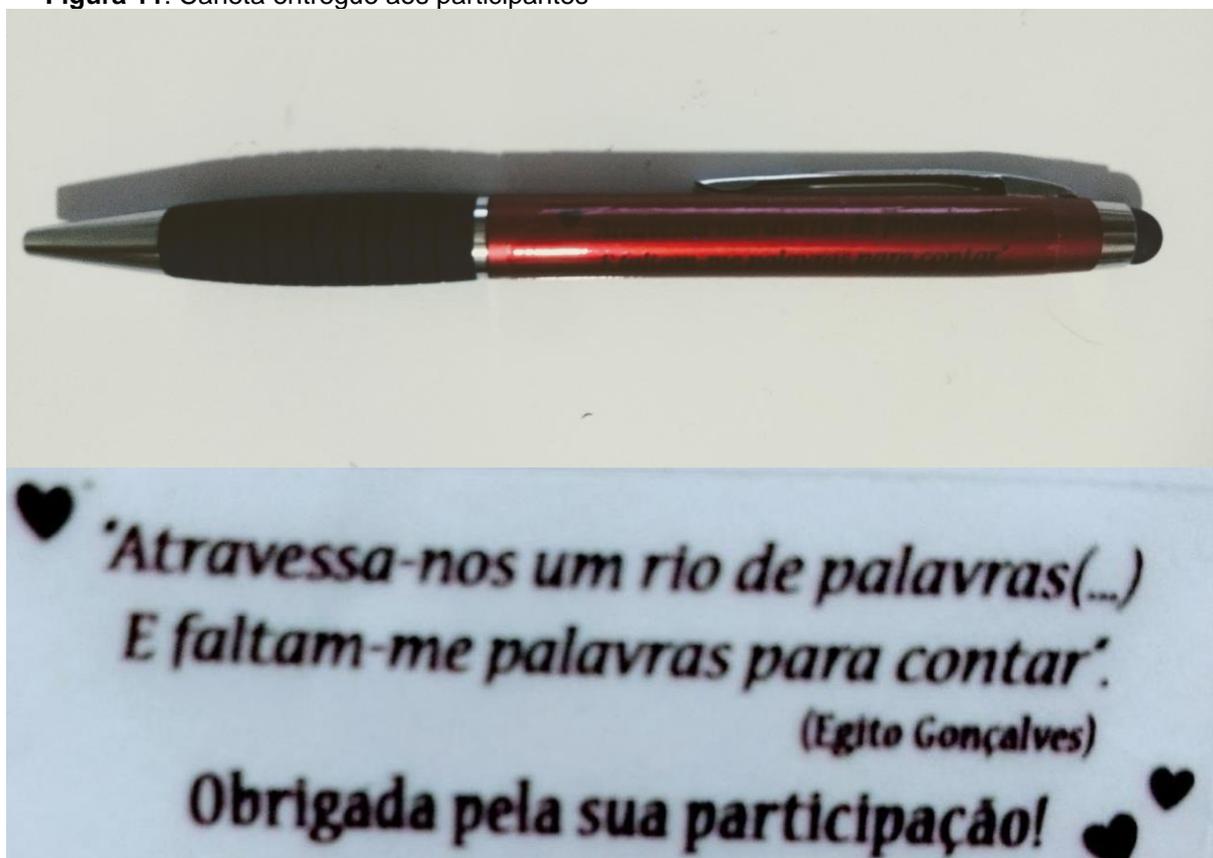
Escrita abreviada: psso



Escrita abreviada: cmplsao

ANEXO J- LEMBRANÇA DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E DAS ATIVIDADES AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Figura 11: Caneta entregue aos participantes



Fonte: SIMÕES, F. M. F.

ANEXO K – (PEQUENO) GLOSSÁRIO DE ESCRITA ABREVIADA DA INTERNET NO BRASIL

Este glossário contém as reduções ortográficas de que trata este trabalho recolhidas ao longo da pesquisa nas redes sociais dos sujeitos ou nas atividades realizadas em sala de aula sobre o tema propostas pela pesquisadora. Foram omitidas marcas de gênero e número assim como sufixos de grau, e demais flexões e derivações. Mantivemos as variações apresentadas para a mesma ideia por palavras/sintagmas/sentenças diferentes a fim de ser um material rico para consultas futuras.

ABÇ - ABRAÇO

ABS – VIDE ABÇ

AC – ACOMPANHE COMENTÁRIOS

ADD - ADICIONAR

AFF – REFERE-SE À EXPRESSÃO “AVE MARIA”, QUE VIROU “AFF MARIA”, COM VALOR INTERJETIVO DE DESCONTENTAMENTO.

AGR - AGORA

AK ~AKI – AQUI

AMG - AMIGO

AMNH - AMANHÃ

AMR - AMOR

AMZD - AMIZADE

AP - APARTAMENTO

APP - APLICATIVO

AQ – VIDE AK~AKI

AQL - AQUELE

BB – ¹BEBÊ

² DO INGLÊS *BYE BYE*(TCHAU)

BFF – DO INGLÊS *BEST FRIENDS FOREVER*, QUE SIGNIFICA POPULARMENTE MELHORES AMIGOS

BGL ~ BGLH ~ BGLHO - BAGULHO

BJ - BEIJO

BLZ - BELEZA

BR - BRASIL

BV – BOCA VIRGEM

C - ¹COM (como em “Vou *com* você”)

² VOCÊ (como em “ ‘Cê vai à festa?”)

CCRTZ – COM CERTEZA

CLG - COLEGA

CM – COM

CMG - COMIGO

CNT - CONTA

CNTG - CONTIGO

CRA - CARA

CRC - CARACA

CRL ~ CRLH - CARALHO

CRTZ - CERTEZA

CS - CASA

CTG - CONTIGO

CTZ - CERTEZA

D+ - DEMAIS

DLÇ – DELICIA (DA GÍRIA “DILIÇA”)

DM ~ DMS ~ DMX - DEMAIS

DND – DE NADA

DNV – DE NOVO

DPS - DEPOIS

DR – ¹ DOUTOR

² DISCUSSÃO EM RELACIONAMENTO

DSCLP - DESCULPA

DX - DEIXA

FB - FACEBOOK

FC - ¹FACE

²FACEBOOK

³ FICA

FCBK - FACEBOOK

FCR - FICAR

FDP – FILHO DA PUTA

FDS – ¹ FIM OU FINAL DE SEMANA

² FODA-SE

FKO - FICO

FL - FALA

FLND - FALANDO

FLR - FALAR

FLW – FALOU (NO SENTIDO DE “VALEU”, GÍRIA PARA AGRADECIMENTO)

FMZ - FIRMEZA

FT - FOTO

FZ – FAZ OU FEZ

FZR - FAZER

GLR - GALERA

GNT - GENTE

GRP - GRUPO

GRT - GAROTO

GT - GATA

HJ - HOJE

HRS - HORAS

KBÇA - CABEÇA

KD - CADÊ

KRA – VIDE CRA

KRL ~ KRLH – VIDE CRL ~ CRLH

KSA – VIDE CS

LG - LIGA

LGC - LÓGICO

LGR - LUGAR

LOL – DO INGLÊS *LOTS OF LAUGHT*, MUITAS RISADAS

COM – MICO (DE “PAGAR MICO”, PASSAR VERGONHA)

MDS – MEU DEUS

MLC - MALUCO

MLK ~ MLQ – MOLEQUE

MN - MANO

MNH – MANHÃ

MNR - MENOR

MNTS - MINUTOS

MRM – MERMO (DE “MESMO”)

MRRT - MARRENTO

MSG - MENSAGEM

MSM - MESMO

MT ~ MTO - MUITO

N ~ Ñ - NÃO

ND - NADA

NGM - NINGUÉM

NMR – NAMORO

NMRL – NA MORAL

NN – VIDE N

NRZ - NARIZ

NSS - NOSSA

NT - NOITE

OBG ~ OBGD - OBRIGADO

OMG – DO INGLÊS *OH MY GOD*

P - PARA

PD - PODE

PF ~ PFRV – POR FAVOR

PG - PAGO

PLMD ~ PLMDS ~ PLMRD ~ PMD – PELO AMOR DE DEUS

PPRT – PAPO RETO

PQ – PORQUE (E SUAS VARIAÇÕES)

PQN – PORQUE NÃO

PQP – PUTA QUE PARIU

PQS – PORQUE SIM

PRR - PORRA

PSE – POIS É

PV ~ PVD - PRIVADO

PX - POXA

Q - QUE

QLQR ~ QQ – QUALQUER

QD ~ QND - QUANDO

QR ~ QRO - QUERO

QRD – QUERIDO

QT ~ QNT - QUANTO

RLX - RELAXA
RS - RISOS
S ~ SS - SIM
SBD - SÁBADO
SDD - SAUDADE
SFD - SAFADO
SL ~ SLA ~ SLÁ – SEI LÁ
SLC – CÊ É LOUCO
SLG – SE LIGA
SLV – SÓ LI VERDADE
SMP - SEMPRE
SPT – SAPATA (DE SAPATÃO)
SQN- SÓ QUE NÃO
SQS – SÓ QUE SIM
SV - SUAVE
TB ~ TBM - ¹TAMBÉM
 ²TÁ BEM
TC - TECLA
TCNDO – TECLANDO
TD - TUDO
TDB - ¹TUDO DE BOM
 ²TUDO BEM
TDO – ¹TUDO
 ²TUDO
TDS - TODOS
TKL - TRANQUILO
TLG ~ TLGD – ‘TÁ LIGADO
TLVZ - TALVEZ
TMB – VIDE TB
TMJ – ‘TAMU JUNTO, DE “ESTAMOS JUNTOS”.
TML ~ TMLC – ‘TÁ MALUCO
TNC – TOMAR NO CU
TNT - TANTO
TRK ~ TRQL – VIDE TKL
TT – VIDE TNT

VC - VOCÊ

VDD- VERDADE

VLW – VALEU, GÍRIA NO SENTIDO DE AGRADECIMENTO

VMS - VAMOS

VSF ~ VSFD – VAI SE FUDER

VTMNC ~ VTNC – VAI TOMAR NO CU

WPP - WHATSAPP

WTF – DO INGLÊS *WHAT THE FUCK* (“O QUE É ISSO” DITO COM ESPANTO)

WTS ~ WTSP – VIDE WPP